

PRÓ-REITORIA DE ENSINO, PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE PERNAMBUCO – UNICAP
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

**NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ATUAÇÃO
FONOAUDIOLÓGICA NA ESCOLA**

MARIA CAROLINA CALDAS DIDIER

Pr^a Dr^a Wanilda Maria Alves Cavalcanti

(orientadora)

RECIFE
2006

MARIA CAROLINA CALDAS DIDIER

**NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ATUAÇÃO
FONOAUDIOLÓGICA NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como requisito para obtenção do grau de mestre em Ciências da Linguagem.

RECIFE
2006

D556n

Didier, Maria Carolina Caldas

Narrativas e representações sociais sobre a atuação fonoaudiológica na escola / Maria Carolina Caldas Didier ; orientador Wanilda Maria Alves Cavalcanti, 2006.

136 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 2006.

1. Fonoaudiologia. 2. Escolas. 3. Representações sociais.
I. Título.

CDU 612.78

**NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ATUAÇÃO
FONOAUDIOLÓGICA NA ESCOLA**

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Wanilda Maria Alves Cavalcanti

Prof^ª. Dr^ª. Ana Augusta Cordeiro

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Vilar de Melo

DEDICATÓRIA

Hoje, talvez, eu seja um fruto, um fruto vindo de uma árvore de raízes fortes e fincadas em terra, mas que foi retirada bruscamente de seu lugar de origem.

Eu sou o fruto,
você é a árvore,
árvore eterna
da Fonoaudiologia Escolar

Minha eterna gratidão a Maria das Graças de Sá Leitão Didier

AGRADECIMENTOS

Este momento é, para mim, de muita satisfação, pois chegou a hora de demonstrar todo o meu carinho e a minha gratidão por aqueles que percorreram as entrelinhas deste trabalho, não apenas pelos que contribuíram concretamente para a árdua construção desta dissertação, mas por todos que, de alguma forma, iluminaram-me com sua energia positiva.

Primeiramente, a Deus, que nunca falhou quando precisei tomar decisões em minha vida. Ele, com sua presença constante em meu coração, sempre me levou a escolhas felizes.

À Profª. Doutora Wanilda Cavalcanti, por ter me recebido como orientanda de maneira tão amável desde o nosso primeiro encontro, quando externalizei minha paixão pelo tema abordado, bem como pelas críticas e sugestões relevantes feitas durante a orientação.

Aos componentes da banca examinadora, que, com suas indispensáveis sugestões, tornaram a minha dissertação ainda mais valiosa. Em especial, a Fátima Vilar, pela sua disponibilidade e amizade ao longo destes dois anos.

Aos meus mestres do período de graduação em Fonoaudiologia e do Mestrado em Ciências da Linguagem, por acreditarem em mim, com convicção, acolhendo-me em todos os momentos.

Aos meus pais, que, somente em pensar, já fazem meu coração transbordar de emoção. Por meio de nossa relação de amor, amizade, admiração e companheirismo, eles souberam me apoiar mesmo quando não estavam certos se aquele seria o melhor caminho. Sem a presença deles em minha vida, eu posso dizer que perco a metade de mim.

Aos meus irmãos, hoje, já me percebendo como “gente grande”.

Ao meu cunhado, que, mesmo não estando mais neste plano, certamente está sentindo o orgulho de um pai quando presencia o crescimento de uma filha.

Ao meu sobrinho Pedro, que buscava inocentemente apagar o meu cansaço com um doce sorriso. Ele sempre será minha fonte mais gostosa de inspiração.

A Jorge, meu companheiro inseparável, pela paciência e compreensão durante os momentos mais difíceis pelos quais passei na construção desta dissertação.

A Fátima Costa, pela amiga que foi, como foi, e que é, presente na saúde e na doença durante toda esta jornada.

A Kelly, corretora de Português, por sua disponibilidade em corrigir este trabalho sempre que eu a solicitava.

Por último, lembrando que os últimos são sempre os primeiros, aos membros das duas escolas em que atuo como fonoaudióloga escolar, pela credibilidade que depositam em mim e pela compreensão que tiveram devido as minhas ausências no trabalho.

RESUMO

A Fonoaudiologia teve sua origem no meio educacional quando os fonoaudiólogos ainda eram chamados de reabilitadores e buscavam solucionar os problemas de linguagem dos educandos dentro da própria escola. Na atualidade, detectamos alguns problemas de interlocução que levam a uma dificuldade no exercício dessa atividade. Considerando-se esse contexto, o objetivo do trabalho foi estudar as representações que se encontram na base dos discursos produzidos por fonoaudiólogos e por professores sobre a atuação fonoaudiológica na escola, a fim de alcançar uma melhor compreensão a respeito do que circula entre esses profissionais, contribuindo, assim, para a consolidação da sua identidade profissional. Através dos dados obtidos com a realização de uma entrevista semi-estruturada, com oito participantes, buscamos analisar os resultados encontrados a partir de duas perspectivas: uma dialógica, sugerida por Bakhtin, que considera a interação como uma realidade fundamental para a linguagem; e outra, correspondente às idéias de Moscovici sobre as representações sociais geradas pelas influências comunicativas em ação na sociedade e que podem ser expressas por meio do senso comum. Os nossos achados sugerem que a Fonoaudiologia, tal como a conhecemos em Recife, não apresenta clareza em relação à sua proposta de atuação no meio escolar. Os fonoaudiólogos entrevistados possuem a representação de uma atuação ligada ao início da história da profissão, direcionada à percepção de dificuldades nos alunos, não compreendendo a promoção de saúde como uma forma mais eficaz de ação, demonstrando dessa maneira, uma visão reducionista de sua atuação, que se reflete na sua formação. A visão do professor sobre o mesmo tema, apesar de vinculada à detecção e ao tratamento de patologias, revela a necessidade do trabalho do fonoaudiólogo, especialmente se considerarmos a perspectiva inclusivista, bem como na prevenção fonoaudiológica para alunos e professores. Ao final da pesquisa, observamos que, se o investimento em estudos nessa área permanecer incipiente e, principalmente, se os poucos profissionais que atuam em instituições educacionais continuarem com uma visão limitada do seu papel, perderemos um campo de atuação da Fonoaudiologia, do mesmo modo que a Educação perderá um profissional que pode ajudar a gerar grandes mudanças no ensino.

PALAVRAS- CHAVES: representação; linguagem; atuação; escola.

ABSTRACT

The Speech and Language Therapy had your origin in the educational environment, when the speech and language therapists were called rehabilitators and they looked for solutions to solve the language problems of the educationalists inside the school. Nowadays, it was detected some problems in this interlocution witch carry to a difficult in this activity. In this context, the aim of this research was to study representations which are in the base of the teacher and therapist's discussions about the actuation of this last one, in the school, in order to reach a better comprehension between these professionals and contribute to the consolidation this professional identity. Through what was obtained by a middle structures interview, with eight participants, we looked for analyze the results founded into two views: a dialogic one, suggest by Bakhtin, which considers the interaction fundamental to the language, and the other, which also brings the Moscovici ideas, about the social representations conformed by the communicative action influences in the society and which can be expressed through the common sense. What we found in this research make us think the Speech and Language Therapy, as we know in Recife, it is not clear about the aims of the actuation inside the school. The Therapists interviewed still have an actuation representation bonded to the beginning of the history of this job, toward to the student's difficulties, a reductionism view which could be emerged in these therapist's formations who don't understand the healthy promotion as a most effective way to actuate in this reality. In the teacher's view, about this theme, in spite of realize the bond to detection and treatment of pathologies, could emphasize this professional actuating in an inclusive view and to a student and teacher's Speech and Language Therapy prevention. In the end of this research we observed that, if the study investments in this area, continue not enough, if changes doesn't happen in the university conceptions in relation to the action of this job in the school and, specially, if the few who actuate in educational institutions continue with this reductionism view about what to do, we will lose one more field actuation inside of the Speech and language Therapy, in the same way that the education will lose professionals who can help to generate big changes in the teach.

PALAVRAS- CHAVE: opinion; language; actuation; school.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
I A abordagem discursiva de Bakhtin e a teoria das representações sociais de Moscovici.....	14
1.1 Bakhtin e a palavra	14
1.1.1 O sujeito de Bakhtin	16
1.1.2 Polifonia, Enunciado e Enunciação	17
1.2 A teoria das representações sociais	19
1.2. 1 A interferência da voz do outro no momento da enunciação	19
1.2. 2 Principais processos das representações sociais segundo Moscovici	21
1.2. 3 O lugar da comunicação nas representações sociais	24
II A construção das bases da Fonoaudiologia em São Paulo e sua repercussão em Pernambuco	26
2.1 Contribuições de São Paulo anteriores à regulamentação da profissão do fonoaudiólogo.....	26
2.2 Origem da Fonoaudiologia em Pernambuco: do teórico ao prático	32
2.2.1 A presença de Ulisses Pernambucano e sua influência na escola e na formação do professor	34
2.2.2 Os insucessos na alfabetização como precursores da Fonoaudiologia em Pernambuco	36
III A Fonoaudiologia Escolar	41
3.1 Fonoaudiólogo Escolar: de agente detector de problema a promotor de saúde	41
3.2 Escola inclusiva e a participação do fonoaudiólogo.....	46

IV ASPECTOS METODOLÓGICOS	49
4.1 A constituição do corpus	49
4.2 Os sujeitos da pesquisa	50
4.3 Materiais e processo para obtenção dos dados	50
4.4 Procedimento para análise dos resultados	51
V ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	52
5.1 Análise e discussão dos dados obtidos dos fonoaudiólogos clínicos	54
5.2 Análise e discussão dos dados obtidos dos fonoaudiólogos escolares	70
5.3 Análise e discussão dos dados obtidos dos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I.....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS	109

INTRODUÇÃO

Conhecer a relação entre Fonoaudiologia e Educação exige buscar as origens dessa relação, a qual se confunde com a própria história da Fonoaudiologia.

Durante o percurso das “práticas fonoaudiológicas”, existiram momentos de maior aproximação e outros de distanciamento entre essas duas ciências, principalmente na época da institucionalização dos primeiros cursos de Fonoaudiologia, que priorizaram a formação clínica. Assim, a Fonoaudiologia nasce com e na Educação, distancia-se desta nos anos 60 e volta a se aproximar na época da regulamentação da profissão do fonoaudiólogo, quando ocorre maior desenvolvimento na área.

Refletir sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola e sua colaboração junto ao educador no desenvolvimento do processo de comunicação e de aprendizagem dos alunos é pensar que as grandes transformações podem começar a partir da forma de educar e do trabalho mútuo de profissionais envolvidos nesse processo.

Infelizmente, sabemos que a proposta para a atuação desse profissional ainda se encontra bastante obscura no entender dos próprios fonoaudiólogos e, conseqüentemente, no da escola. Além disso, há poucos representantes comprometidos com essa área, o que se constitui um fato que merece uma reflexão, a fim de que se entendam as razões de uma preferência tão pouco significativa por esse campo de atuação.

Na década de 80, o trabalho do fonoaudiólogo, em uma escola, compreendia, basicamente, a participação em equipe técnica e a realização de triagens. No caso de escolas especiais e de escolas regulares, além das atividades comuns, havia a preocupação com as particularidades da população atendida, devendo o profissional sugerir técnicas e estratégias que facilitassem a alfabetização, além de fornecer orientações para os pais sobre como lidar com as dificuldades específicas da criança.

Na atualidade, por razões diversas, ocorre uma grande dificuldade de inserção do fonoaudiólogo na escola, a qual, em grande parte, acreditamos que decorra da falta de conhecimento de sua proposta de trabalho, tanto por parte dos diretores quanto dos professores e

deles próprios. Esse fato, talvez, seja determinado por uma perspectiva sócio-histórica que percebe a Fonoaudiologia como uma área da qual não são esperadas grandes contribuições para o meio escolar, uma vez que realizar triagens não é o suficiente para que o profissional garanta sua efetividade no meio educacional.

Há uma diversidade de vinculações da Fonoaudiologia junto às instituições escolares, nas quais se pode atuar diretamente em uma unidade escolar, seja ela pública, privada, filantrópica ou de outra natureza. A Fonoaudiologia Escolar não deve estar restrita somente a avaliações e a orientações, mas a uma participação efetiva dentro do processo educacional, realizando um trabalho com toda a comunidade escolar.

Desconhecer o valor de um fonoaudiólogo na escola é deixar de colaborar para uma prática mais consciente, ignorando um trabalho interdisciplinar que poderá proporcionar grandes benefícios para o educando e para a entidade que frequenta. Valendo-nos dessa perspectiva e na intenção de resgatar a participação da Fonoaudiologia Escolar, procuramos estabelecer, como objetivo geral desta pesquisa, estudar as representações que se encontram na base dos discursos produzidos por fonoaudiólogos e por professores sobre a atuação fonoaudiológica na escola e, para atingi-lo, buscamos investigar qual a compreensão desses profissionais acerca da atuação fonoaudiológica na escola.

O principal paradigma da Fonoaudiologia Escolar, na atualidade, é privilegiar a “saúde”. Os últimos 20 anos da trajetória do fonoaudiólogo na escola foram marcados por práticas pouco coerentes com essa visão. Nesse sentido, faz-se necessário pensar sobre a sua efetiva participação nesse meio, a fim de contribuir para a consolidação da sua identidade, evitando a idéia de que se trata de uma pessoa que está na escola apenas para detectar problemas, bem como para que não percamos um campo de atuação.

Este trabalho está constituído de cinco **capítulos**. **No primeiro**, abordaremos a teoria bakhtiniana e a teoria das representações sociais que fundamentam as ressignificações que perpassam o contexto escolar a partir das narrativas e das representações dos sujeitos da pesquisa. **No segundo**, discutiremos a construção das bases da Fonoaudiologia em São Paulo e as suas repercussões em Pernambuco. **No terceiro capítulo**, o leitor encontrará as reflexões sobre o percurso da Fonoaudiologia Escolar, desde os momentos iniciais até as novas propostas de atuação, compreendendo a escola inclusiva que envolve o fonoaudiólogo. **No quarto capítulo**,

trataremos os aspectos metodológicos descrevendo: a constituição do corpus; os sujeitos da pesquisa; materiais e procedimentos para a obtenção e análise dos dados.

No quinto e último capítulo, serão apresentadas as análises e as discussões dos resultados obtidos na pesquisa. A fim de estudar o discurso dos entrevistados, trabalhamos com o conjunto de respostas interpretadas dentro do viés proposto por Bakhtin que considera o discurso uma prática dialógica e ainda utiliza, conceitos como polifonia, alteridade, enunciação, signo ideológico etc. Também empregamos os referenciais sugeridos pelas idéias de Moscovici, uma vez que esse autor conceitua a representação social como uma construção psíquica do sujeito, embora seja elaborada socialmente e, muitas vezes, através do senso comum. As considerações finais constituirão o último tópico a ser descrito. Seguem-se, a esse item, as referências e os anexos.

I - A ABORDAGEM DISCURSIVA DE BAKHTIN E A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MOSCOVICI

Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem. As gravações em pedra nos tempos da caverna, os mitos, a Bíblia, novelas de TV, filmes de cinema, peças de teatro são narrativas que podem ser orais, escritas, em prosa ou em verso, usando imagens ou não. Sendo assim, muitos teóricos conceituam a narrativa e fazem uso dela para seus estudos científicos.

Uma das definições mais clássicas é a de Labov, assim explicitada: “Narrativa é um método de recapitulação da experiência passada, igualando uma seqüência verbal de cláusulas à seqüência de eventos que ocorrem verdadeiramente (1972, p. 330).

Este capítulo apresenta as bases teóricas a partir das quais analisamos as práticas discursivas e as representações sociais expressas pelos participantes da pesquisa realizada através de narrativas. Utilizamos essas abordagens por compreendermos que as vozes dos interlocutores, naturalmente, são construídas considerando-se outros atores, conforme observamos na abstração das representações sociais sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola feita pelos entrevistados. Esperamos que o leitor consiga compreender todo o delineamento da pesquisa, fundamentada em Mikhail Bakhtin, no que diz respeito à sua noção de dialogismo, e nas idéias de Serge Moscovici sobre a teoria das representações sociais.

1.1 Bakhtin e a palavra

A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais (BAKHTIN, 2004, p. 66).

A palavra permeia todas as relações entre indivíduos, constituindo-se, portanto, o indicador mais sensível das transformações sociais. Ela representa o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova

qualidade ideológica. “A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKHTIN, 2004, p. 95).

Para Bakhtin, ideologia é todo o conjunto dos reflexos e interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras ou outras formas sógnicas. Desta maneira, a palavra está sempre carregada de um conteúdo, de um sentido ideológico, ou ainda vivencial, pois é assim que a compreendemos e apenas reagimos àquelas que despertam, em nós, ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (*apud* BRAIT, 2005a).

Bakhtin (2004) revela que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto e, mesmo sabendo que há tantas significações quantos contextos possíveis, nem por isso ela deixa de ser una. Ela não se desagrega em tantas palavras quantos forem os contextos nos quais pode se inserir.

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2004, p. 113).

Para o autor, a palavra é o signo ideológico por excelência, uma vez que se caracteriza por ser produto da interação social, por sua plurivalência. É o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia, retratando as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. “Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes” (BRANDÃO, 2002, p. 10).

Um signo, na verdade, é tanto parte de uma realidade, como também é capaz de distorcê-la. Dessa forma, todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica, por exemplo, se é verdadeiro, falso, bom ou correto. Portanto, o signo e o ideológico são correspondentes, pois onde se encontra o signo se encontra também o ideológico o qual apresenta um valor semiótico.

Sendo o signo um fenômeno do mundo exterior, todos os seus efeitos, ou seja, ações, reações e novos signos que ele gera no meio social, aparecem na experiência exterior. Compreender esse signo implica aproximá-lo de outros signos já conhecidos (Bakhtin, 2004).

Existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular – a comunicação na vida cotidiana. Esse tipo de comunicação é bastante importante, já que, por um lado, está diretamente vinculado aos processos de produção e, por outro lado, diz respeito às esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas. Por conseguinte, sendo a palavra o objeto fundamental do estudo das ideologias, ela está presente em todos os atos de compreensão e de interpretação, sendo também o objeto privilegiado da comunicação na vida cotidiana. É na palavra que a conversação e as suas formas discursivas se situam.

Assim, por meio da palavra empregada pelos entrevistados, foi possível analisar seus dizeres acerca da Fonoaudiologia Escolar, dizeres esses que, certamente, foram adquiridos na forma de comunicação da vida cotidiana.

1.1.1 O sujeito de Bakhtin

A proposta para uma definição de sujeito, no viés bakhtiniano, é a de alguém que não se perde nas especificidades generalizantes da classe, mas nem por isso cai numa singularidade absoluta. Bakhtin dá ênfase ao caráter relacional de sua construção como sujeito e ao seu aspecto ativo, bem como à construção “negociada” do sentido, recusando tanto um sujeito infenso à sua inserção social, sobreposto ao social, como um sujeito submetido ao ambiente sócio-histórico, um sujeito assujeitado. Sua proposta é a de conceber um sujeito que, sendo um eu para-si, condição de formação da identidade subjetiva, é também um eu para-o-outro, condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido.

Essa noção de sujeito implica pensar o contexto complexo em que se age, implica considerar tanto o princípio dialógico, que segue a direção do interdiscurso, constitutivo do discurso, porém que não se esgota nele, como os elementos sociais, históricos etc, que formam o contexto mais complexo do agir sempre interativo (no qual percebemos a polifonia, isto é, a presença de várias vozes ou de pontos de vista no discurso, que podem não ser evidentes ou não transparecer, não significando que estão ausentes). Esse autor e seus seguidores não consideram os sujeitos apenas como seres biológicos, nem como seres empíricos, eles têm em vista a situação social e histórica concreta do sujeito, tanto em termos de atos não discursivos como em sua transfiguração discursiva, sua construção em texto/discurso.

As reflexões bakhtinianas (*apud* BRAIT, 2005a, p. 43), sobre o primado da alteridade correspondem à necessidade do sujeito ter de passar pela consciência do outro para se constituir, “quando me olho no espelho, meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho, não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro”.

O autor, no momento em que examina o discurso na perspectiva da relação com o discurso do outro, privilegia a relação dialógica existente entre um texto em seu contexto e o outro texto nele presente. Para ele, a linguagem está fundada na relação e, portanto, salvaguardando o lugar fundante da alteridade, do outro, das múltiplas vozes que se defrontam para constituir a singularidade de um enunciado, de um discurso.

As idéias de Bakhtin sobre o homem e sobre a vida são marcadas pelo princípio dialógico, na medida em que a alteridade define o homem, uma vez que o outro é imprescindível para sua concepção. Nesse sentido, enfatiza que seria impossível pensar no homem fora das suas relações que o ligam ao outro.

1.1.2 Polifonia, Enunciado e Enunciação

Segundo Bakhtin (2004), a totalidade, o universal estão presentes nas múltiplas vozes que participam do diálogo da vida, já que a unidade da experiência e da verdade do homem é polifônica. O enunciado corresponde a um fenômeno muito complexo e multiplanar se não for examinado isoladamente, mas sim na relação com o seu falante e com outros enunciados a ele vinculados.

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva, pois ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (os falantes), entretanto, no âmbito desses limites, o enunciado reflete o processo do discurso, os enunciados do outro e, antes de tudo, os elos precedentes da cadeia.

Dessa forma, o dialogismo e a polifonia constituem características essenciais e necessárias, a partir das quais o mundo pode ser compreendido, e, interpretado de diferentes maneiras, tendo em vista seu estado de permanente mutação e inacabamento.

O enunciado aparece na obra de Bakhtin não como uma unidade convencional, mas como uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes e que termina

com uma transferência da palavra ao outro. O locutor encerra seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro.

A enunciação, nessa perspectiva, vai sendo tecida sempre numa dimensão discursiva, de caráter interativo, social, histórico, cultural. Essa enunciação, de natureza constitutivamente social e histórica, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos.

A visão da linguagem como interação social, na qual o outro desempenha papel fundamental para a constituição do significado, integra todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo. O percurso que o indivíduo faz até chegar à enunciação é conduzido socialmente, buscando adaptar-se ao contexto imediato do ato de fala e, sobretudo, a interlocutores concretos.

Bakhtin(2004) não só coloca o enunciado como objeto dos estudos da linguagem, mas com o papel de componente necessário para a compreensão e para a explicação da estrutura semântica de qualquer ato de comunicação verbal.

A linguagem, enquanto discurso, não significa apenas um instrumento de comunicação ou um pensamento secundário. Ela, enquanto discurso, surge a partir de interações sociais que não são relações passivas e desprovidas de intenções. Na verdade, a linguagem é repleta de intencionalidade e, por isso, é considerada, um lugar privilegiado para a manifestação da ideologia. É por meio da linguagem que o sujeito se insere em sua própria realidade, e esta se apresenta como um lugar de conflito e de confronto, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são históricos e sociais. Conseqüentemente, apenas se estuda a linguagem quando se toma conhecimento de suas condições de produção.

O dialogismo é o elemento constitutivo da linguagem e do próprio sujeito. Toda construção, inclui-se aí a própria consciência, social por natureza, compreende o trabalho de, no mínimo, duas pessoas e, até mesmo, do discurso interior. Isto é resultado de um processo de monologização de todas as vozes que nos constituem como sujeitos. “Dessa maneira, o sujeito é ativo e responsivo, todo enunciado é uma resposta ou réplica ao enunciado do outro” (SOUZA, 1998, p. 39), representa várias vozes a falarem simultaneamente sem que haja preponderância de uma delas.

Para Bakhtin, o dialogismo corresponde às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez,

instauram-se e são instaurados por esses discursos. Ele fala do *eu* que se realiza no *nós*, insistindo não na síntese, mas no caráter polifônico dessa relação exibida pela linguagem. Valoriza a fala, a enunciação e afirma sua natureza social, não individual. Expõe que a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, as quais vão estar sempre ligadas às estruturas sociais (BAKHTIN, 2004).

As idéias bakhtinianas de algum modo permeiam às de Moscovici (abordadas a seguir), uma vez que a comunicação, para as representações sociais, representa um ponto chave na prática discursiva entre sujeitos. Um sujeito coletivo apenas se constitui como sujeito quando está em relação com o outro.

1.2 A teoria das representações sociais

Nós pensamos com nossas bocas, acentuando o papel específico da conversação na gênese e partilha de nossas representações comuns (MOSCOVICI, 2003, p. 331).

Sabemos que estarmos informados sobre o mundo à nossa volta representa uma das necessidades do homem. Dentro dessa perspectiva, explicitada através do pensamento de Jodelet (2001), deparamo-nos com o fato de que, além de termos de nos ajustar a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente e ainda identificar e resolver os problemas que se apresentam, é por isso que criamos representações. Partilhamos esse mundo com os outros, para que nos sirva de apoio, às vezes, de forma convergente, ou ainda pelo conflito, para compreendê-lo, para administrá-lo ou para enfrentá-lo. Por esse motivo, as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana, servindo de suporte teórico para esta pesquisa.

1.2.1 A interferência da voz do outro no momento da enunciação

A noção de representação social foi elaborada por Serge Moscovici ao estudar as mudanças sofridas por uma teoria científica quando ela é disseminada na sociedade e apropriada por diferentes grupos sociais.

Segundo Moscovici (2004), a representação social constitui uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos.

Para elaborar sua teoria, ele partiu das reflexões de Durkheim sobre as representações coletivas e individuais, utilizando como referenciais, os trabalhos de Lévy-Bruhl, a teoria da linguagem de Saussure, fragmentos da teoria piagetiana e a teoria sociointeracionista de Vygotsky. Essas reflexões foram úteis quando o autor tentou explicar fenômenos sociais como a religião, os mitos e as ciências que ressaltam o seu conceito de representações coletivas. Esses tipos de representação poderiam insinuar uma diferença entre o termo individual, além de direcionar, exclusivamente, para as dimensões sociológicas. Por isso, Moscovici propôs, posteriormente, a substituição do termo coletivo por social, com a intenção de realçar o dinamismo social que existe no “fundo” das representações e que impregna a vida afetiva e a intelectual dos indivíduos. Dessa forma, as representações sociais teriam diversas dimensões que não somente a sociológica (VILAR DE MELO; GOUVEIA, 2001).

Enquanto Durkheim vê as representações coletivas como formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar que pode servir para integrar a sociedade como um todo, Moscovici esteve mais interessado em explorar a variação e a diversidade das idéias coletivas nas sociedades modernas, em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações (MOSCOVICI, 2004, p. 15).

O trabalho desse autor apresenta como foco principal, a defesa de que a criação coletiva está organizada, e, estruturada em termos de representações. Essa organização e essa estrutura tanto são conformadas pelas influências comunicativas em ação na sociedade, como, ao mesmo tempo, servem para tornar a comunicação possível. As representações podem ser considerados como o produto da comunicação, no entanto também é verdade que, sem elas, não haveria comunicação.

A representação social é uma realização psíquica do sujeito, embora seja construída socialmente. Não há uma representação que surja sozinha, por si mesma, ela é feita por um sujeito social sobre algo ou um objeto, sempre envolve um sujeito, um objeto e um outro sujeito, ou seja, a construção social ou a representação é sempre mediada pelo outro na relação

estabelecida entre ambos. Hoje, essa teoria se expandiu por todo o mundo e se tornou uma das contribuições teóricas mais duradouras na Psicologia Social.

Estudar o que cada profissional tem a dizer quando expõe suas experiências do dia-a-dia, demonstra como cada uma delas é forjada diante de uma realidade predeterminada por convenções que nitidamente definem suas fronteiras, quando diferencia mensagens significantes das não-significantes e liga cada parte a um todo, colocando cada pessoa em uma categoria diferenciada, *significa* (grifo nosso) mostrar que nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhes são impostos por suas representações, por sua linguagem e por sua cultura.

1.2.2 Principais processos das representações sociais segundo Moscovici

Pode-se dizer que cada fato, cada lugar comum têm guardado, dentro de si, um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e, um certo mistério. Para transformar idéias em palavras usuais, ou melhor, para transformar algo desconhecido em familiar, faz-se necessário colocar, em funcionamento, os dois mecanismos de um processo de pensamento, baseando-se na memória e em conclusões passadas. Esses processos, denominados de **ancoragem e objetivação**, são os que geram representações sociais (MOSCOVICI, 2004).

O primeiro mecanismo tenta ancorar idéias estranhas em categorias de imagens comuns, isto é, traduzi-las para um contexto familiar, dar nome a alguma coisa. O segundo mecanismo, denominado objetivação, transforma algo abstrato em algo quase concreto, transfere o que está na mente em algo que exista no mundo físico. Em geral, esses mecanismos transformam o não familiar em familiar, transferindo-o à nossa própria esfera particular, fazendo com que possamos compará-lo e interpretá-lo e, depois, reproduzi-lo através de coisas que nós podemos ver e tocar, e, conseqüentemente, controlar.

A realidade é, para a pessoa, em grande parte, determinada por aquilo que é socialmente aceito como realidade (LEWIN apud MOSCOVICI, 2004, p. 36).

Refletindo sobre essa citação, lembramos que as representações possuem duas funções: a primeira refere-se à convenção dos objetos, das pessoas e dos acontecimentos encontrados; e a segunda, às representações prescritivas, que impõem, às pessoas, uma força maior que se faz presente antes mesmo da pessoa pensar, além de trazer uma tradição que exige o que deve ser pensado, produto de uma seqüência completa de elaboração e de mudanças que ocorrem no decorrer do tempo e por várias gerações.

Todas as interações humanas entre duas pessoas ou entre grupos pressupõem representações, uma vez que é isso que as caracteriza. Assim, sempre que nos deparamos com pessoas ou com objetos e nos familiarizamos com eles, realizam-se representações. Elas se revelam como o produto de nossas ações de comunicação, capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. Por conseguinte, supomos que os próprios entrevistados sofreram a interferência da voz do outro no momento de sua enunciação.

É importante saber que as pessoas criam representações no discurso da comunicação e da cooperação, não conseguindo criá-las individualmente, e, uma vez criadas, juntam-se e separam-se, assim como dão oportunidade para que surjam novas representações. “Ao criar representações, nós somos como o artista, que se inclina diante da estátua que ele esculpiu e a adora como se fosse um deus” (MOSCOVICI, 2004, p. 41).

A influência de uma pessoa sobre outra acontece essencialmente por meio da comunicação do pensamento. Alguém provoca uma mudança no mundo externo que, sendo captada por outra pessoa, é vista como uma forma de indução para apreender esse pensamento e aceitá-lo como verdadeiro. O autor questiona se os grandes acontecimentos do mundo poderiam ter se tornado realidade sem a comunicação do pensamento. Ao mesmo tempo, revela que apresentamos uma tendência para considerar os pensamentos como irrealis porque parecem não possuir influência sobre os acontecimentos, embora pensar, falar, julgar, compreender sejam fatos da vida humana.

Estudar representações sociais implica estudar o ser humano como ser pensante, questionador, pesquisador e crítico, não como ele se comporta ou processa informação, mas como uma maneira específica de compreender e de comunicar o que nós já sabemos. Seu objetivo está focado na compreensão.

Essas representações devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e de comunicar o que nós já sabemos. A própria linguagem, quando carrega representações, localiza-

se no meio caminho entre o que é chamado de linguagem de observação, que expressa puros fatos e se tais fatos existem, e a linguagem da lógica, que expressa símbolos abstratos. Concordando com Moscovici (2004), a união da linguagem e da representação talvez seja um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo, por isso incluímos o pensamento desse autor na pesquisa que desenvolvemos, já que a Fonoaudiologia – ciência que estuda a linguagem como forma de comunicação – também carrega representações.

A teoria das representações sociais gera duas conseqüências. Primeiramente, ela exclui a idéia de pensamento ou de percepção que não possua ancoragem, e, em segundo lugar, essa teoria considera os sistemas de classificação e de nomeação não como meros meios de graduar e de rotular pessoas e objetos considerados como entidades discretas: “seu objetivo principal é facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões sociais” (MOSCOVICI, 2004, p. 70).

Com o somatório de experiências e de memórias comuns dos sujeitos, é possível extrair as imagens, a linguagem e os gestos necessários para superar o não familiar. Essas experiências e essas memórias são dinâmicas e os dois processos, ancoragem e objetivação, são maneiras de lidar com elas. A ancoragem mantém a memória em movimento, que é dirigida para dentro e está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, os quais ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A objetivação, sendo mais ou menos direcionada para os outros, tira daí conceitos e imagens para juntá-los no mundo exterior, com a finalidade de fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido.

É possível afirmar que opiniões e representações são criadas no curso de conversações, como maneiras elementares de relacionamento e de comunicação. Elas surgem em lugares reservados, são determinadas pelas dimensões físicas e psicológicas desses encontros entre indivíduos e modificam-se com o passar do tempo.

Da mesma forma, esse autor acredita que as intenções que ocorrem naturalmente no discurso das conversações possibilitam aos indivíduos e aos grupos se tornarem mais familiarizados com objetos e idéias incompatíveis para, desse modo, podem lidar com eles. A conversação está no centro de nossos universos consensuais porque ela configura e anima as representações sociais, dando-lhes uma vida própria (MOSCOVICI, 2004).

1.2.3 O lugar da comunicação nas representações sociais

As pessoas sempre aprenderam umas com as outras, o que não é nenhuma novidade, mas o que isso significa, para essa teoria, é que tanto o conhecimento como as crenças têm sua origem numa interação mútua e não são formadas de outro modo.

As representações sociais, constantemente e espontaneamente, tornam-se senso comum. Uma vez representações do senso comum, transformam-se em representações científicas e autônomas. Reconhecemos que o conhecimento popular do senso comum fornece, constantemente, o conhecimento que as pessoas têm a seu dispor e a própria ciência e a tecnologia não relutam em solicitar suas idéias quando necessitam. Dessa maneira, o senso comum oferece-nos acesso direto às representações sociais e é por meio dele que iremos buscar o entendimento das respostas de nossos entrevistados.

Sustento, pois, que as representações sociais têm como finalidade primeira e fundamental tornar a comunicação, dentro de um grupo, relativamente não-problemática e reduzir o vago através de certo grau de consenso entre seus membros (MOSCOVICI, 2004, p. 208).

Sabe-se que o vetor principal das representações é o discurso, pois é nele que sua elaboração circula, no discurso e nos sentidos é que as pessoas se orientam e se adaptam às coisas. Na verdade, nossas representações são sempre filtradas pelo discurso de outros, de nossas experiências, das coletividades às quais pertencemos. Todos os nossos discursos, as nossas crenças, as nossas representações são gerados de outras representações já existentes.

Desse modo, observa-se que não há representações sociais sem linguagem (linguagem sem representações sociais), já que, sem ela, não há sociedade. As representações sociais estão envolvidas com o pensamento simbólico e todo processo mental pressupõe linguagem, não podendo o lugar do lingüístico na análise das representações sociais, ser evitado: “as palavras não são a tradução direta das idéias, do mesmo modo que os discursos não são nunca as reflexões imediatas das posições sociais” (MOSCOVICI, 2004, p. 321).

Assim sendo, existe uma relação entre comunicação e representações sociais, pois não é possível comunicar sem partilhar determinadas representações, e uma representação só é

partilhada e se insere numa herança social quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação.

Quando a representação se refere a gêneros de comunicação, é interessante ressaltar o primeiro gênero, que é o da conversação, no qual o conhecimento do senso comum é formado. Por conta disso, Moscovici estabelece que devemos estudar formas de pensamento e de conhecimento inseparáveis da linguagem e da forma do gênero de comunicação.

Para mim, comunicação é parte do estudo das representações, porque as representações são geradas nesse processo de comunicação e depois, claro, são expressas através da linguagem (MOSCOVICI, 2004, p. 373).

Ainda comentando esse tema, Moscovici (2004, p. 352) afirma: “é evidente que as observações de nossas consciências e as representações são elaboradas durante nossas comunicações”. Ele descreve o modelo de comunicação, iniciando-o na popularização do conhecimento, quando ocorre uma transformação de uma idéia nova, elaborada por uma minoria (cientistas), pelo e no ambiente social. Após circular entre a maioria, essa idéia nova se torna motivo de conversações e de debates.

A teoria das Representações Sociais ajuda a compreender o processo de transformação do familiar em não familiar, além de fornecer o referencial interpretativo, tanto para tornar visíveis as representações encontradas na fala dos nossos sujeitos como para torná-las inteligíveis como formas de prática social.

II - A CONSTRUÇÃO DAS BASES DA FONOAUDIOLOGIA EM SÃO PAULO E SUAS REPERCUSSÕES EM PERNAMBUCO

As primeiras iniciativas de consolidação do papel do fonoaudiólogo tiveram sua origem em estados do Sul do Brasil, dentre eles, Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro etc. Em Pernambuco o curso de Fonoaudiologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em 1980, foi o pioneiro após articulações com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), se constituindo, como o primeiro reduto de ações para a implantação do primeiro curso de Fonoaudiologia. Este contexto, foi determinante para que a UNICAP buscasse implementar o diálogo já iniciado, com a instituição mencionada acima.

Desse modo, São Paulo representou a referência mais significativa na trajetória da Fonoaudiologia em nosso Estado. Daí a continuidade das articulações, motivo que nos levou a relatar a história desta ciência, a partir das ocorrências que tinham mobilizado aquele Estado na consolidação da identidade desse profissional.

A Fonoaudiologia, desde os seus primórdios, esteve vinculada à área da Educação, voltada para a escola e, paralelamente, envolvida com a área médica. Este capítulo retrata a participação de várias áreas do conhecimento como: Medicina, Pedagogia, Psicologia e suas influências para o fortalecimento da Fonoaudiologia que hoje é vivenciada.

2. 1 Contribuições de São Paulo anteriores à regulamentação da profissão do fonoaudiólogo

O contexto social, político e econômico que marca o surgimento das práticas fonoaudiológicas em São Paulo foi caracterizado pelo contato com a fala dos imigrantes nacionais (nordestinos) e dos estrangeiros (italianos, árabes, japoneses etc), fazendo surgir a necessidade de se estabelecer a língua padrão, válida em todo território nacional.

Nos anos de 1910 e de 1940, com a tendência de se padronizar (ou normatizar) a língua, apenas uma maneira de pronunciar os sons era aceita pela sociedade em geral. Essa perspectiva, situada historicamente, está articulada a uma série de interesses de grupos da sociedade e passou a ter um papel importante nas formas de organização social (BERBERIAN, 1995).

A idéia de unificação da língua em uma língua padrão surgiu com o movimento nacionalista, o qual pretendia fortalecer o país, valorizando a disciplina, o patriotismo, o desenvolvimento moral e o desenvolvimento pessoal por meio da educação. Como nesse período havia um grande número de estilos estrangeiros e regionais, a busca de neutralização da língua foi a forma encontrada para, em termos de língua nacional, unificar e modernizar o país. Pensava-se, nesse momento político, que a diversidade de língua e de dialetos levava a um atraso nacional.

Segundo Verri (1998, p. 6), as diferenças morais de valores e de comportamentos dos grupos sociais eram atribuídas à linguagem, que era analisada sob um prisma biológico e organicista, sendo que as diferenças com relação à norma eram concebidas como “defeitos”, doenças.

Com a proposta de sanar as patologias vindas do social, caracterizadas como diferenças lingüísticas decorrentes da idéia de contaminação da língua nacional, foram inseridos, na escola, profissionais de diversas áreas com o objetivo de impedir que as dificuldades atrasassem o desenvolvimento do país. Naquela época, o lugar considerado foco das doenças sociais era a escola e, por isso, médicos, sanitaristas, educadores e agentes públicos foram levados às instituições de ensino com o intuito de eliminar, definitivamente, o que era considerado um desvio da norma padrão brasileira.

Em São Paulo, a saúde escolar objetivava, por princípio, a inserção da prática médica na educação, sendo que seu principal foco era, como já mencionamos, a busca da normatização da língua. O grande crescimento urbano ocorrido justificado pela industrialização, trouxe, com ele, as doenças e, assim, a qualidade de vida da população ficou ameaçada. Pensando que tais problemas poderiam provocar uma diminuição da produtividade no trabalho, o movimento nacionalista criou medidas práticas para sanar essas dificuldades e controlar o modo de vida, focalizando as classes menos favorecidas, a classe trabalhadora (BERBERIAN, 1995).

Por esse motivo, as medidas tomadas eram vistas como educativas e deveriam atingir a família e a formação da criança. Deu-se início, então, à higiene escolar, que apresentou uma dimensão preventiva e curativa, visando à constituição de um cidadão sadio e culto. Agora, o objetivo principal era instruir e moralizar. Com isso, a ida à escola passou a ser obrigatória, não atingindo um processo democrático como era de se esperar. A pretensão era atingir grupos étnicos minoritários, cuja língua representava elemento de diferenciação e de identificação dos

grupos sociais, daí a necessidade de ser unificada para garantir a identificação da nação brasileira (VERRI, 1998).

Ao ensino, à cultura e à linguagem, destinava-se uma função meramente disciplinadora, tendo em vista a política unificadora gestada naquela ocasião. A singularidade característica de cada grupo vindo de outros Estados brasileiros para São Paulo era considerada a responsável pelo atraso do país.

Longe das inconsistências do sistema fonêmico da língua, o uso de uma estrutura simplificada consistiria no mais poderoso veículo para a unificação do país. Essa foi a razão usada para justificar a proposta de disciplinarização da grafia do idioma nacional pelo Estado, pois acreditava-se em que só seria possível a unificação da língua se houvesse uma padronização ortográfica da modalidade escrita. Os educadores foram a favor da simplificação da língua porque acreditavam que ela resultaria em efeitos didáticos desejáveis e contribuiria para a resolução do analfabetismo. Para eles, a simplificação estava intimamente ligada à facilitação do uso da língua e de seu aprendizado (BERBERIAN, 1995).

Para adequar a Pedagogia escolar às condições da vida urbano-fabril, a educação sofreu uma reorganização. Dentro dessa perspectiva, foi introduzida a tecnificação e a racionalização do ensino por meio da realização de testes para avaliar e para classificar as aptidões dos alunos. Também se tornou freqüente a orientação profissional. Na escola, eram ensinados os princípios e as condutas da disciplina fabril e, dessa forma, o trabalho passou a ser enaltecido. Houve, ainda, a fragmentação e a especialização do conhecimento. Valores preconceituosos e injustos eram usados para classificar o sujeito como improdutivo ou produtivo (VERRI, 1998).

Como descreveu Berberian (1995, *apud* VERRI, 1998), em São Paulo, o ensino era baseado em três princípios – “moral, higiênico e econômico”, promovendo, assim, uma educação integrada. Para alcançar esse objetivo, a formação passou a ser direcionada às possibilidades de cada um, para que, dessa forma, ocorresse uma diminuição dos índices de repetência com a seleção e a “exclusão” dos diferentes. As diferenças individuais percebidas justificavam a discriminação e os que eram julgados como diferentes foram alvos constantes de discriminação, tanto da elite quanto dos educadores, uma vez que estes últimos acreditavam fortemente em que as causas dos insucessos estariam nas diferenças físicas ou morais caracterizadas, em muitos casos, como aberrações.

Médicos, psicólogos, pedagogos, sanitaristas e higienistas utilizaram algumas técnicas para identificar aqueles alunos que apresentavam diferenças. Estes eram avaliados fisicamente, sendo critério de classificação o nível intelectual, porém não se considerava suficiente classificar esses alunos. Deveriam ser oferecidos programas diferenciados com o intuito de abranger todos, por isso foram introduzidos, na escola, uma série de serviços complementares realizados por profissionais especializados (médicos, psicólogos, pedagogos etc).

Ocorreu, então, uma mudança no papel do professor, que passou a ver sua proposta educacional em função das individualidades físicas, intelectuais e sociais de cada aluno, medicalizando, assim, a pedagogia. Para dar conta de tantas exigências educacionais e de saúde, foi criado o Departamento de Higiene e Saúde Escolar, o qual funcionava juntamente com o Departamento de Instrução Pública, anexo à Diretoria Geral do Ensino (BERBERIAN, 1995). Este tinha por finalidade coordenar o trabalho médico-escolar na própria escola, exercendo o papel de clínica dentro dela.

Dentre as principais atribuições do Departamento de Higiene e Saúde Escolar esteve incluída a seleção e classificação dos anormais, a especificação das doenças observadas e do regime especial de que necessitassem, bem como a criação de classes e escolas para estes, além de orientação técnica-especializada aos profissionais que nelas atuavam (BERBERIAN, 1995, p. 79).

Esse Departamento realizava suas intervenções, tanto na capital como no interior do estado de São Paulo. Na capital, havia uma secretaria responsável por todos os serviços burocráticos relacionados às suas atividades, possuía também uma seção de propaganda, um arquivo e uma biblioteca especializada. Era tarefa do Departamento de Higiene e Saúde Escolar: “instruir no público a convicção, a confiança, a obediência, aos preceitos higiênicos” (BERBERIAN, 1995, p. 82).

Paralelamente aos serviços prestados nas clínicas e nas escolas, era da competência da educadora sanitária, a vigilância, em domicílio, da execução pelos pais, do tratamento prescrito pelo médico especialista. Dessa forma, além de controlar a maneira como as crianças e suas famílias estariam cuidando da saúde, os profissionais buscavam colher dados “sociais” que permitissem, ao médico da escola, diagnosticar e selecionar as crianças de forma mais precisa, a fim de sanar, em tempo hábil, as eventuais patologias. A escola teria a função de orientar os pais

quanto aos cuidados que deveriam ter em casa com seus filhos, do contrário, de nada adiantariam as regras de higiene e os tratamentos médicos oferecidos.

A escola era a responsável por eliminar os desvios, assumindo como proposta formar indivíduos sadios. Sendo a língua considerada, naquela época, um instrumento de ascensão social e de progresso do país, a escola recebeu influências da Medicina e da Psicologia, para que fosse possível localizar os desvios e intervir neles, a fim de alcançar um modelo uniforme (a padronização da língua).

A partir da percepção do anormal, encontrava-se o ideal de normalidade da língua. Com a instituição da língua padrão, a língua falada no Distrito Federal (na época, o Rio de Janeiro) foi a língua selecionada como a versão mais correta do português. A cidade foi identificada, desde a vinda da família real, como o “centro mais culto do país” e, portanto, o modelo a ser seguido (VERRI, 1998).

Mesmo assim, no Rio de Janeiro, muitas pessoas também acreditavam que os distúrbios de linguagem eram decorrentes de uma hereditariedade patológica, com os próprios pais (estrangeiros e brasileiros) passando para os seus filhos os “defeitos da palavra”. Por esse motivo, mais uma vez ficou sendo da responsabilidade da escola ensinar a língua uniformemente, cabendo aos professores eliminar os vícios de pronúncia dos alunos como foi explicitado anteriormente.

O profissional especialista em linguagem aparece a partir do momento em que os distúrbios da comunicação eram diagnosticados por médicos ou pelos próprios professores. Em seguida, os alunos com “dificuldades” eram submetidos a atividades desenvolvidas por professores que pretendiam eliminar tais distúrbios. Nesse contexto, a concepção de linguagem que estava por trás dos desvios era meramente mecanicista, o professor passou *de educador a especialista de erros da palavra*, sendo o período caracterizado pelas determinações da escola tecnicista.

A linguagem era vista como um sistema fechado, estável e imutável, desconsiderando as singularidades, significações e representações do sujeito que a produz. Era uma imagem neutra e homogênea de língua; para fazer o diagnóstico da linguagem patológica, bastava descrevê-la e categorizá-la enquanto língua objeto, desconsiderando-se sua natureza social (VERRI, 1998, p. 15).

Profissionais especializados, como clínico geral, dentista, otorrinolaringologista, psicólogo e professor forneciam as conclusões dos levantamentos realizados na triagem. O tratamento poderia ser fisioterápico, cirúrgico, medicamentoso ou pedagógico, conforme a necessidade do caso. Acreditava-se em que, com a ação médica efetiva, restava à intervenção pedagógica atuar com a finalidade de eliminar as dificuldades do aluno. A intervenção consistia em utilizar conhecimentos teóricos e práticos, os quais, nos dias de hoje, podemos encontrar na Fonoaudiologia. Portanto, esses conhecimentos não são resultados de descobertas recentes dessa ciência, mas sim de procedimentos construídos antes mesmo do surgimento do curso para formação do profissional responsável.

À escola cabia a uniformização da língua, objetivo não alcançado, pois nada foi realizado no sentido de elaborar um programa oficial para a eliminação dos desvios. Com o passar do tempo, surgiram iniciativas de criação de classes especiais e de formação de professores especializados para a correção dos vícios da linguagem. Esses profissionais passaram a ser chamados de *ortofonistas*.

As primeiras iniciativas de atuação dos precursores em Fonoaudiologia ocorreram no Laboratório de Fonética e Acústica (LFA), da Santa Casa (SP), e na Associação de Assistência à Criança Defeituosa. As iniciativas ocorreram isoladamente, mas deram início ao delineamento do perfil clínico do profissional. O objetivo do LFA era realizar estudos visando à correção dos defeitos da fala e da voz. Os profissionais responsáveis pela correção eram educadoras que recebiam uma formação básica para atuarem como *ortofonistas*, sendo que a prática era desenvolvida conforme cada caso clínico (VERRI, 1998).

De acordo com Figueredo Neto (1988, *apud* VERRI, 1998), o trabalho das primeiras ortofonistas foi marcado pela preocupação em definir um diagnóstico e em determinar a patologia. É possível perceber que a influência da Medicina, da Psicologia e da Fonética apareciam constantemente na prática dessas novas profissionais em São Paulo. A Psicologia e a Medicina estavam presentes por “definirem” a doença na linguagem, enquanto que a Fonética surgiu para determinar as técnicas a serem utilizadas no processo de cura, apresentando uma concepção focada apenas na doença.

Em São Paulo, a ação das primeiras ortofonistas foi de caráter fundamentalmente clínico. O atendimento era individual. O profissional agia na correção e na reabilitação dos desvios da voz e da fala, fazendo com que as primeiras práticas fonoaudiológicas privilegiassem a patologia.

No período, trabalhos pioneiros foram realizados na Santa Casa, no setor de Otorrinolaringologia.

Finalmente, na década de 60, começaram a surgir os primeiros cursos universitários de Fonoaudiologia, os quais iriam legitimar a prática já existente.

Segundo Figueredo Neto (1988, *apud* VERRI, 1998), observando o conteúdo dos primeiros cursos, não estava claro o real objeto de estudo da Fonoaudiologia. Mesmo assim, o campo de trabalho definiu um profissional que deveria voltar suas atenções para a reabilitação ou a reeducação de distúrbios da comunicação e da avaliação auditiva, dando ênfase a uma visão idealizada de homem sadio e de linguagem correta.

Percebe-se, portanto, que desde o início da história da Fonoaudiologia, ela está vinculada à área educacional e à área médica.

2.2 Origem da Fonoaudiologia em Pernambuco: do teórico ao prático

O início da história da Fonoaudiologia em Pernambuco foi marcado pela existência de sérias dificuldades de alfabetização da classe social mais desfavorecida da população. Durante o período republicano, nada foi modificado com o intuito de diminuir as taxas de analfabetismo. Somente em 7 de setembro de 1915, no Clube Militar do Rio de Janeiro, surge uma grande campanha denominada “Liga Brasileira Contra o Analfabetismo”, que privilegiava uma educação de qualidade para a classe marginalizada da sociedade brasileira. Do mesmo modo, em São Paulo, a Liga Nacionalista lutava a favor da alfabetização como forma de aumentar o seu eleitorado e, assim, foram criadas escolas para analfabetos.

Em Pernambuco, nas décadas de 20 e de 30, os primórdios da Fonoaudiologia estão relacionados a questões não partidárias, ligadas à educação e à saúde das classes desfavorecidas economicamente, tendo como ponto de partida o fracasso na alfabetização. Naquele momento, a incapacidade para aprender era relacionada às condições deficitárias de vida. Essa condição e o interesse por essa classe levaram à conclusão de que boa parte dela apresentava problemas de linguagem.

As taxas de analfabetismo encontradas em 1920 foram quase as mesmas verificadas em 1900. A teoria educacional vigente entre os anos 1920 e 1927 permaneceu como um produto de um processo de transplante cultural. As idéias novas foram resultado da adesão dos educadores brasileiros ao movimento europeu e norte-americano chamado “Escola Nova” (DIDIER, 2001).

Na verdade, a população brasileira não tinha clareza quanto ao fato de que os princípios educacionais brasileiros deveriam estar relacionados ao seu modo próprio de viver e à sua origem e, portanto, não poderiam ser generalizados.

É importante mencionar, mesmo que de forma sucinta, diante de sua importância para o tema que estamos tratando, o papel da Escola Nova. Antigamente, pensava-se que, através da educação, o povo iria se instruir e, instruindo-se, escolheria bem seus governantes, para que, assim, a democracia se consolidasse. No entanto, à medida que essa fase evoluía, os dirigentes que haviam promovido o projeto de educação para todos percebiam que, mesmo depois de instruídos, o povo não votava bem. Então, eles chegaram à conclusão de que não importava a quantidade de pessoas, mas a qualidade de seus votos. Resolveram, dessa forma, restringir a educação para aqueles que “sabiam votar”, ou seja, para a classe dominante. Era preciso fornecer um tipo de escola que levasse as pessoas a decidirem conforme os interesses da classe detentora do poder (SAVIANI, 1994).

É quando surge a Escola Nova, integrante da segunda etapa da política educacional (a primeira havia sido a Escola Tecnicista ou Tradicional). O seu papel era o de enfatizar não mais aspectos políticos, como na fase anterior, da Escola Tecnicista, e sim destacar o aspecto psicopedagógico e o técnico-pedagógico.

A Escola Nova se voltou para o interior da escola, tratando da melhoria dos procedimentos desenvolvidos no seio dela. Representou um avanço em relação à Tecnicista que não era adequada às necessidades da população e não valorizava os interesses dos alunos. Já a Escola Nova centrou-se nos interesses deles, privilegiando o psicológico sobre o lógico, enquanto a Tecnicista fazia o inverso: privilegiava o lógico sobre o psicológico (SAVIANI, 1994).

No entanto, a Escola Nova também não se revelou adequada aos interesses pretendidos com a educação. E, a partir da Segunda Guerra Mundial, aparece uma terceira fase: a dos meios de comunicação em massa, os quais surgiram para atingir todas as camadas sociais, enfatizando uma série de recursos que não diziam respeito propriamente à esfera escolar.

2.2.1 A presença de Ulisses Pernambucano e sua influência na escola e na formação do professor

Ainda no período da Escola Nova, encontra-se a ação conjunta entre a classe médica e os professores, preocupados com as dificuldades de alfabetização das classes populares. Aconteceu, então, em Pernambuco, na década de 20, uma integração entre os profissionais dessas duas áreas, comprometidos com as ações públicas e preocupados com a saúde e com a educação das classes menos favorecidas e estigmatizadas por preconceitos relativos à sua situação econômica.

Segundo Rosas (1987, *apud* VERRI, 1998, p. 21), em 1925, o médico Ulisses Pernambucano, especialista em Medicina Social, criou o Instituto de Psicologia, primeiro órgão do gênero no Brasil, do qual participavam médicos, professores, pesquisadores sociais e outros intelectuais, abordando estudos acerca da Psicologia do Desenvolvimento e de problemas mentais, além de estudos sobre a linguagem. Suas afirmações foram fruto de estudos científicos, e seus discípulos (médicos, professores e psicólogos) formaram um grupo de estudo que deu continuidade ao trabalho de investigação.

O principal mérito de Ulisses Pernambucano consistiu em ter incutido, em seus colaboradores, a necessidade de investigar a realidade local e de basear sua prática nos resultados das pesquisas realizadas.

Ele foi um dos pioneiros da Fonoaudiologia em Pernambuco, levando-se em consideração as concepções que utilizou e a sua visão antecipadora de práticas que poderiam oferecer melhores condições para o aluno. O período compreendido entre 1925–1935 foi o mais produtivo de sua elaboração científica, tanto pelo volume de estudos e pesquisas quanto pelas iniciativas e criações, quase sempre no âmbito público. Levou anos clinicando no interior do Estado, o que lhe proporcionou um conhecimento direto das doenças das populações rurais desassistidas e da situação de miséria em que viviam. Elaborou estudos sobre a deficiência mental e, em 1931, publicou um trabalho com Anita Paes Barreto, intitulado “O vocabulário das crianças das escolas primárias do Recife”. Para os professores de Pernambuco, esse estudo serviu de forte influência nas atividades práticas desses profissionais (DIDIER, 2001).

O Instituto de Psicologia foi criado em 15 de junho de 1925. Com ele, surgiu a possibilidade de iniciar um estudo científico com crianças normais e especiais, destacando os deficientes mentais, que não podiam frequentar as escolas comuns devido à sua deficiência.

Ulisses Pernambucano também foi o criador da primeira escola para deficiente, renovando os métodos e os processos educativos. Por meio do Instituto de Psicologia, ele deu continuidade à investigação para a formação de um profissional especializado. Longe da visão tradicional da época, sua concepção era marcadamente moderna, exigindo do professor uma postura muito parecida com aquela que chamamos, hoje, de professor reflexivo (CAVALCANTI, 2002).

Ulisses Pernambucano sempre procurou proporcionar conhecimentos atualizados aos profissionais, fornecendo uma formação adequada e realizando grupos de estudo específicos (em função do seu objeto de investigação, que, naquele momento, também estava direcionado à educação de crianças superdotadas). Em consequência disso, começou, em Recife, a formação de professores hábeis para lidar com as crianças.

Educação e Saúde muito têm em comum, uma vez que ambas objetivam tornar a vida humana mais digna. Há uma estreita reciprocidade entre ambas. As necessidades básicas de saúde e do saber formal podem levar a pessoa a ser produtiva e transformadora da sociedade onde está inserida. O homem vive em constante tensão, buscando a realização de seus ideais. O bem estar físico, emocional, social não é simples ausência de doença. E a educação, como formação integral do indivíduo, nem sempre tem levado em conta o seu contexto econômico, cultural e político (DIDIER, 2001, p. 24).

Aproximadamente em 1940, já existia, em Pernambuco, o Instituto Domingos Sávio, para deficientes da audição e da linguagem, em regime de internato e de externato, sob a direção da Irmã Josefina (natural da Alemanha, viveu em Pernambuco e foi uma das pioneiras da Fonoaudiologia), que usava o método oral e a língua dos sinais. Ela implantou o Curso de Formação de Professores de Surdos no Instituto de Educação de Pernambuco, em 1945, no qual também era possível perceber indícios da prática do fonoaudiólogo.

Partindo da influência de Ulisses Pernambucano e em decorrência da condição social da população e do serviço de Verificação do Rendimento Escolar, foi implantada a Divisão de Educação de Excepcionais, com o setor de Logopedia, na Secretaria de Educação de Pernambuco, no ano de 1954.

O serviço de Verificação do Rendimento Escolar foi, posteriormente, transformado em Instituto de Pesquisa Pedagógica, sob a direção da professora Isnar de Moura, que apresentou diversos trabalhos de linguagem. Eram convidados a fazer parte da equipe os professores que atendiam alunos com problemas de linguagem. Logo passaram a receber diferentes

denominações: reabilitadores, reeducadores de linguagem e logopedistas. A denominação “fonoaudiólogo” só viria a ser utilizada próximo à implantação do curso de Fonoaudiologia, em 1980 (DIDIER, 2001).

2.2.2 Os insucessos na alfabetização como precursores da Fonoaudiologia em Pernambuco

Os movimentos de educação popular surgem na primeira década dos anos 60, desejando que a população adulta fizesse parte da política do país. Em Pernambuco, no ano de 1963, foi realizado o “Primeiro Encontro de Alfabetização e Cultura Popular”. Foi nesse encontro que Paulo Freire expôs sua metodologia para a alfabetização, assim como as questões envolvidas com o analfabetismo, criando uma *nova escola popular* (DIDIER, 2001).

As primeiras práticas fonoaudiológicas em Pernambuco surgiram a partir dos insucessos na alfabetização, quando a classe médica, juntamente com os professores, procuravam identificar e sanar os problemas dos alunos da classe pobre que revelavam dificuldades para se alfabetizar. É importante ressaltar que a preocupação dos profissionais, inicialmente, não foi a de detectar patologias, porém isso foi acontecendo durante o processo de estudo da normalidade.

A literatura deu respaldo àqueles professores alfabetizadores que queriam identificar e caracterizar a origem dos distúrbios de linguagem, sendo que os médicos, com suas orientações e seus conhecimentos, tornaram-se os grandes formadores teóricos de métodos de ação naquele momento.

Os alfabetizadores mais informados recebiam aqueles que não conseguiam alfabetizar-se e os encaminhavam para uma reabilitação. Para eles serem reabilitadores, deveriam adquirir uma formação teórica que os capacitasse a fazer a diferenciação entre o problema da escola e o do aluno. Esses reabilitadores, reeducadores, passaram a ganhar prestígio na escola em que trabalhavam, assim como eram convidados a compor equipes técnicas da Secretaria de Educação de Pernambuco.

Segundo Didier (2001), no Brasil, a educação não era, e ainda não é, direito de todos e, naquela época, esse problema era vivido mais fortemente, uma vez que os analfabetos eram considerados incapazes de pensar e de decidir, portanto, de votar. No entanto, a maioria dos alunos que apresentava dificuldades não possuía problemas específicos (deficiência mental,

auditiva, visual, motora etc.). Os problemas eram decorrentes de uma escola de má qualidade que acreditava em que o analfabeto era incapaz de aprender.

Ainda de acordo com a autora, foi a partir dos primeiros trabalhos dos reeducadores de linguagem (também alfabetizadores) que surgiram os alicerces para posteriores estudos e práticas específicas que dariam origem a um conhecimento sistematizado e, conseqüentemente, ao trabalho do fonoaudiólogo. O analfabetismo, como processo social, foi o fato central para a compreensão do surgimento da Fonoaudiologia em Pernambuco, logo, um marco histórico.

Conforme Temporini (*apud* DIDIER, 2001), a escola, como instituição educacional, não tem a função de oferecer atendimento a problemas de saúde dos alunos. O que existia era uma preocupação no sentido de promover melhores condições para a sua aprendizagem. A escola é um espaço que deve promover o processo de aprendizagem e os reeducadores estavam cientes de que não era possível atender às necessidades clínicas dos alunos na escola. Quando encontradas, os alunos deveriam ser encaminhados a instituições médicas públicas e particulares de atuação terapêutica.

Seguindo esse propósito, apenas as dificuldades relacionadas ao âmbito pedagógico foram, inicialmente, tratadas dentro da escola. Os primeiros reeducadores de linguagem iniciaram suas ações como realfabetizadores e, talvez, por esse mesmo motivo, muitos escolhiam trabalhar com os problemas de aquisição da leitura e da escrita. Apenas os problemas de fundo orgânico eram atendidos em clínicas, assim, as dificuldades de linguagem que não tinham origem clínica permaneciam na escola e os logopedistas atuavam na facilitação e na estimulação do desenvolvimento da linguagem normal, sendo um trabalho de cunho mais preventivo. Esse grupo é hoje denominado Fonoaudiólogo Escolar/ Educacional (DIDIER, 2001).

Os realfabetizadores, que passaram a ser conhecidos como reeducadores e logopedistas, foram divididos em dois grupos: os que permaneceram na escola, realizando atividades que estimulavam a linguagem em seus diferentes aspectos; e os que se dedicavam ao trabalho com as patologias de linguagem, identificando-se, dessa forma, com a área clínica. Ambos foram adquirindo embasamento teórico em cursos de pequena e de longa duração, como: o de nível médio do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), com dois anos de duração, e o de nível superior de São Paulo (Universidade de São Paulo - USP), além de contatos mantidos com outros países (DIDIER, 2001).

Os logopedistas, profissionais que trabalhavam com a comunicação humana, e assim denominados nas redes de ensino, empenharam-se muito na criação da “Habilitação em Educação de Excepcionais da Audição do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda” (FACHO), em 1976, e na instalação do “Setor de Fonoaudiologia na Clínica de Psicologia Manoel de Freitas Limeira”, situada na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP, 1977), colaborando também, para a instalação do serviço de Educação de Excepcionais da Secretaria de Educação de Pernambuco na década de 60. Dessa maneira, antes mesmo do curso superior de Fonoaudiologia surgir, em 1980, já existiam, aproximadamente, 31 logopedistas atendendo pessoas que apresentavam problemas de linguagem, tanto em serviços públicos como em particulares (DIDIER, 2001).

Eles compreenderam, muito cedo, a importância de possuir uma qualificação diferenciada das que já possuíam, em virtude da variedade de problemas dos alunos. Em Pernambuco, esses profissionais sentiram a necessidade de buscar conhecimentos que lhes oferecessem alguma segurança em suas ações e, como a bibliografia local era escassa, foram buscá-la em outros Estados e em outros países.

No serviço público de Pernambuco, os logopedistas procuraram entrar em contato com as Secretarias de Educação dos Estados da Guanabara, de São Paulo e do Rio Grande do Sul, com o objetivo de verificar como estavam sendo realizados a educação dos deficientes auditivos e os serviços de reeducação da linguagem, a fim de aperfeiçoar suas práticas (DIDIER, 2001).

Os primeiros fonoaudiólogos, ainda chamados de logopedistas, mantiveram contato com equipes especializadas de alguns departamentos da Universidade Federal de Pernambuco e, dessa forma, tiveram a oportunidade de conviver, durante certo tempo, com os mestres de pós-graduação dos departamentos de Psicologia Cognitiva, de Letras, de Educação e das clínicas de Otorrinolaringologia e de Neurologia da Faculdade de Medicina. Através da coordenadora Terezinha Nunes e de outros colaboradores do Mestrado de Psicologia Cognitiva, os fonoaudiólogos puderam ter contato com profissionais estrangeiros, renomados internacionalmente na área da linguagem, como: Emília Ferreiro, Peter Bryant, Utha Fritz, entre outros. O conhecimento dos logopedistas, por muitas vezes, foi adquirido através da escuta das experiências desses estudiosos (DIDIER, 2001).

Na década de 70 foram elaborados diversos projetos, como o de implantação da Divisão de Educação de Excepcionais na Secretaria de Educação. Foi esse mesmo grupo de profissionais

que conseguiu a implantação das classes especiais para deficientes visual, auditivo e mental em escolas do ensino regular, além da abertura do setor de Logopedia.

Outro estudo importante na área social refere-se a uma ação conjunta da Secretaria da Educação e da Secretaria de Saúde (1979). Foi feito um trabalho de avaliação do desenvolvimento dos alunos do Centro Pré-escolar Bernard Van Leer. A área de saúde foi supervisionada pela pediatra Graça Toscano, e os aspectos cognitivos foram estudados pela psicóloga e logopedista Maria das Graças de Sá Leitão Didier (DIDIER, 2001).

Percebe-se que o período anterior à implantação do curso universitário foi bastante promissor em termos de formação teórico-prática, sendo notório que a participação de logopedistas nas escolas estava direcionada a problemas de linguagem, pois, na época, realizavam a reeducação clínica. O seu objetivo maior era ampliar o nível de qualidade do seu trabalho, procurando participar de ações conjuntas com a classe médica, sempre buscando se reciclar, e naquele momento, lutavam pela formação universitária dos logopedistas.

A primeira iniciativa para criar o curso universitário de Fonoaudiologia foi do professor Dr. Geraldo de Sá, chefe da Clínica de Otorrinolaringologia da Universidade Federal de Pernambuco. Ele elaborou, juntamente com o grupo de logopedistas, um projeto de implantação do curso superior para a UFPE, mas a sua implantação foi suspensa, devido a uma ordem ministerial que proibia a criação de novos cursos por um período de cinco anos (DIDIER, 2001).

Nos anos que se sucederam, iniciou-se a luta incessante pela implantação do curso de Fonoaudiologia na Universidade Católica de Pernambuco. Criado o curso, ele passou a integrar o Departamento de Psicologia da UNICAP, em 1979–1980, tornando-se o primeiro a ser implantado no Norte e no Nordeste. Surgiu como desdobramento do serviço de Fonoaudiologia da Clínica de Psicologia Manoel de Freitas Limeira e foi organizado por Maria das Graças de Sá Leitão Didier. A elaboração do projeto pedagógico coube à Assessora do Departamento de Psicologia, Prof^a Rute Bacelar de Araújo Ramos, com a assistência técnica do projetista Fernando Antônio Neves de Souza e com a participação dos psicólogos Walter Wanderley de Barros e Ana Lúcia Francisco (DIDIER, 2001).

Talvez, sem a intervenção de Maria das Graças de Sá Leitão Didier, com sua determinação em trazer o curso de Fonoaudiologia de São Paulo para Pernambuco, não tivéssemos conhecido, na década de 80, essa atividade profissional e, principalmente, a Fonoaudiologia Escolar. Essa educadora merece receber todo o destaque possível na história da

Fonoaudiologia em Pernambuco. Na sua trajetória, de mais de duas décadas de atividade docente na Universidade Católica de Pernambuco, fez com que muitos alunos admirassem a profissão de fonoaudiólogo escolar, contribuindo sempre para a busca da identidade dessa atividade.

É possível perceber que, a partir de conhecimentos vindos de instituições nacionais e estrangeiras e com a entrada de profissionais em nosso Estado, ganhos significativos foram incorporados à formação teórica e à prática dos profissionais da linguagem e da audição em Pernambuco, criando-se, paulatinamente, uma estrutura prévia, formalizada com o primeiro curso universitário de Fonoaudiologia.

III - FONOAUDIOLOGIA ESCOLAR

O compromisso primordial da ciência é com a melhoria da qualidade de vida do homem e de seu ambiente através da qualidade dos serviços preventivos. Sendo assim, espera-se que as pessoas fiquem menos expostas às doenças e melhor capacitadas para resistir a elas, já que eliminá-las ou minimizá-las é a pretensão da grande parte dos pesquisadores da área da saúde, dentre eles, o fonoaudiólogo.

A promoção da saúde, recentemente, tem sido valorizada e incluída nos estudos da Fonoaudiologia enquanto ciência. No entanto, o fazer desse profissional ainda se caracteriza por ser predominantemente técnico. Os poucos programas desenvolvidos junto à população acontecem de forma atemporal, deixando lacunas frente ao sistema de saúde nacional, uma vez que esse tipo de trabalho é visto como importante, mas não como urgente ou essencial (ANDRADE, 1996).

Essa é, pois, uma realidade que necessita ser repensada. A identidade do fonoaudiólogo exige reflexões que o direcionem para novos objetivos, como seja o de promover melhores níveis de assistência à população. E foi, na escola, que esse profissional iniciou sua trajetória. Dentro dessa concepção, a Fonoaudiologia surgiu com diversas denominações: Fonoaudiologia Educacional e/ou Escolar, Fonoaudiologia em Saúde Pública, Fonoaudiologia Social e Preventiva, dentre outros.

No Brasil, na mesma ocasião, eram desenvolvidas, ações primárias, tanto na esfera do sistema educacional quanto na do sistema de saúde. Hoje, talvez, a Fonoaudiologia Escolar defina-se como um campo de atuação que busca a prevenção e a promoção de saúde, vinculadas à educação da comunidade escolar.

3.1 Fonoaudiólogo Escolar: de agente detector de problema a promotor de saúde

As primeiras propostas de atuação fonoaudiológica em escolas priorizavam a participação do professor, sendo o mesmo considerado essencial parceiro e responsável pelo fornecimento de informações ao fonoaudiólogo que atuava nestas instituições (GIROTO, 1999).

Segundo Giroto (1999), os professores exerciam a função de detectores de problemas em seus alunos e essa prática estava fundamentada no pressuposto de que, por estarem, freqüentemente, em contado direto com seus alunos, eram considerados aptos para verificar quais crianças apresentavam distúrbios de comunicação.

Dessa forma, esse agente detector de problema contribuiu para reforçar a patologização dos distúrbios da comunicação e a ação curativa na escola. Assim, o Fonoaudiólogo que tinha como proposta inicial, a prevenção, terminava por se dedicar mais ao tratamento dos distúrbios da comunicação identificados pelos professores, através de programas de estimulação.

Até a década de 70, os programas, como já mencionamos antes, foram marcados pela influência da Medicina e pela transferência da abordagem clínica para a escola. Entretanto, mesmo as propostas desenvolvidas após essa década, mais preocupadas em garantir a participação do fonoaudiólogo na equipe escolar e em oferecer informações sobre o seu papel, continuaram a enfatizar o papel do professor enquanto “*agente detector de problema*” (GIROTO, 1999, p. 27). A detecção abordada sob o ponto de vista do enfoque curativo contribuiu para o fracasso escolar, atribuindo ao aluno a responsabilidade por essa ocorrência. Nessa ocasião, o fonoaudiólogo, nas instituições de ensino, contribuiu para isentar o professor, a instituição e, ainda, o sistema educacional do fracasso escolar do educando.

Essa situação é consequência de um contexto sócio-histórico que ainda é vivenciado no Brasil. Em algumas propostas, a sua atuação serviu para reforçar o conceito de patologização, determinado por um período em que a profissão se iniciava no Brasil, baseada no modelo médico.

É fato, também, que as propostas que vêm obtendo sucesso são aquelas desenvolvidas por fonoaudiólogos conscientes de que seus trabalhos devem incluir o professor em discussões que vão além de ensinar a detectar problemas, uma vez que é a sua pretensão é buscar, por meio de uma reflexão e de uma ação conjunta, a compreensão da natureza dos distúrbios.

O primeiro estudo de cunho científico precursor da Fonoaudiologia Escolar, foi realizado entre os anos de 60 e 63, pela reeducadora de linguagem Myriam de Carvalho Didier e por suas colaboradoras Georgina Correia de Araújo e Nilza Mendonça, no grupo escolar Clóvis Beviláqua, da Secretaria de Educação, visando detectar as causas da repetência nas primeiras séries do curso primário. Seus planos envolviam: aplicação do exame fonético em todas as crianças da primeira série; aplicação de provas de exploração da dislexia; atendimento fonoaudiológico aos alunos com dificuldades de linguagem; organização de grupos pré-

disléxicos, dos quais participavam crianças de 5 a 7 anos; esclarecimento e orientação aos pais e aos professores sobre assuntos pertinentes; entrevistas, seminários, cursos, reuniões quinzenais; tendo sido o trabalho estendido a outras turmas da escola.

Segundo relatos de profissionais ainda atuantes na área, desde 1990, foi implantado, em uma escola particular do Recife, um trabalho preventivo em Fonoaudiologia direcionado à comunidade escolar, considerado uma referência de ação pioneira em Fonoaudiologia Escolar em escolas privadas.

Nesse mesmo período, em São Paulo, o início da Fonoaudiologia Escolar ficou marcado, de acordo com Nilza de Lima Collaço (*apud* FERREIRA, 1990), como um processo de construção dinâmico, produto de um trabalho de equipe, que cresceu e se consolidou à medida que foi enfrentando os desafios do dia-a-dia. Uma de suas propostas era a valorização da figura do professor em sala de aula, como um profissional preparado para ajudar o seu aluno a desenvolver e a aperfeiçoar sua comunicação.

Collaço (*Op.cit*,1990) esclarece, ainda, a diferença entre a Fonoaudiologia Clínica e a Escolar, relatando que a clínica visa à cura da patologia, pressupõe a recuperação individual ou em pequenos grupos homogêneos das dificuldades fonoaudiológicas. Já a Fonoaudiologia Escolar, com um enfoque mais preventivo, é planejada por especialistas e por professores para ser executada pelo professor com o conjunto dos alunos da classe. O trabalho dessa autora fazia uso da interpretação piagetiana, a qual orientava toda a proposta educacional da escola e via a criança em desenvolvimento contínuo e integral, descobrindo o mundo e relacionando-se com ele por todos os meios de comunicação, inclusive a palavra.

Os professores das classes da pré-escola eram orientados a observar a fala de cada aluno através de entrevistas informais, observando não apenas a linguagem espontânea, que alimentava posteriormente o plano pedagógico global da série, como também o quadro fonêmico, que fornecia dados para o trabalho específico de Fonoaudiologia na sala de aula. Algumas atividades realizadas em sala para promover o desenvolvimento da linguagem oral eram: jogo da estátua, brincadeiras de imitar, brincadeira de língua de cobra, cantos e poesias. Todas elas tinham como finalidade exercitar os órgãos articulatórios.

As questões consideradas mais gerais de comunicação escrita, como organização da linguagem, pensamento e linguagem, vocabulário em uso, questões morfossintáticas, entre outras,

eram discutidas por uma equipe técnica, que gerava propostas de trabalho, a partir do planejamento global da série. O setor de Fonoaudiologia da escola preocupava-se em oferecer aos professores subsídios para o trabalho com a ortografia dos alunos. Nesse caso, os exercícios ortográficos eram inseridos, sempre que possível, em atividades gerais de linguagem (FERREIRA, 1990).

As diferentes atividades que poderiam ser desenvolvidas, na escola, também foram descritas por Taylor (*apud* BEFI, 1997), como a realização de triagem com a finalidade de detectar algum tipo de anormalidade. Caso isso acontecesse, o fonoaudiólogo deveria realizar exames complementares, orientar os pais e, se necessário, encaminhar o caso para os programas de educação individualizada. Os professores também eram instruídos a perceber alguma alteração de linguagem da criança.

Trabalhos no âmbito da Fonoaudiologia Escolar aconteceram na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, que propunha suprir as necessidades de educandos, de professores, de pais e demais educadores da rede municipal de ensino.

O objetivo do trabalho do fonoaudiólogo era a trabalhar com a linguagem verbalizada, tanto na forma quanto no conteúdo e desenvolvimento. Já ao professor, caberia atuar sobre essa linguagem, buscando desenvolver a capacidade cognitiva, o conhecimento da criança. Dessa forma, o trabalho junto ao sistema público de ensino se estendeu à ações preventivas, por meio de programas de orientação voltados aos educadores. Nesses programas, eram promovidas palestras sobre o processo de desenvolvimento da linguagem, com sugestões de atividades orais e gráficas, propostas de estimulação da percepção auditiva e exercícios fonoarticulatórios.

Através dos programas de saúde vocal do professor foram organizadas campanhas sobre cuidados que ele deve ter com a voz e sobre sua relação com a saúde auditiva, assim como atividades lúdicas relacionadas ao tema. Também havia o interesse de prevenir os distúrbios da comunicação mais freqüentes (FERREIRA, 1990).

Uma outra proposta dessa atuação do fonoaudiólogo, na escola, de caráter preventivo, foi citada por Lagrotta (*apud* FERREIRA, 1990). Resumidamente, as ações fonoaudiológicas nas escolas foram empreendidas no sentido de realizar triagens de alunos, feitas pelo professor e supervisionadas pelo fonoaudiólogo, que enfatizavam a comunicação oral e/ou gráfica. A avaliação dos alunos que não obtiveram êxito na triagem; a observação, em classe, dos alunos

avaliados para obtenção de dados complementares; e, o contato individual ou em grupos, com os professores, aconteciam com a finalidade de dar o retorno dos casos avaliados e atendidos.

Também fazia parte dessa proposta, a realização de atendimentos a pequenos grupos de alunos para eliminar dificuldades assistemáticas apresentadas, tanto na comunicação oral como na gráfica. Em alguns casos, ocorriam encontros com os responsáveis das crianças para fornecer orientações ou encaminhá-los a outros profissionais, mantendo contato com os mesmos, quando necessário. Por fim, eram realizados trabalhos com a equipe técnica por meio de estudos de casos, através da participação em conselhos de classe e em reuniões de caráter administrativo e pedagógico (LAGROTTA *apud* FERREIRA, 1990).

Jaime Luiz Zorzi (*apud* GIROTO, 1999) também fornece informações sobre um trabalho fonoaudiológico na escola, quando propõe uma ação que ultrapasse a noção de evitar problemas, tendo como objetivo promover a otimização do desenvolvimento e da aprendizagem. Ele fala de programas educacionais que deveriam estar relacionados à comunicação oral, escrita, audição e ao controle ambiental de ruídos e da voz.

O autor faz uma crítica à chamada triagem fonoaudiológica nas escolas, afirmando que, embora se fale em realizá-la para prevenir problemas, essa ação está, na realidade, mais voltada para a detecção e para o encaminhamento clínico de problemas já existentes. Assim, a triagem deixa de ser um levantamento de dados das características dos alunos de uma classe com a finalidade de contribuir, posteriormente, para o aprendizado do aluno tornando-se uma busca constante do fonoaudiólogo por dificuldades, as quais terão que ser detectadas e informadas, quando necessário, aos pais. O que seria apenas uma forma de “*testagem*” passa a ser uma avaliação detalhada que não compete ao fonoaudiólogo na escola. Esse comportamento causa o desvio de uma postura preventiva para uma visão clínica patológica.

É importante salientar que os encaminhamentos frutos das triagens realizadas devem ser valorizados, uma vez que objetivam a diminuição das dificuldades dos alunos o mais precocemente possível (LAGROTTA, 1997), porém, atribuir à triagem um valor de captar patologia não condiz com o papel desse profissional. É bem mais vantajoso trabalhar em favor do desenvolvimento das crianças do que correr atrás do prejuízo fora dela.

Creio que podemos falar de uma visão desenvolvimentista, independentemente de estarmos pensando em patologias, quer no sentido de detectá-las e tratá-las, quer no sentido de evitá-las. Desenvolver, neste caso, significa criar condições favoráveis e

eficazes para que as capacidades de cada um possam ser exploradas ao máximo, não no sentido de eliminar problemas, mas sim baseado na crença de que determinadas situações e experiências podem facilitar e incrementar o desenvolvimento e a aprendizagem (GIROTO, 1990, p. 46).

Sabemos que a Fonoaudiologia Escolar não possuiu mais, com tanta intensidade, o estigma de detector de problemas na escola. Existem trabalhos, em instituições de ensino privadas, consistentes e eficazes, realizados por profissionais comprometidos com o seu fazer como promotor de saúde.

Devemos procurar refletir sobre o papel desse profissional, direcionar nosso olhar não para uma ação que seja apenas importante, mas ultrapassar esse “apenas importante” e se tornar necessário, seja nas escolas públicas, seja nas privadas. Desse modo, dentro das possibilidades de atuação desse profissional no âmbito da promoção de saúde e da prevenção, nas escolas, há também o dever de contribuir para a sociabilização e a integração social das crianças com necessidades especiais, ou não.

3.2 Escola inclusiva e a participação do fonoaudiólogo

Este é um tema que merece destaque pelo fato que, de acordo com a LDB 9394/96, nenhuma escola ou creche pode recusar uma criança com deficiência em sua escola sem justa causa. Entretanto, sabemos que a realidade é bem outra. Muitas escolas e instituições sociais, particularmente em Recife, não estão preparadas para recebê-las, nem manifestam grande interesse. O fonoaudiólogo, inserido na comunidade escolar, poderá contribuir para a modificação desse quadro, propondo estratégias e programas de orientação ao professor, gestores e toda a comunidade escolar sobre como apoiar essa criança.

Uma escola inclusiva é aquela que educa todos os alunos em salas de aula, e vai além disto, pois é um lugar onde todos fazem parte, são aceitos e se ajudam mutuamente para que a necessidade específica de cada sujeito seja satisfeita. Todos os alunos em algum momento de sua vida escolar podem apresentar alguma necessidade especial temporária, daí também ser necessário alguma intervenção ou apoio que o fonoaudiólogo possa oferecer.

Contudo, o que mais se observa no universo educacional são crianças deficientes segregadas no meio escolar. A existência de turmas segregadas não facilitam à independência e a

competência, além de contribuir para a formação de alunos despreparados para o mundo real, uma vez que os mesmos recebem pouca educação útil para a sua vida.

A inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas presta assistência a todos: professores, alunos e equipe administrativa, a fim de que obtenham sucesso na corrente educativa geral. O impacto desta concepção é considerável porque ela supõe a abolição completa dos serviços segregados (DORÉ et al, 1996).

A mudança de paradigma na educação da perspectiva das limitações funcionais, onde os deficientes são segregados dos outros alunos ditos “normais” para uma perspectiva do grupo minoritário, lança uma nova semente que reivindica que as organizações e os ambientes educacionais sejam adaptados e preparados para atender as necessidades de todos.

Para implantar o sistema de inclusão, numa escola é preciso que todos reflitam sobre o verdadeiro significado de educação, além de ter que deixar para trás a proposta do ensino tradicional.

Pensar que a educação acontece no contato com os outros e, principalmente, refletir que a educação é à maneira de tornarmo-nos mais humanos (STAINBACK, 1999), faz com que uma instituição de ensino comprometida com o seu papel social caminhe para a inserção dos alunos com deficiências nas escolas.

Um ensino inclusivo e eficaz requer basicamente a incorporação do princípio de que as boas escolas são boas escolas para todos os alunos, e o principal passo para a criação desta escola inclusiva de qualidade é estabelecer uma filosofia baseada nos princípios democráticos e igualitários, embora não perdendo de vista a singularidade, transformar a escola em uma comunidade acolhedora, assim como, promover amizades como pré-condições para a aprendizagem (STAINBACK, 1999).

Desenvolver redes de apoio, como prestação de serviços, é de extrema relevância, tanto para professores quanto para alunos que precisem de assistência e estímulo. Dela devem fazer parte profissionais efetivos, dentre eles, o psicólogo e o fonoaudiólogo escolar, etc.

Infelizmente, o que ainda ocorre é que o fonoaudiólogo, contratado pelo serviço público, tanto no sistema de saúde como no de educação, tem suas ações muitas vezes semelhantes às atividades clínicas (LAGROTTA, 1997). Almejamos que, com novas práticas e com profissionais comprometidos em promover saúde no âmbito escolar, o perfil do fonoaudiólogo se modifique.

Ele não precisa “adoecer crianças” para justificar a sua presença na escola, até porque está disposto, de forma muito clara, na resolução do Conselho Federal de Fonoaudiologia, nº 309, do dia primeiro de abril de 2005, que é vetado, ao fonoaudiólogo, realizar atendimento clínico dentro de instituições de Educação Infantil, de Ensino Fundamental e Médio, mesmo sendo inclusivistas.

É interessante refletir que as práticas fonoaudiológicas devem sofrer modificações e dessa maneira, conforme afirma Carrasco (2001), possam servir como aprendizado, o mesmo ocorrendo sempre que agregarmos à nossa prática algo mais coerente com as necessidades dos sujeitos a quem dirigimos nosso trabalho ou modificamos formas já existentes e/ou mais antigas de agir, de pensar e de sentir.

IV - ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho realizou um estudo exploratório e transversal. Por ser uma abordagem qualitativa utilizou métodos e técnicas distintas do modelo experimental, deixando transparecer o dinamismo da atuação humana inserida no contexto social. Sendo assim, esta pesquisa apresentou alguns aspectos característicos, como por exemplo, a delimitação e a formulação de um problema, não ficando reduzido a uma hipótese previamente levantada ou a algumas variáveis avaliadas por um modelo teórico não consonante com o projeto metodológico adotado.

As principais orientações filosóficas que “regem” esse tipo de pesquisa são a fenomenologia e a dialética. A primeira parte da busca de compreensão do sentido atribuído pelo sujeito aos acontecimentos, e a segunda valoriza a dinâmica entre o saber e o agir na vida social.

Por conseguinte, o quadro orientador geral deste trabalho parte de pressupostos relativos à dialogicidade. Conseqüentemente, trabalharemos com conceitos bakhtinianos, tais como: interdiscurso, dialogismo e polifonia, os quais servirão como facilitadores para a abstração das representações sociais que se encontram na base dos discursos produzidos por fonoaudiólogos e por professores sobre a atuação fonoaudiológica na escola.

4.1 A constituição do corpus

O corpus coletado para este estudo foi constituído de dados obtidos em três tipos de entrevistas semi-estruturadas realizadas com fonoaudiólogos e professores. O roteiro preliminar das entrevistas com os fonoaudiólogos foi bastante semelhante, ou seja, constaram de 10 perguntas iguais para os fonoaudiólogos clínicos e 10 para os escolares. Contudo, foram elaboradas mais três perguntas perfazendo um total de 13 para o segundo grupo de fonoaudiólogos (escolares), com o intuito de abranger, mais especificamente, a proposta de atuação desse profissional no meio escolar. Para os professores, foram elaboradas 12 perguntas idênticas para os dois grupos.

4.2 Os sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa contou com a participação de oito entrevistados, divididos em quatro grupos. Do primeiro grupo fizeram parte dois fonoaudiólogos que atuam em consultórios; o segundo grupo foi composto por dois fonoaudiólogos que atuam na área escolar; do terceiro grupo fizeram parte dois professores em cuja escola não havia fonoaudiólogo e por fim, o quarto grupo, composto por dois professores cuja escola dispunha do profissional fonoaudiólogo. Vale salientar que o tempo médio de atuação dos profissionais fonoaudiólogos foi entre dez e vinte anos e dos professores, de dois a seis anos.

Nossa opção pela presença de dois fonoaudiólogos clínicos teve como objetivo buscar algum indício sobre a imagem que possuíam em relação ao exercício da atividade do fonoaudiólogo escolar decorrente de conceitos elaborados formal ou informalmente. Os dois fonoaudiólogos que atuavam em escolas particulares foram encontrados a partir de informações fornecidas pelo Conselho Regional de Fonoaudiologia - 4ª região.

A escolha dos quatro professores obedeceu ao único critério de estarem lecionando na Educação Infantil e/ou no Ensino Fundamental em escolas do Recife.

4.3 Materiais e processos para obtenção dos dados

A coleta de dados aconteceu no mês de julho de 2005, após autorização do Conselho de Ética, sendo utilizados os seguintes materiais: lápis, papel, computador, impressora, gravador e fita k-7.

Os instrumentos utilizados compreenderam três entrevistas individuais semidirigidas, cujo roteiro encontra-se em anexo. Nelas, os participantes discorreram acerca da representação da atuação do fonoaudiólogo na escola.

Inicialmente, realizou-se um contato individual com cada profissional, no qual foram explicados os objetivos da pesquisa. Nessa ocasião, foi entregue o termo de consentimento Livre e Esclarecido para que o membro entrevistado lesse e assinasse. Em seguida, marcou-se a data em que seria realizada a entrevista.

Diante das possibilidades que uma entrevista aberta e qualitativa oferece, realizamos uma segunda etapa da mesma, para os fonoaudiólogos, a fim de esclarecer melhor alguns dados que não ficaram muito claros na primeira ocasião.

Sendo assim, a primeira etapa da entrevista com os fonoaudiólogos aconteceu durante um período aproximado de três horas. Já a segunda etapa, após quinze dias, teve uma duração média de uma hora, uma vez que visava à dissolução de dúvidas.

As entrevistas foram registradas em fitas k-7, para que fosse possível uma transcrição posterior, preservando os enunciados produzidos pelos interlocutores de forma integral.

4.4 Procedimentos para análise dos resultados

A análise dos resultados se inspirou nas idéias sobre o uso da palavra, oferecidas por Bakhtin, que retratam as diferentes formas de significar a realidade segundo as vozes e os pontos de vista daqueles que a empregam. Incluímos, também, as idéias de Moscovici no que diz respeito à teoria das representações sociais, como perspectiva esclarecedora das “vozes” dos profissionais sujeitos da investigação.

A operacionalização do procedimento de análise das entrevistas foi efetuada seguindo o desenvolvimento, separando-se as perguntas tratadas pelos entrevistados, transformando-as em temas centrais (três temas para os fonoaudiólogos e um tema para os professores). A partir desse procedimento, foram feitas duas análises. A primeira efetuou um resumo das principais idéias de cada tema, expondo as representações centrais explicitadas pelos sujeitos. A segunda análise possibilitou, a partir da eleição dos temas, a abstração das representações presentes nos discursos dos entrevistados, seguindo-se das discussões sobre os dados obtidos.

V - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As entrevistas foram analisadas utilizando, como base, as referências teóricas adotadas para interpretar o que foi expresso pelos entrevistados a respeito de como é entendida a Fonoaudiologia Escolar no contexto das instituições educacionais. Dentro dessa perspectiva, usamos as reflexões oferecidas por Bakhtin e por Moscovici, a fim de melhor abstrair as principais representações que podem ser identificadas nos discursos dos sujeitos.

O conjunto de signos de um determinado grupo social forma o que Bakhtin (2004) denomina universo de signos. Todo signo, além do sentido físico-material e sócio-histórico, é capaz de representar a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a de diversas formas, coincidindo com o domínio ideológico. Dessa forma, o ponto de vista dos entrevistados, o lugar valorativo que eles atribuem à atuação do fonoaudiólogo na escola e a situação criada durante a entrevista, foram determinadas sócio-historicamente.

O lugar de constituição e de materialização da compreensão desses sujeitos, em relação ao tema central desta investigação, foi determinado pela comunicação incessante que ocorre em grupos organizados ao redor de todas as esferas das atividades humanas, pois o campo privilegiado da comunicação surge na interação verbal, na qual a linguagem passa a ser o lugar mais claro e completo da materialização do fenômeno ideológico.

As representações sociais presentes na base dos discursos de fonoaudiólogos e de professores acerca da atuação fonoaudiológica na escola são encontradas em quatro grupos de análise: 1) dos fonoaudiólogos clínicos (1 e 2); 2) dos fonoaudiólogos que atuam em escola (3 e 4); 3) dos professores que não contam com fonoaudiólogo na escola (5 e 6) e 4) dos que contam com esse profissional (7 e 8). Cada grupo teve seus comentários divididos em temas, conforme explicitado nos aspectos metodológicos, os quais representam as idéias centrais que emergiram do grupo no tocante às nossas indagações.

Dos dois grupos de fonoaudiólogos, foram abstraídos quatro temas (A, B, C e D):

- A) Definição de Fonoaudiologia Clínica e de Fonoaudiologia Escolar;
- B) Representação sobre a proposta de assessoria fonoaudiológica;
- C) Trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente;
- D) Valor da triagem na prática do fonoaudiólogo na escola;

E) Postura do profissional diante de alunos com dificuldades de linguagem dentro de uma perspectiva inclusivista.

Do grupo dos professores, apenas um tema central foi abstraído das respostas dos entrevistados (representado pela letra A):

A) Representação do trabalho fonoaudiológico em escolas.

A opção por apenas um tema para os professores não significa uma contribuição de menor importância, ao contrário, eles trouxeram reflexões bastante oportunas sobre o exercício do fonoaudiólogo e sobre como o mesmo está sendo percebido por quem é um dos envolvidos pelas propostas do profissional da Fonoaudiologia Escolar.

5.1 Análise e discussão dos dados obtidos dos fonoaudiólogos clínicos

Definição de Fonoaudiologia Clínica e de Fonoaudiologia Escolar

Entrevistada 1

Fonoaudiologia clínica trata os distúrbios que podem surgir na escola.

Fonoaudiologia escolar encaminha, quando necessário, para o tratamento clínico.

A **entrevistada 1** concluiu sua graduação plena em Fonoaudiologia em 1985. Ela fez parte do grupo que teve de retornar à universidade para cursar mais um semestre para a complementação do curso, o qual, anteriormente, equivalia a um curso técnico. Atua na área clínica há aproximadamente 20 anos e definiu esses dois campos de atuação da seguinte forma:

Bom, Fonoaudiologia Clínica é uma área diferente né da escolar porque na clínica nós tratamos as patologias, os distúrbios.. né, que possam... é acontecer dentro da escola. A escola encaminha pra o tratamento clínico, então existe essa diferença né, que na escola não existe o tratamento, ele encaminha pra parte clínica, certo.

Nesse caso, verificamos que, considerando-se o conceito de representação social, podemos entender que ela é uma construção psíquica do sujeito, embora seja construída socialmente. Sendo assim, não há uma representação que surja sozinha, ela é feita por um sujeito social sobre algo ou sobre um objeto. Transpondo esse comentário para o discurso da entrevistada, podemos compreender que ela revela possuir, como representação, uma imagem reducionista do fonoaudiólogo clínico e do escolar, ao demonstrar que a diferença entre Fonoaudiologia Escolar e Clínica está situada no fato da primeira restringir-se ao encaminhamento e a segunda, ao tratamento. Essa representação, provavelmente, é resultado de uma visão tradicional repassada através de diversas gerações, desde o surgimento da Fonoaudiologia como ciência, que se fortaleceu por conta das trocas enunciativas entre sujeitos durante um longo tempo, mas que também não deixa de significar uma construção psíquica da entrevistada, conforme registrado no capítulo 2.

Nessa visão, o fonoaudiólogo escolar tem de realizar, como proposta principal, apenas avaliações nos educandos com o intuito de encaminhá-los para a clínica quando necessário. A essa representação da entrevistada, podemos agregar o fato dela distinguir o trabalho do fonoaudiólogo escolar e do profissional que presta assessoria (outra forma do fonoaudiólogo atuar na escola) a partir de sua própria experiência como assessora, conforme iremos observar no tema B.

(A) Definição de Fonoaudiologia Clínica e de Fonoaudiologia Escolar

Entrevistado 2

Fonoaudiologia Clínica é a que trata o indivíduo no campo clínico.
Fonoaudiologia Escolar é um dos campos da Fonoaudiologia que contempla todas as suas especialidades, mesmo sendo a linguagem a mais evidente.

O entrevistado 2 é formado desde 1992 e atuante na área clínica há aproximadamente treze anos. Definiu Fonoaudiologia Escolar e Clínica de forma bastante objetiva. Para ele, o papel do fonoaudiólogo inserido na escola deve abranger todas as especialidades da Fonoaudiologia, apresentando propostas que visem à promoção da saúde de toda a comunidade escolar, sem, contudo, atuar clinicamente.

Ele revela ter, como principal representação do fonoaudiólogo nas instituições de ensino, a imagem de um trabalho que deve estar circunscrito à linguagem, embora não exclua desse campo de atuação, a voz, a motricidade orofacial e a audição, uma vez que todas essas especialidades buscam o aprimoramento da comunicação entre sujeitos. Talvez esta preferência pela especialidade de linguagem seja decorrente da própria origem da Fonoaudiologia que iniciou suas ações com profissionais reeducadores de linguagem, como realfabetizadores (conforme visto no capítulo 2).

“...no âmbito escolar é.. a Fonoaudiologia ela tem multifacetada, a principal delas é ajudar no desenvolvimento da linguagem, escrita e oral também, e focalizar também outros aspectos; programa de saúde vocal do professor, programas de apoio à merenda escolar, na área de motricidade orofacial, e da saúde auditiva também na área de Audiologia...”

Segundo Moscovici (2004), a totalidade de uma representação significa que o conteúdo semântico de cada idéia e de cada crença depende de suas conexões com outras crenças e idéias, sendo assim, a representação do entrevistado emergiu e se consolidou, provavelmente, a partir de trocas comunicativas e intertextuais anteriores. No entanto, ele não foi capaz de expandir seus comentários sobre a atuação em questão, talvez porque essas trocas comunicativas podem não ser tão comuns ou freqüentes em seu cotidiano.

Com um depoimento exteriorizado para o outro, ele se manifesta por meio de enunciados de um sujeito que se sobressai em comparação a outros profissionais. Foi possível perceber que ele possui um nível de entendimento um pouco acima dos demais entrevistados a respeito do tema, justificando, assim, uma visão mais consistente sobre o papel do fonoaudiólogo em diferentes campos de atuação emergidos através de trocas dialógicas e do interdiscurso.

B) Diferença entre Assessoria Fonoaudiológica e Fonoaudiologia Escolar

Entrevistada 1

A assessoria fornece informações à escola através de palestras ou orientações ao professor, durante um curto espaço de tempo. Já o fonoaudiólogo na escola ele fornece este apoio em todos os momentos, faz um trabalho de prevenção.

A entrevistada já foi convidada pela direção de algumas escolas, por várias vezes, para dar orientações a professores e a pais sobre determinados assuntos da Fonoaudiologia que precisavam de esclarecimentos. Sua intenção era a de que esse público obtivesse uma melhor compreensão acerca das dificuldades que poderiam surgir nas crianças. Não fez referência aos conteúdos de suas palestras, porém sua intervenção como assessora englobava apenas orientações. Vejamos o que ela sugeriu à equipe escolar:

“Mas não faz avaliação com as crianças não? Não, já cheguei a a assim.. propor isso, mas ainda não foi efetivado isso aí, certo, não chegou a fazer avaliação não. Só a nível de ..de informação mesmo. Bom, isso seria uma assessoria fonoaudiológica, né, e o fonoaudiólogo escolar, o efetivo mesmo, ele trabalharia dentro da escola, não é, já é é.. dando esse apoio, né, em todos momentos necessários ali, que a escola precisasse de uma investigação maior, de uma orientação, de uma prevenção”.

Mesmo demonstrando compreender que o fonoaudiólogo possui um tempo maior para interagir com a equipe escolar, é interessante notar que ela não se desprende de sua representação associada à busca da doença, atrelada também a história da Fonoaudiologia, no momento em que se iniciou a proposta de higiene escolar, que apresentava uma dimensão preventiva e curativa (capítulo 2).

A avaliação sugerida por ela, no recorte acima, termina não ajudando a construir e/ou a facilitar a inserção do fonoaudiólogo no meio escolar, já que ele, demonstrando o interesse de ir à escola apenas para fornecer informações sobre um diagnóstico mais preciso de patologias, afasta de suas possibilidades uma proposta maior – promover saúde.

Como já mencionamos e articulando essa forma de pensar com os referenciais estudados, expressos no capítulo 1, podemos dizer que os discursos, as crenças e as representações são gerados de outras representações já existentes. Fica evidente que a dialogicidade, identificada no mesmo capítulo, ajuda também na circulação desses conceitos e confirma a visão baktiniana de acordo com a lógica do que estamos analisando. Nesse caso, a entrevistada 1 utilizou relatos de experiências anteriores para construir sua representação sobre a atuação do fonoaudiólogo nos três campos: escolar, assessoria e clínica.

Na realidade, nenhum sujeito está livre do que já possui como representação e que interfere em seu discurso. Desta maneira, foi possível observar que a entrevistada adquiriu esta compreensão sobre a Fonoaudiologia Escolar através de trocas comunicativas anteriores imersas num senso comum.

B) Diferença entre Assessoria Fonoaudiológica e Fonoaudiologia Escolar

Entrevistado 2

A diferença do trabalho de assessoria e do fonoaudiólogo escolar está situada no fator tempo.

O entrevistado 2 menciona que o assessor, por estabelecer um contrato temporário com a escola, dispõe de um tempo limitado e, por isso, é levado a estabelecer um número de dias para realizar os objetivos a que se propôs atingir, como, por exemplo, traçar o perfil vocal do professor ou orientar pais. Ele tem como representação que o assessor fornece um serviço especializado e que vai de acordo com a necessidade da instituição, levando-nos a interpretar que esta sua

imagem pode estar vinculada à proposta, bem anterior, de inserir programas diferenciados na escola com o intuito de abranger a todos, introduzindo uma série de serviços complementares realizados por profissionais especializados como: fonoaudiólogos, médicos, psicólogos, pedagogos etc.

“No caso da assessoria, ele chega lá e diz..olhe o tempo que eu tenho pra fazer esse mesmo diagnóstico, são dois meses porque eu tenho que ter o primeiro encontro, porque eu tenho que ter isso, eu tenho que ter aquilo, certo, então são dois meses pra eu fazer isso”.

Quando diz que um profissional efetivo na escola tem a vantagem de realizar suas atividades com maior tranquilidade, deixa transparecer a sua representação, também, quanto à função de assessor, levando em consideração o tempo cronológico para a efetivação das propostas de trabalho, como se a diferença na atuação de um assessor e de um fonoaudiólogo escolar estivesse somente situada no fator tempo.

Reconhece as limitações de um assessor, quando menciona que o não acompanhamento constante das crianças pode prejudicar o resultado das avaliações, mas acredita que se o responsável pelo trabalho for ético, não encaminhando crianças com problemas fonoaudiológicos para ele mesmo, este trabalho pode ser feito.

C) Trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente

Entrevistada 1

Deve orientar os professores quanto à detecção e à prevenção de problemas fonoaudiológicos nas crianças.
Deve orientar os professores em relação aos problemas vocais.

A entrevistada apresenta uma representação sobre o trabalho do fonoaudiólogo junto ao corpo docente direcionada à busca de dificuldades nos alunos, mesmo quando menciona que a intenção dele deve estar voltada para a prevenção, para a avaliação e para a orientação de pais e de professores. Ela sempre relaciona essa atividade ao objetivo de detectar e de prevenir, juntamente com o professor, problemas fonoaudiológicos que podem surgir nos alunos, como se

o professor fosse contribuir para a detecção de problemas, ou melhor, como se ele fosse um agente detector de problemas - conforme visto no capítulo 3.

A fonoaudióloga não reconhece que a atuação, dentro da escola, pode e deve ajudar o professor no desenvolvimento da linguagem e no processo de aprendizagem de todos os alunos, não apenas detectando e prevenindo dificuldades.

Ela ainda demonstra possuir representações que foram criadas anteriormente e, dentro de uma perspectiva histórica, quando comenta sobre a importância de não realizar tratamento na escola. Ciente dos limites dessa atuação, demonstra estar sendo influenciada pelas representações que, certamente, nasceram quando se falava de uma proposta de Fonoaudiologia no meio escolar, que não visava o atendimento clínico, mas também não excluía a intenção de realizar encaminhamentos de alunos com dificuldades para profissionais especializados (capítulo 3).

Bakhtin, ao examinar o discurso na perspectiva da relação com o discurso do outro, privilegia a relação dialógica existente entre sujeitos. É nessa relação dialógica, na qual a linguagem está fundada, que, facilmente, percebemos que a entrevistada, por compreender que o professor necessita de cuidados com sua voz, menciona, ligeiramente, as possibilidades de atuação do fonoaudiólogo direcionadas para a saúde vocal do professor.

O tempo todo, a entrevistada deixa transparecer a representação de que o fonoaudiólogo na escola, busca adoecer o aluno com a ajuda do professor. Esta compreensão é percebida, quando ela menciona que, nesse ambiente, o fonoaudiólogo pode auxiliar o professor no momento em que estiver em dúvida quanto ao diagnóstico e quanto ao encaminhamento do aluno no tempo adequado.

“...o professor ele vai pedir um auxílio à fonoaudióloga, que é especialista na área de linguagem, pra poder orientá-lo, não é, e fazer uma avaliação, uma triagem, e detectar se existe ou não algum tipo de problema, não é”.

Observando as interpretações a respeito do tema, podemos pensar que pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e também da cooperação, pois, obviamente, elas não são criadas isoladamente. Uma vez criadas, adquirem vida própria, circulam, encontram-se, atraem-se, repelem-se e dão oportunidade para o nascimento de novas representações, enquanto as velhas morrem (MOSCOVICI, 2004). Nesse caso, a representação da fonoaudióloga referente a este tema ainda não foi substituída por outra, mais condizente com o papel desse profissional de

hoje, uma vez que, se percebe em sua narrativa uma visão próxima do que marcou o início do exercício dessa atividade, talvez por ela não acompanhar, de perto, a evolução da nova proposta.

É importante ressaltar que a entrevistada tem a representação, semelhante a maioria dos entrevistados, de que o fonoaudiólogo, para atuar no meio escolar, deve ser um especialista da linguagem, não reconhecendo as possibilidades de aperfeiçoamento em outras áreas. Esse posicionamento faz com que o não dito, ou o não mencionado, leve-nos a interpretações que emergiram de relatos de práticas anteriores direcionadas apenas à linguagem.

O seu discurso está tão impregnado de uma compreensão acerca da atuação desse profissional como detector de problemas que não consegue finalizar a entrevista sem antes reforçar essa sua compreensão, mesmo tendo externado, em seu discurso concreto, que é importante trabalhar a comunicação nas instituições de ensino.

Ela enfatiza a importância da presença do fonoaudiólogo na escola para a identificação precoce de qualquer dificuldade que possa surgir no educando, como podemos identificar nas suas expressões:

“... o fonoaudiólogo dentro da escola ele vai evitar muitos problemas futuros...muitos casos deixam de ser detectados por professores e quando vêm pra gente no consultório, na clínica, então já vêm com um estágio muito mais avançado...”

“...É, eu acho que o que vai melhorar, como eu falei antes, havendo a necessidade de um tratamento em si, havendo a necessidade de um tratamento, vai ser um tratamento mais rápido, não é? Um tratamento mais fácil de ser realizado porque vai ser um tratamento que vai ser detectado precocemente ...” (segunda etapa da entrevista)

Conforme o mencionado, a representação que emerge das suas considerações está intimamente ligada à detecção de problemas nos educandos e a encaminhamentos, quando necessário, para os devidos especialistas. Essa posição alimenta uma visão reducionista da atividade que não nos deixa perceber se existe realmente uma troca de conhecimento, um diálogo, entre o fonoaudiólogo e o professor.

(C) Trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente

Entrevistado 2

O trabalho com o corpo docente deve ser o de fornecer formas mais agradáveis, de desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Um trabalho de parceria com o professor, no qual também deve existir a prevenção dos distúrbios da comunicação.

Partindo do pressuposto de que nossas representações são sempre filtradas pelo discurso de outros, pelas experiências que vivemos, pelas coletividades às quais pertencemos, identificamos que o entrevistado 2, ao mencionar suas representações sobre a contribuição do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente, compreende que as ações deste estão direcionadas à aquisição e ao desenvolvimento da linguagem, demonstrando, assim, que, de alguma forma, existiu a possibilidade de trocas de conhecimentos, as quais o levaram a interpretar o tema de forma mais positiva do que outros entrevistados.

Outra representação diz respeito a um trabalho de parceria com o professor, a fim de proporcionar um desenvolvimento mais agradável da linguagem dos alunos e de prevenir distúrbios da comunicação.

“Então na verdade é um trabalho de parceria, nesse trabalho de parceria o conhecimento do fonoaudiólogo ele vai ser trocado com essa população”

Podemos compreender melhor o que é colocado por ele, considerando o que Bakhtin (2004) apresenta sobre a importância das trocas enunciativas, e, nesse caso, referem-se às trocas de conhecimentos entre professores e fonoaudiólogos. Dessa maneira, é compreendido que a existência dessa relação entre ambos, salvaguarda o lugar fundante do outro, permitindo-se que haja uma interação verbal. Quando acontece essa troca entre eles, há uma maior facilidade de desenvolvimento da linguagem dos alunos com uma qualidade maior, uma vez que estão presentes, na escola, dois profissionais com formações diferentes, que se completam para atingir um único objetivo.

Para o entrevistado, o fonoaudiólogo é um profissional que atua como um co-participante do desenvolvimento, como um consultor (como ele mesmo denomina). Procura justificar o termo “consultor” relatando que, na escola, ele não irá concretizar suas idéias, mas buscará a melhor maneira de realizá-las através do outro.

“É..consultor é.. uma vez que o consultor ele não vai.. eu acho que é proteção de não intervir, de ficar na beirada. Ele é consultor e quando você vai atrás de um consultor, numa empresa por exemplo, para desenvolver uma estratégia de mercado, isso na área administrativa, o consultor não é o que vai fazer, não é o que vai realizar.O consultor é o que vai, dentro das suas idéias, ele vai desenvolver a melhor forma de desenvolver suas idéias... da forma que a escola acredita que vai ser o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, ele atua com o conhecimento fonoaudiológico ... é direcionar a melhor forma desse desenvolvimento ocorrer.

A princípio, podemos pensar que o termo “consultor” é utilizado pelo fato de que o fonoaudiólogo necessita da presença do outro para que sua proposta de ação aconteça. É como se o fonoaudiólogo mostrasse como o professor deve se posicionar diante de certas dificuldades normais de linguagem que surgem na criança, nas quais não possa intervir diretamente, ou, então, que tivesse condições de criar atividades que facilitassem o aprendizado dela, porém quem iria realmente executá-las seria o professor.

No entanto, no decorrer da enunciação, ele busca uma outra justificativa, dessa vez, dizendo que a escola sempre vai olhar para o fonoaudiólogo como sendo mais capaz de identificar problemas do que o professor, mesmo que, de alguma forma, ele também haja como um facilitador. Essa compreensão ressalta as relações de poder que se instalam no seio de determinadas profissões, as quais podem levar a uma visão distorcida das interações estabelecidas com outras atividades profissionais. Vejamos como ele finaliza seu comentário sobre o termo “consultor”:

“você é um consultor porque embora você vai intervir de algum modo, fazer oficinas de facilitação, você não deixa de ser consultor, você sempre .. vão lhe reportar pra você ou por problemas ou.. mas você não deixa de ser consultor”.

Percebemos que, embora o discurso do entrevistado esteja repleto de intenções ao demonstrar uma posição firme com relação ao tema, revela ainda a representação de que, no final de todo fazer fonoaudiológico, o que realmente se executa, na escola, é a procura dos problemas nos alunos, uma vez que isso se torna uma exigência da própria instituição.

Portanto, sua representação acerca do tema deve ser vista como uma maneira de compreender e de comunicar que a Fonoaudiologia continua impregnada de mentes que apenas visam ao ser patológico, mesmo que isso não seja tão perceptível para os profissionais quando discorrem sobre suas opiniões.

O entrevistado acrescenta, ainda, que a visão de linguagem que os fonoaudiólogos têm, enquanto profissionais da saúde, é uma visão mais global, já que estudam, profundamente, o processo de normalidade para compreender as patologias nas quais podem intervir clinicamente. Acredita que esse respaldo teórico que possui deveria existir também na Pedagogia, o que, talvez, não aconteça devido ao fato de que esse curso não tem como prioridade estudar a comunicação humana, como acontece com o curso de Fonoaudiologia.

Essa conclusão carece de fundamento, pois, na verdade, são ciências distintas, com objetos de estudos também distintos. Seu depoimento demonstra uma certa desvinculação da realidade no tocante às interlocuções entre as ciências no momento em que avalia a atividade pedagógica.

“me parece que embora o conhecimento do professor tenha.. deveria ter o conhecimento de linguagem, isso não existe. Como o fonoaudiólogo tem na sua própria formação essa questão de tá ligado ao objeto, o objeto linguagem, o objeto como uma forma e é.. aquisição, de desenvolvimento, de patofisiologia, de patologia, de alterações e de reabilitação, ele tem um conhecimento mais global porque vai desde o conhecimento da aquisição ao desenvolvimento. **Da normalidade a? (entrevistadora)** da normalidade até as possíveis alterações, o diagnóstico”. (segunda etapa da entrevista)

Observando esse fragmento, notamos que ele construiu sua representação sobre a capacidade do fonoaudiólogo em se aprofundar nos aspectos relacionados à linguagem, partindo de uma visão histórica a qual acredita que o fonoaudiólogo adquire um conhecimento maior que o professor por estudar conhecimentos sobre o patológico, os quais a formação do professor não fornece. Dessa forma, o entrevistado deixa transparecer, em seu discurso, o estigma de que é preciso ter um domínio das patologias para se manter bem situado no meio escolar.

Em relação à prevenção dos distúrbios de comunicação, ele revela a imagem de “prevenção” como uma palavra forte porque remete à patologia. Para ele, essa visão representa um equívoco conceitual que merece ser modificado por conta de sua imprecisão. Mesmo assim, admite seu uso, justificando que um trabalho preventivo, deve aparecer em relação aos distúrbios da comunicação, mas ressalta que o trabalho preventivo não é o foco do fazer fonoaudiológico na escola.

“ junto ao corpo docente é.. observar meios de prevenção, prevenção é uma palavra bem, bem forte, mas de prevenção em relação aos distúrbios da comunicação, mas acima de tudo eu volto a tecla de propiciar o desenvolvimento um mais agradável”

Contudo, quando fala em propiciar um desenvolvimento mais agradável, o entrevistado não esquece de se referir à prevenção dos distúrbios da comunicação, demonstrando ser, ainda, um sujeito que se encontra mergulhado em sua situação social e histórica concreta, tanto em termos de atos discursivos quanto em sua transfiguração discursiva. Ele consegue observar que é preciso um olhar para o aluno e para o professor, não limitando o papel desse profissional ao fornecimento de orientações aos professores ou à observação para diagnosticar alunos.

D) Valor da triagem na prática do fonoaudiólogo na escola

A terminologia “triagem” foi usada nesse tema, pois, ainda hoje, aparece na Fonoaudiologia quando se deseja realizar algum tipo de avaliação breve em sujeitos, buscando a identificação da existência de anormalidade(s) em seu desenvolvimento. É, na verdade, uma seleção para exclusão.

Entrevistada 1

A triagem é essencial, já que o professor, algumas vezes, não consegue detectar os problemas de seus alunos em sala de aula.
A triagem detecta as dificuldades que possam surgir.

Esse sentido de triagem, historicamente assumido pela Fonoaudiologia e que, ainda hoje, permanece na mente de alguns profissionais, como se observa com a entrevistada 1, apresenta, como principal representação, a idéia de que ela tem o objetivo de detectar, precocemente, patologias no aluno e de encaminhar, à clínica, aqueles que possuem dificuldades de linguagem.

“...com a triagem fica mais fácil, né, da escola é..detectar essas dificuldades que acontecem”(primeira etapa da entrevista).

A entrevistada 1 não faz menção, em nenhum momento, ao fato da triagem servir como um levantamento de dados das características dos alunos de uma classe com o objetivo de contribuir, posteriormente, para o aprendizado do escolar, como sugere o fonoaudiólogo Jaime Zorzi (capítulo 2).

As práticas discursivas da entrevistada demonstram que a enunciação, na perspectiva bakhtiniana, vai sendo tecida sempre numa dimensão discursiva, implicada num caráter interativo, social, histórico e cultural (BRAIT, 2005b). A enunciação, sendo de natureza, constitutivamente, social e histórica, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos, conforme comentado no capítulo 1. Refletindo sobre esses tipos de enunciações, fica mais fácil compreender o percurso feito pela entrevistada na construção de suas representações. Por meio do resgate de representações anteriores e da circulação de discursos sobre triagem, emergiram as representações “negativas” da fonoaudióloga em relação ao tema abordado.

Ao mesmo tempo em que valoriza a triagem a fim de detectar problemas, a entrevistada também menciona a importância de sua realização, sugerindo que o fonoaudiólogo deve estender suas ações para todo o espaço escolar, agindo preventivamente. Vejamos o que afirma sobre a postura do fonoaudiólogo:

“...ele deve ir pra sala de aula, ter um tempinho pra você desenvolver algum trabalho, tipo de história, de leitura, que fazem as crianças contarem aquilo que você falou...”

“Então você acredita nessa relação do fono trabalhando direto com o aluno?” “Isso eu acho que ele não pode ficar dentro da salinha dele lá só pra avaliar não”.

“...ter aquele tempinho para você, pra você puder estimular e prevenir, a finalidade é essa. É prevenir problemas futuros né...”(segunda etapa da entrevista)

O sujeito, quando diz algo, sempre diz de uma dada maneira, dirigindo-se a alguém, e o ser desse alguém interfere na própria maneira de dizer. Sendo assim, quando a entrevistada relata que o fonoaudiólogo escolar deve também entrar em sala para realizar atividades com os alunos, compreendemos que ela tem a intenção de responder às nossas perguntas de acordo com o que ela acha que o seu interlocutor gostaria de ouvir. Nesse caso, diz o que, provavelmente, irá agradar, contudo volta a exteriorizar a sua representação ao falar em “prevenir problemas futuros”.

(D) Valor da triagem na prática do fonoaudiólogo na escola

Entrevistado 2

A triagem não deve ser evidenciada, mas sim o campo da observação, da interação e da vivência, pois tem a função de selecionar os que possuem ou não patologia, além de não ser esse o objetivo do fonoaudiólogo na escola.

O **entrevistado 2**, ao expressar sua compreensão do papel da triagem na escola, expõe sua opinião sobre o uso dessa palavra e até fornece sugestões para modificações.

“... é só você usar a palavra diagnóstico ou diagnose”

“...diagnóstico não está ligado à área clínica, a gente tem que acabar com isso. Quando eu digo que triagem é uma palavra forte é porque triagem eu estou selecionando, se você for para um dicionário, triar é também selecionar, é sinônimo de selecionar...”

Observa-se que, em fragmentos de seu discurso, ele não nega a realidade do mundo, ou seja, a visão que a maioria dos fonoaudiólogos tem de triagem como sendo uma forma de detectar problemas, apesar disso, não deixa de expor sua opinião sobre o sentido da palavra, buscando uma compreensão mais ampla sobre essa ação. Por não concordar com o significado *denotativo* de “triagem”, propõe, ao fonoaudiólogo escolar, substituí-lo por “diagnóstico” e justifica sua escolha dizendo que qualquer um, na escola, seja professor, psicólogo ou fonoaudiólogo, pode realizar um diagnóstico, e que este não necessariamente deve estar ligado à área médica. Para o entrevistado, o fonoaudiólogo pode fazer um diagnóstico referente ao desenvolvimento da linguagem escrita de uma turma de alunos.

“Quem acredita numa linha mais, numa Fonoaudiologia mais de linguagem.. pode usar diagnóstico, eu acho que a gente tem que assumir que pode falar diagnóstico. Diagnóstico é uma coisa e é menos forte que triagem, triagem eu estou se-le-cionando. Então eu faço diagnóstico fonoaudiológico na clínica, mas eu posso fazer diagnóstico na escola porque o pedagogo faz um diagnóstico, o professor diagnostica, o diagnóstico ele não necessariamente tem que tá na área clínica” (segunda etapa da entrevista).

O entrevistado apresenta, como representação do papel da triagem, uma idéia, talvez, mais efetiva para beneficiar a escola, uma vez que considera o participar do processo de aquisição da linguagem da criança, o campo da observação e a vivência do fonoaudiólogo no meio escolar,

como formas de compreender o que se passa em cada turma de alunos a fim de agir preventivamente.

Para transformar suas idéias em palavras usuais, ou melhor, para transformar algo desconhecido em familiar, o entrevistado colocou, em funcionamento, dois mecanismos baseados na memória e em conclusões passadas. Esses processos, denominados **ancoragem** e **objetivação**, são os que geram representações sociais (MOSCOVICI, 2004).

Ele utilizou o mecanismo de ancoragem para transformar suas idéias sobre o papel da triagem em categorias de imagens comuns, isto é, trouxe-as para um contexto familiar (substituindo “triagem” por “diagnóstico”). Posteriormente, fez uso do mecanismo de objetivação a fim de transferir o que estava em sua mente para algo que já exista no mundo físico com o objetivo de compreender e de justificar o que havia feito.

Podemos perceber, então, que o familiar não pode deixar de se transformar no curso desse processo. O entrevistado encontrou certa satisfação ao redescobrir tal familiaridade, sugerindo uma nova proposta de ação que substituiria a palavra “triagem”. Mesmo que a familiaridade seja ilusória, torna-se evidente que representações anteriores foram substituídas por novas representações na mente do entrevistado, e que estas também não foram constituídas sozinhas, mas sim com a interferência da polifonia (isto é, da presença de várias vozes ou de pontos de vista no discurso).

E) Postura do profissional diante de alunos com dificuldades de linguagem dentro de uma perspectiva inclusivista

Entrevistada 1

Realiza uma avaliação minuciosa e encaminha para um profissional clínico.
Mantém contato com o clínico que está acompanhando o aluno.
Fornece orientação aos professores para facilitar a comunicação do aluno com dificuldades em sala de aula.

A entrevistada 1 falou que o fonoaudiólogo escolar deve orientar os pais e encaminhar os alunos para outros profissionais quando perceber nestes, alguma dificuldade de linguagem.

Revelou, nessa ocasião, uma representação muito restrita sobre uma proposta de inclusão. Sua compreensão era a de que, uma vez detectado o problema do aluno, a escola o encaminharia para os serviços indicados, não orientando os professores sobre como lidar com esse aluno em sala de aula, demonstrando uma lacuna na sua visão do fazer fonoaudiológico.

“Dentro de uma perspectiva inclusivista, qual seria a sua postura se encontrasse uma dificuldade de linguagem na criança? (entrevistadora) Como fono escolar. Como fono escolar. Sim, então eu analisaria, faria uma avaliação mais minuciosa e encaminharia pro profissional clínico, não é? Que realmente seria o especialista que iria tratar do problema. Não é? Seria essa ..esse procedimento” (primeira etapa da entrevista).

Somente na segunda etapa da entrevista, aprofunda seu discurso. Colocando-se no lugar do fonoaudiólogo escolar, fala sobre a importância de um trabalho interdisciplinar, no qual o professor, o fonoaudiólogo clínico, os pais e a escola devem estar envolvidos em benefício do aluno. Chegou a sugerir estratégias que facilitariam a aprendizagem de um deficiente auditivo, de acordo com a sua experiência na área clínica, relatando já ter atendido um.

A sua perspectiva marca o conceito de que é o desvio, a anormalidade que estimula nossa curiosidade e parece exigir uma explicação, conforme explicitado, por Moscovici, no primeiro capítulo. Talvez, pela busca da pesquisadora, pelas representações a respeito do tema abordado, a entrevistada tenha se esforçado e conseguido explicar o que ela compreende por um trabalho fonoaudiológico de inclusão na escola. Assim sendo, já na segunda etapa da entrevista, expôs suas representações, mesmo sendo superficiais.

As idéias de Bakhtin sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico. Para ele, a alteridade define o homem, uma vez que o outro é imprescindível para sua concepção. Pensando dessa maneira, observamos que, provavelmente, não houve dialogicidade entre os profissionais da Fonoaudiologia que levasse a uma ampliação do conhecimento em relação à proposta de atuação do fonoaudiólogo escolar dentro de uma perspectiva inclusivista, resultando em representações pouco elucidativas a respeito do tema.

Após a abstração das representações sociais dos cinco temas propostos, pensamos ser pertinente abrir um espaço, dentro deste tema E, para explicar a queixa da entrevistada sobre o seu tempo de graduação. Ela mencionou não ter tido oportunidade de fazer um estágio em escolas e nem de conhecer melhor a Fonoaudiologia Escolar, ressaltando que o professor da disciplina não soube passar o conteúdo devidamente. Sua representação sobre a formação do fonoaudiólogo

é bastante negativa. Acredita que, por não ter aprendido sobre Fonoaudiologia Escolar, não atua na área.

Nesse sentido concordamos com Moscovici quando ele expõe que devemos aprender a desconfiar da sabedoria popular, pois o fato do senso comum estar de acordo com nossas intuições não prova nada mais que a existência de um consenso. Sendo assim, compreendemos a influência das trocas comunicativas na representação da entrevistada.

(E) Postura do profissional diante de alunos com dificuldades de linguagem dentro de uma perspectiva inclusivista

Entrevistado 2

Encaminhamento para uma avaliação mais específica fora da escola e depois manutenção de contato com esse profissional.

Em casos de crianças que necessitam de uma avaliação clínica, a sugestão do entrevistado 2 é de encaminhamento para o profissional especializado, com o qual, caso fosse necessário, deveria ser mantido contato, buscando trabalhar interdisciplinarmente.

“Qual seria a sua postura, na escola, diante das dificuldades clínicas de linguagem encontradas nos alunos dentro da perspectiva inclusivista? (entrevistadora) A..a minha atitude? Encaminhamento. Se eu fosse um fono escolar, encaminhamento. Éh essa.. eu encaminharia para uma avaliação mais específica”.

Não chegou a descrever como seria a intervenção do fonoaudiólogo escolar com as crianças e seus pais, assim como não mencionou como ele poderia facilitar o social e a comunicação de uma criança especial numa instituição de ensino regular. Essa atitude nos permite interpretar que ele possui uma idéia ou uma representação restrita acerca da proposta de trabalho, tanto em relação àquela criança que possui necessidades especiais como também no que se refere à que apresenta uma alteração de linguagem e necessita de um apoio na sala de aula.

Apesar de ressaltar a importância de manter um contato com o clínico que acompanha o aluno com dificuldades, sabemos que somente esse contato com um profissional de fora não é suficiente. Para que o aluno consiga superar suas limitações, é preciso estar junto. O fonoaudiólogo, na escola, pode agir com o professor para facilitar a comunicação e a interação de alunos com dificuldades especiais.

Ao analisar a compreensão do entrevistado sobre o tema, encontramos dificuldades em abstrair suas representações sobre o assunto, porque ele demonstra ter um conhecimento limitado sobre a proposta inclusivista, como já mencionamos anteriormente. Entretanto, considerando esse fato, podemos justificar seu posicionamento como sendo reflexo de uma formação inconsistente nesse campo.

Segundo Durkheim, citado por Moscovici (2004), a causa determinante de um fato social deve ser buscada em fatos sociais e não nos efeitos da consciência individual. Por conseguinte, podemos pensar na possibilidade de que os fatos sociais, no que diz respeito à origem da Fonoaudiologia e a formação do fonoaudiólogo, tenham proporcionado ao entrevistado um embasamento teórico e prático mais voltado para a área clínica, com um conhecimento fragmentado de sujeito, visando apenas à patologia. O fonoaudiólogo aprendeu a trabalhar com a patologia deixando de olhar o sujeito como um todo, inserido num contexto.

Na visão do entrevistado, os estudiosos da Fonoaudiologia Escolar não se interessaram em pesquisar, mais profundamente, o papel desse profissional na instituição onde atua, fator determinante, para que se tornasse um campo de atuação dentro da especialidade de linguagem.

5.2 Análise e discussão dos dados obtidos dos fonoaudiólogos escolares

A) Definição de Fonoaudiologia Clínica e de Fonoaudiologia Escolar

A promoção de saúde foi destaque, mais especificamente, para o grupo de fonoaudiólogos que atuam em escolas, no entanto, suas propostas não envolveram por igual, as especialidades da Fonoaudiologia. O enfoque maior é dado à linguagem oral e escrita; enquanto voz, audição e motricidade orofacial terminaram por ficar no âmbito da prevenção, que aconteceria por meio de palestras e de orientações a pais e a professores.

Entrevistada 3

Fonoaudiologia clínica trabalha a patologia.

Fonoaudiologia escolar previne os distúrbios da comunicação e estimula a linguagem (oral e escrita).

A entrevistada 3, atua em escola desde 1989, ou seja, há 16 anos. Definiu a Fonoaudiologia Escolar e a Clínica da seguinte forma:

“...É..o que eu poderia dizer é que a Fonoaudiologia é.. clínica, é uma Fonoaudiologia onde trabalha a patologia, a terapia. E a Fonoaudiologia Educacional né, escolar, ela previne os distúrbios, estimula a linguagem oral e escrita...”

No primeiro momento de sua entrevista, demonstra, claramente, sua representação sobre Fonoaudiologia Escolar quando menciona que seu trabalho na escola é, exclusivamente, voltado para a prevenção de distúrbios da comunicação e para a estimulação da linguagem oral e escrita. Apenas na segunda etapa da entrevista, ao retornarmos para questionar a sua contribuição também em outras especialidades (voz, audição e motricidade orofacial), ela explicitou algumas de suas ações nessas áreas.

A fonoaudióloga afirma que a maior parte de seu trabalho é dedicado à linguagem e que suas atenções, quanto às outras especialidades da Fonoaudiologia, estão direcionadas apenas para orientações e prevenção.

Dessa forma, ao apresentar uma representação acerca do tema que se constituiu ao longo de sua prática diária, aderiu a ela, como uma verdade consolidada, registrando que essa forma de atuação condiz com o seu verdadeiro papel. Sabemos que é a representação que une as idéias e o comportamento de um coletivo, e é formada no decurso do tempo, ao qual, às pessoas aderem de maneira pública.

A entrevistada 3, dá ênfase a uma atividade contínua, que ela mesma coloca em prática e que ocorre, semanalmente, com os professores, com os alunos e com os outros membros da instituição escolar da qual participa.

Algumas de suas ações, direcionadas à orientação e à prevenção, visam apoiar às auxiliares e às crianças na hora do lanche (em relação aos hábitos alimentares) e à realização de atividades sobre “a importância da voz e da audição”, tanto para as crianças quanto para os professores. Além dessas atividades desenvolvidas, ela diz promover palestras como caminho para fornecer informações também aos pais.

Como comentou Moscovici (vide primeiro capítulo), as palavras não se constituem à tradução direta das idéias, como também não o são, os discursos, nunca as reflexões imediatas das posições sociais. Nesse caso, cremos que a fonoaudióloga tenha sentido necessidade de

exteriorizar algo a respeito de sua atuação, bem como das outras especialidades da Fonoaudiologia, para atender a exigências da sociedade. No entanto, o que foi revelado, em todo seu discurso e na abstração de suas representações, é que, durante a maior parte do tempo de sua entrevista, limita-se a falar apenas de uma especialidade da Fonoaudiologia.

(A) Definição de Fonoaudiologia Clínica e de Fonoaudiologia Escolar

Entrevistada 4

Fonoaudiologia Clínica está vinculada ao tratamento daquilo que já foi diagnosticado como patologia.

Fonoaudiologia Escolar faz um trabalho de prevenção, se constituindo sinônimo de estimulação e aprimoramento, representando a base dessa atividade.

A entrevistada 4, também fonoaudióloga escolar, atuante no meio há, aproximadamente, onze anos, definiu a Fonoaudiologia Clínica e a Escolar objetivamente. A sua descrição de Fonoaudiologia Escolar foi bem direcionada ao seu fazer:

“...eu acho que a prevenção na Fonoaudiologia Escolar tá muito vinculada à estimulação. Nesse caso, prevenção é sinônimo de estimulação, eu acho que a estimulação é a base da Fonoaudiologia Escolar, cê não tá lidando com o patológico, e sim com o aprimoramento, com o aperfeiçoamento, o que que aquela criança pode dar de melhor, pode dar mais, como é que essa família pode agir de uma maneira diferente, então, você tá ali pra orientar ... o professor.. a postura do professor em benefício próprio e em benefício do aluno, então Fonoaudiologia Escolar pra mim é isso...”

Neste momento, ela expressou um bom domínio sobre a temática, demonstrando um posicionamento bem colocado dentro dos parâmetros que regem a atuação desse profissional na atualidade.

A entrevistada apresenta como representação da Fonoaudiologia Clínica, a idéia de que corresponde ao tratamento de uma patologia já instalada, sendo necessário a intervenção de um profissional especializado para que exista a possibilidade de cura do indivíduo. Essa representação emergiu há muito tempo e foi se perpetuando, sem grandes modificações, até os dias de hoje.

A representação da entrevistada sobre Fonoaudiologia Escolar é a de um fazer contínuo de prevenção. Ela diz não se limitar apenas ao seu sentido literal desta palavra, que remete à patologia, mas busca um novo sentido para a mesma, assemelhando-a a *estimulação*, ao *aprimoramento* da linguagem dos alunos. Acredita em um trabalho de orientação dirigido para pais e para professores, assim como investir em encontros com os próprios alunos.

Evidencia-se nesse contexto, que as representações são criadas no curso de conversações, como formas elementares de relacionamento e de comunicação, portanto, mesmo que a entrevistada tenha criado uma denominação que parece ser única para o seu fazer na escola, não deixa de ter sido constituída a partir de idéias e de representações advindas do social, em que a comunicação se torna o lugar fundante de suas representações.

É importante salientar que, assim como verificado com a entrevistada 3, a proposta de atuação da entrevistada 4 parece estar mais voltada para a linguagem, embora chegue a enfatizar um trabalho com a voz, não descrevendo-o claramente, além de promover uma atividade voltada para a audição e para a motricidade orofacial. Essa fala nos faz supor que a Fonoaudiologia pode, verdadeiramente, estar transmitindo, ao longo de seu percurso histórico, uma proposta para a Fonoaudiologia Escolar direcionada apenas para uma de suas especialidades.

B) Diferença entre Assessoria Fonoaudiológica e Fonoaudiologia Escolar

Entrevistada 3

O diferencial entre o trabalho de Assessoria e Fonoaudiologia Escolar está na participação no desenvolvimento da criança.

A entrevistada 3 tem como representação do trabalho de Assessoria, que ele se diferencia do fazer fonoaudiológico na escola, já que o não participar do processo de desenvolvimento da criança, é prejudicial para esta proposta de atuação.

“Então eu acho que fica um trabalho diferente, enquanto que aquele chega lá na escola, só faz .. eu não sei.. eu acho que é.. só faz a triagem e vai embora.. enquanto que aquele tá participando do dia-a-dia, e tá acompanhando o processo de desenvolvimento das crianças” (primeira etapa da entrevista).

De acordo com o que abordamos sobre as idéias de Bakhtin (2004), a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial, pois é assim que compreendemos as palavras e apenas reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. A fonoaudióloga adiciona à palavra “assessoria” um sentido ideológico (uma realidade própria) concernente às suas trocas comunicativas, talvez com outros profissionais, que se consolidou como representação sobre o trabalho de assessoria nas escolas.

B) Diferença entre Assessoria Fonoaudiológica e Fonoaudiologia Escolar

Entrevistada 4

Percebe que a diferença de atuação entre o fonoaudiólogo escolar e o assessor, está no fato de que este último tem como objetivo à prática e às observações.

Essa entrevistada, quando supervaloriza o trabalho do fonoaudiólogo na escola, deixa transparecer também sua opinião sobre o papel do assessor. Ela coloca que esse profissional se expõe muito ao tentar realizar avaliações do aluno sem conhecer o contexto no qual está inserido, ou melhor, sem reconhecer o relacionamento da família com ele, a interação dele com seus colegas e com seus professores, sua evolução no decorrer dos anos. Para ela, estes se constituem alguns dos fatores que contribuem para um diagnóstico falho, por parte do assessor.

Em consequência, a entrevistada apresenta uma representação bem negativa quanto à proposta de assessoria, levando-nos a interpretar que suas representações devem ser decorrentes do que ela pode ter observado, o que, pode ter prejudicado sua compreensão, fazendo com que suas representações apresentassem esse caráter. A perspectiva de apenas realizar avaliações, sem agregar à atividade, uma outra, ou seja, a de orientar a equipe pedagógica, demonstra uma visão mais restrita acerca do envolvimento com o contexto educacional. Sua representação encontra repercussão na opinião da entrevistada, que analisa de maneira similar essa atuação.

Segundo a entrevistada 4, um fonoaudiólogo que vai duas vezes por semana ou de quinze e quinze dias à escola não tem condições de estabelecer relações mais próximas com os integrantes da equipe.

“...é uma coisa assim que tende a se tornar esporádica, é rápida, é uma coisa superficial porque geralmente o tempo é restrito e você não.. você não pode se aprofundar, você não tem condições, não é o profissional, sim ainda tem esse detalhe, não é o profissional que que não é competente, é a questão de tempo, é a questão de quantidade.. que interfere na competência do profissional, então de repente até o nome desse profissional fica meio que nebuloso aí, no sentido de “fulano não tá fazendo bem o trabalho dela”, mas ela não tem condições porque ela não está no dia-a-dia com as crianças, ela não tem o conhecimento global...”.

Ela faz uma confusão em relação à proposta de trabalho do assessor, mas sua opinião, de certa forma, faz sentido. Justifica que esse profissional termina por prejudicar a inserção do fonoaudiólogo no meio educacional ao mostrar apenas o lado de prevenir ou de detectar problemas, e não o de promover saúde.

Finaliza a pergunta relacionada à assessoria respondendo que não crê naquele profissional que fala, com segurança, de um determinado aluno, sem participar de sua rotina, sem observá-lo em sua globalidade e sem conhecer as pessoas que vivem ao seu redor.

Fazendo uma analogia com as idéias de Bakhtin (2004), quando ele diz que a palavra está em todas as relações entre indivíduos e, por isso, é o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, identificamos que a palavra “assessoria” pode causar mudanças no mercado de trabalho, no campo da Fonoaudiologia Escolar, uma vez que sua proposta demonstra lacunas, já que, após o trabalho concluído, o assessor não tem “mais utilidade” e termina sendo dispensado pela escola, deixando a imagem de um profissional que vai à instituição para prevenir e para detectar problemas, e isso qualquer um do meio escolar pode fazer.

C) Trabalho do Fonoaudiólogo Escolar junto ao Corpo Docente

Entrevistada 3

Trabalha em parceria com o professor, favorecendo a aprendizagem dos alunos.

Apresenta uma visão sobre linguagem mais ampla que a do professor, e, assim, ambos têm enfoques diferentes, mas que se fundem para atingir o mesmo objetivo.

Nas explicitações sobre o tema, estamos destacando que, neste grupo (composto por fonoaudiólogos que atuam em escolas), as representações encontram abrigo na afirmação de

Moscovici que tratam do fato de que, quando ouvimos ou vemos algo, nós, instintivamente, supomos que isso não é casual, mas sim que esse algo deve ter uma causa e um efeito. Refletindo sobre esse dizer, somos capazes de compreender o porquê da entrevistada 3 também acreditar, como o entrevistado 2, num trabalho de parceria do fonoaudiólogo com os professores na escola, o que não vem ocorrendo com frequência, não gerando os resultados que poderiam ser atingidos, caso fosse mais dirigido para a observação cuidadosa das relações aí desenvolvidas. Vejamos o que a entrevistada 3 relata:

“...É, a fono escolar, ele entra mais como uma parceria com os professores, integrada a uma equipe, não? onde vai trabalhar a aprendizagem dos alunos, favorecendo essa aprendizagem...”

Ela percebe o fonoaudiólogo, na escola, como um facilitador do desenvolvimento da linguagem. Diferencia esse profissional do professor ao dizer que este último também está envolvido com a linguagem e com a aprendizagem, porém com um ponto de vista mais focado na aprendizagem do aluno. Já o fonoaudiólogo não, o seu interesse é tornar essa linguagem mais prazerosa por parte das crianças, fugindo da gramática e penetrando na capacidade de criação de cada aluno, otimizando as linguagens oral e escrita.

Nesse sentido, Bakhtin apresenta uma significativa contribuição para o estudo dessa linguagem, no momento em que examina o discurso na perspectiva da relação com o discurso do outro. Verifica-se que essa entrevistada não privilegia uma relação dialógica com o professor, pois demonstra ter como representação sobre o trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente, a idéia de que, ao agir diretamente com os alunos a fim de favorecer o desenvolvimento da linguagem deles, está trabalhando em parceria e, trazendo benefícios para os alunos. Esquece, talvez, que as trocas comunicativas entre os profissionais devem acontecer frequentemente para que seu trabalho também se torne mais efetivo.

Em relação à contribuição do fonoaudiólogo junto ao corpo docente, na hora do planejamento escolar, a entrevistada demonstra possuir uma opinião não muito clara a respeito do assunto. Diz que sua participação, nesse planejamento, tem como finalidade informar-se sobre o que irá ser abordado durante o ano para que ela possa direcionar suas atividades de linguagem de acordo com o tema proposto para toda a escola.

“...dentro desse planejamento, sempre que é possível, em relação à linguagem, a gente contribui junto aos professores nos assuntos que eles vão trabalhar durante o ano. É.. por exemplo, se eles vão trabalhar a questão da campanha da fraternidade, então eles sempre solicitam da gente que a gente trabalhe a produção textual”.

Infelizmente, não demonstra muito interesse em propor atividades para o professor que facilitem e otimizem a comunicação dos alunos. Prende o seu fazer às “aulas de fono” e não menciona nenhuma sugestão para o professor com o objetivo de transmitir conhecimentos da Fonoaudiologia a fim de facilitar o trabalho em sala de aula (como, por exemplo, atividades lúdicas que envolvam a articulação dos fonemas, o estímulo ao desenvolvimento da competência narrativa, dentre outras possibilidades). Não percebe, talvez, que algumas de suas atividades podem ser desenvolvidas pelo docente.

Para Bakhtin (2004), sendo um signo fenômeno do mundo exterior, o próprio signo e todos os seus efeitos, ou seja, todas as ações, as reações e os novos signos que ele gera no meio social, aparecem na experiência exterior. Dessa forma, compreender o planejamento escolar da forma como faz a entrevistada o deixa distante de se tornar uma verdadeira contribuição para o professor, o que significa pensar que esse signo ainda não se tornou conhecido por ela.

Revelando, sucintamente, a sua proposta de atuação no meio escolar, a profissional comenta que foi a primeira a iniciar, na escola, há quinze anos, uma proposta que visava interagir diretamente com os alunos em sala de aula, entrando em cada turma para realizar as atividades que ela mesma produzia. É importante ressaltar que essas atividades de estimulação da linguagem oral e escrita não são trabalhadas com enfoque pedagógico nem com caráter de avaliação. Observemos o que acontecem nessas aulas:

“...é um trabalho que a gente desenvolve, trabalhando sempre uma vivência com as crianças.. é.. levando a criança a pensar, a criar, a contar historinhas, a desenvolver textos do jeito que eles podem criar, sem ter aquela cobrança, das regras, das formas, da escrita, da gramática, entrando em sala, participando com o grupo.. né, levando a criança a dramatizar, levando a criança a cantar, levando a criança a desenvolver textos livres, não é? e colocando ela pra participar da comunicação oral, discutindo, debatendo, colocando seu ponto de vista. É..eu acho que é mais ou menos desta forma que o fono atua...”

Como nós estamos sempre convencidos de que as pessoas não agem por acaso, de que tudo que fazem corresponde a um plano prévio, que já foi experimentado, percebido e que já teve seus pontos positivos destacados, podemos dizer que a entrevistada defende a proposta de entrar

em sala de aula para desenvolver atividades de estimulação, justificando que o convívio diário com as crianças e as trocas enunciativas entre fonoaudiólogo e aluno, numa situação contextualizada e espontânea, permitindo um melhor conhecimento sobre a capacidade de cada um e, até mesmo, sobre as dificuldades que possam surgir. Com isso, ela acredita que se torna bem diferente daquele profissional que apenas observa e tira suas próprias conclusões com a finalidade de orientar pais e professores.

“...o fono, ele tem que tá dentro de uma sala. Aquele fono que fica fora, recebe só a informação do professor, é diferente. É diferente. Porque uma coisa é você sentir uma criança de perto, a resposta que ela dá, num momento de coletividade...” (primeira etapa da entrevista).

“...Seria diferente é.. daquele fonoaudiólogo que, ele pode pegar a criança num momento individual ou ele pode entrar eventualmente numa sala pra fazer atividades com essas crianças...” (segunda etapa da entrevista).

Ao valorizar uma ação compartilhada, num espaço de elaboração conjunto com o alunado, a entrevistada demonstra sua representação sobre a atuação do fonoaudiólogo na escola, priorizando a troca, a interação dialógica, fazendo com que o aluno não seja um agente passivo e receptivo, mas um sujeito que age e, pelo seu discurso, faz-se ouvir, recriando-se no seio de outras vozes. Essa ação responde às reflexões feitas por Bakhtin e apresentadas no capítulo 1, como sendo uma ação compartilhada que, permeando o espaço pedagógico, humaniza o processo educacional. Esse fato também foi discutido no capítulo 2, quando nos referimos à trajetória da atuação fonoaudiológica. A valorização da ação compartilhada entre fonoaudiólogo e aluno permite que o trabalho desse profissional se desprenda da noção patológica a qual busca problema na escola, para direcionar suas ações para um processo de interação que visa ao aprimoramento da linguagem do aluno.

Ao mesmo tempo, as crianças menores, do Maternal ao Jardim I, são apenas observadas pela fonoaudióloga e para esse grupo o seu trabalho se restringe a orientações dirigidas a professores e a auxiliares. Do Jardim II à 4ª série, ela entra em sala para a estimulação da linguagem. A escola ainda oferece turmas até a 8ª série, porém não houve relatos quanto a nenhum tipo de trabalho direcionado para os alunos maiores. Esse fato, no entanto, não deve significar que o fonoaudiólogo escolar não possa atuar no Ensino Médio, ao contrário, pode justificar, somente, a falta de conhecimento dos profissionais que atuam em escolas em relação às propostas de atuação para séries mais adiantadas.

(C) Trabalho do Fonoaudiólogo Escolar junto ao Corpo Docente

Entrevistada 4

Não deve estabelecer barreiras, ele tem que ser um aliado do professor.

Transmite conhecimentos específicos de sua área para facilitar o trabalho do professor.

A entrevistada 4, assim como a maioria dos profissionais participantes desta pesquisa, têm como representação deste tema a idéia do professor como seu parceiro. Ela compreende que esse profissional é seu aliado de todas as horas, porém revela que, para chegar a uma parceria, é preciso conquistá-lo, demonstrando que o conhecimento específico de linguagem pode contribuir para que sua prática flua de maneira mais eficaz no ensino da língua e da linguagem dos alunos.

A sua compreensão expressa que é preciso não estabelecer barreiras nos contatos com o professor, com o objetivo de ir afinando a parceria, valorizando a interação positiva, fazendo com que o trabalho se desenvolva sem atropelos.

Aos poucos, a entrevistada explicou as mudanças que provocaram a diluição de algumas representações e imagens que o professor tinha sobre a proposta de atuação do fonoaudiólogo na escola. Comentou que houve alterações no olhar do professor para o seu aluno após sua inserção na escola e chegou a mencionar que os professores, talvez por desconhecimento, relacionavam linguagem à fala, esquecendo que linguagem abrange bem mais que a oralidade.

As representações sobre o professor foram substituídas por outras, a partir do momento em que percebeu que são mais sensíveis para lidar com algumas dificuldades que seus alunos apresentavam na fala e na escrita, deixando de ver os erros como patologias e enxergando-os como uma construção que faz parte do processo evolutivo da criança.

Não deixou de valorizar os conhecimentos que o pedagogo adquire sobre linguagem em sua graduação, contudo deixou transparecer que o fonoaudiólogo possui um conhecimento mais abrangente, uma vez que o estudo da linguagem (como instrumento de transmissão de pensamento, mediado pela dialogicidade) faz parte da formação do deste profissional e, por isso, ele teria uma competência maior para atuar nesse âmbito.

“...o fono é aquele profissional dentro da escola que ele enxerga a linguagem de uma maneira diferenciada, né, não só a troca de fonemas, a articulação que não é extremamente precisa, mas a linguagem como um todo, né, e os vários tipos de linguagem, a linguagem corporal, a linguagem escrita, a verbal, então ele .. ele é aquela pessoa que dá esses toques ao professor...”

Podemos notar a presença da polifonia, inseridas em seu discurso, quando enfatiza o seu conhecimento ampliado de linguagem. Esse discurso, evidentemente, não pertence somente à autora, mas a outros autores que, como ela, possui essa representação, fazendo-a circular através das práticas discursivas.

É interessante observar que, diferentemente da entrevistada 3, se prende ao trabalho com os alunos, a entrevistada 4 demonstrou, durante a maior parte de sua entrevista, que o seu fazer, na escola, está mais direcionado para o corpo docente e para os pais, conforme foi revelado ao relatar que o contato direto e sistemático apenas acontece com professores e com pais (quando necessário). Já com os alunos, a sua proposta é, preferencialmente, dirigida para alguma observação em sala de aula e para atividades que acontecem eventualmente, para a estimulação da fala, da leitura e dos cuidados que os alunos devem ter com a voz.

Sua participação junto ao professor, no planejamento escolar, parece ser bastante representativa. Demonstra fornecer, ao planejamento diário, subsídios para que se valorizem as diversas formas de linguagem da criança e para que ela seja otimizada, além de sugerir atividades que possam servir para aprimorar a linguagem, adaptando as atividades que já estavam sendo feitas pelos professores, mas que não davam ênfase à linguagem. Vejamos a sugestão de atividades que ela põe à disposição para o professor realizar em sala de aula com seus alunos:

“...com os pequenos, não é, os bem pequenos, que tão em plena aquisição, você.. você percebe que você poderia trabalhar as músicas, diversificando e trabalhando a língua.. a música na língua do lá, na língua do ló, na língua do lu, na língua do k, na língua do pó ..e é uma coisa lúdica, gostosa e é preventiva. E o professor, ele não tem essas coisas assim, ele.. ele.. é seria cantar as músicas tradicionais, as músicas conhecidas, mais vinculado ao CD, a letra que tem no CD, é diferente, então você é um profissional que você tem essa capacidade de introduzir, ou de aproveitar atividades que já são realizadas e transformá-las em estimuladoras da linguagem...”

Sua representação sobre a função do fonoaudiólogo no planejamento escolar é muito rica, provém de um longo período de aprendizado a partir de suas experiências no meio educacional,

as quais lhe possibilitou a inserção do dialogismo, elemento esse que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem.

A fonoaudióloga descreveu um exemplo de atividade que ela diz ter desenvolvido com os alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I (já que não mencionou em nenhum momento da entrevista realizar um trabalho além da 4ª série). A atividade buscava o prazer e o resgate do prazer de ler. Informou que, no Ensino Fundamental I, o fonoaudiólogo não restringe seu olhar apenas para alterações ortográficas, interessa-se também por outros aspectos da linguagem escrita.

“...Eu acho o fono escolar é super necessário, tanto na educação infantil quanto no Ensino Fundamental, acho que as pessoas se enganam quando dizem “não, no ensino fundamental as professoras resolvem as questões ortográficas” e o fonoaudiólogo escolar se se..restringe só a alterações ortográficas...”

“...a quantidade de pais e mães perdidos no Ensino Fundamental quando as crianças chegam, que agente sente a diferença, quando as crianças chegam de uma escola onde eles não tiveram nenhum tipo, os pais nem as crianças, tiveram nenhum tipo de respaldo, como eles chegam angustiados, perdidos, achando que aqueles., que os erros ortográficos são ..são tudo, é o valor, a escrita se resume naquilo, quando ele não tem essa orientação prévia, e quem é que dá essa orientação previa? é o fono escolar...”

Entendemos que a fonoaudióloga deve ter imaginado como seria seu trabalho no Ensino Fundamental I ou já ter trabalhado nessas séries, antes de ter explicitado essa forma de atuação sem, necessariamente, estar atuando com o mencionado grupo, até porque estamos cientes de que é através do senso comum, da comunicação entre sujeitos que formulamos representações.

Seguindo-se, a entrevistada 4 fala sobre suas atividades sistemáticas, ou seja, aquelas que exigem um contato direto com os alunos, somente acontecem uma vez por mês, quando se discute o livro didático que é adotado para cada série, no início do ano. Justificou o porquê de não realizar atividades sistemáticas em cada sala, dizendo que o número de alunos é grande, e, que existem turmas que precisam de um olhar mais aguçado de sua parte, já que alguns alunos podem estar apresentando dificuldades que precisam ser analisadas e estimuladas dentro de um coletivo.

“...como são muitas turmas não dá às vezes tempo de entrar em todas, mas assim.. eu estou no prédio, porque às vezes a necessidade de uma turma é maior do que a outra, então a professora tem vários retornos pra me dar em relação ao que a gente conversou anteriormente sobre determinadas crianças, então ela tem mais necessidade de tá lá, ou então ela fez descobertas novas em relação ao grupo, então eu vou me deter mais naquela turma. **Naquela turma com o professor ou com os alunos?** Com os professores e alunos. Porque assim..ela tá me colocando as descobertas e eu vou investigar assim.. vê se

confirmando, se concordo com o que ela tá colocando, então, eu também preciso tá observando mais aquelas crianças...”

É como se ela priorizasse as turmas em que há alunos com dificuldades específicas (de linguagem, voz etc.) em detrimento daquelas onde não há dificuldades, visando realizar um trabalho preventivo que elimine ou minimize as ocorrências nessas turmas, deixando as outras, “sem problemas” podemos dizer assim, para o tempo que restar, a fim de atendê-las num coletivo ou orientar os professores, quando necessário.

Na hora em que se fala em fornecer uma atenção maior a determinadas crianças, percebe-se que, apesar da fonoaudióloga registrar que seu objetivo maior é estimular a linguagem, aprimorar a linguagem de todos os alunos, sua atuação não está distribuída adequadamente entre todas as séries, sendo umas mais privilegiadas que outras com sua presença. O trabalho passa, assim, a ser de prevenção, remetendo à área médica, e não de promoção de saúde ou no sentido de “prevenção” que ela sugeriu em seu discurso inicial (“prevenção sinônima de estimulação e aprimoramento, não está lidando com o patológico”).

Finalizando a descrição de sua forma de atuação, podemos abstrair como representação da sua atuação a proposta de exclusão/inclusão, pois a fonoaudióloga seleciona a turma com a qual deve passar mais tempo, estabelecendo como critério a quantidade de alunos com dificuldades. Deduzimos que essa profissional, mesmo com tantas opções para promover saúde, volta ao início da história da Fonoaudiologia, quando se destacava os distúrbios de linguagem, buscando a patologia e adoecendo o meio educacional.

D) Valor da triagem na prática do fonoaudiólogo na escola

Infelizmente, por mais que se ouça falar em sondagem ou em avaliação com a finalidade de tornar o termo mais sutil que a própria palavra “triagem”, quando esses momentos acontecem, na escola, terminam tendo a função de captar problemas.

Refletindo sobre o uso dos termos “prevenção” e “triagem” por parte dos entrevistados, percebemos que a escolha das palavras possíveis em um contexto de utilização só acontece porque elas já foram experimentadas por outros locutores em situações semelhantes. Nesse caso, significa dizer que o gênero é extremamente dinâmico, porque funciona imediatamente e possui uma historicidade que se desenvolve e se acomoda às novas condições de utilização. Com isso,

mesmo havendo sugestão de outra nomenclatura para a palavra “triagem”, como iremos encontrar adiante, por parte dos fonoaudiólogos escolares e como se percebe com o entrevistado 2, o sentido parece ser o mesmo, ou seja, uma forma de selecionar para excluir.

O termo “triagem”, segundo o dicionário MICHAELIS (1998) representa: escolha, separação, seleção, separação de pessoas ou coisas. Até o momento, podemos entender que esse significado ainda é aceito por fonoaudiólogos. A busca por outra nomenclatura deve partir do fonoaudiólogo escolar que, em sua proposta de atuação, não deve ter a intenção de selecionar pessoas, mas sim analisar o desenvolvimento do grupo como um todo, para que proponha dinâmicas que visem à superação das dificuldades dos alunos.

Entrevistada 3

Realiza a triagem, mas não é o primordial de seu trabalho.
Realiza a triagem com a finalidade de ajudar aqueles alunos que apresentam alguma patologia.

A entrevistada 3 procura deixar bem clara sua representação sobre a triagem na escola, quando expõe que o seu papel *não* é o de realizar “triagens”. Diz que a mesma acontece, normalmente, no início do ano, na escola em que trabalha, e que prefere chamar de “sondagem fonoaudiológica” por ser uma palavra que não direciona as atenções à patologia, como a palavra “triagem” o faz.

Comenta que a sondagem é feita do Maternal à 4ª série e ressalta que as crianças do Maternal até a Pré-alfabetização são observadas no que diz respeito à linguagem oral na própria sala de aula e dentro de um coletivo. A partir da alfabetização, a sondagem, novamente, faz-se presente e, dessa vez, também com ênfase na linguagem escrita.

Ainda acrescenta que essa prática acontece, na verdade, no percurso de todo o ano, quando a fonoaudióloga, durante suas “aulas de fono”, trabalha a partir da produção de textos escritos. Assim, ela compreende a triagem como uma forma de ação contínua, que acontece dentro de um contexto, uma vez que, nesses momentos, ela afirma conseguir perceber o desenvolvimento da escrita de cada aluno e se alguns deles estão apresentando dificuldades maiores.

Também enfatiza a importância de se encaminhar uma criança para uma clínica fonoaudiológica se realmente houver necessidade, ou seja, quando ela não estiver em condições de superar suas dificuldades espontaneamente ou somente com a ajuda da equipe da escola. Quando é percebido um problema maior na criança, a entrevistada expôs que, primeiramente, chama os pais e solicita uma avaliação clínica, que acontece fora da escola. Ela procura manter contato, periodicamente, com a família e com o profissional clínico responsável pelo aluno.

(D) Valor da triagem na prática do fonoaudiólogo na escola

Entrevistada 4

A triagem é muito importante, desde que não tenha a finalidade de adoecer a escola.

A triagem deve ser feita inicialmente para depois agir preventivamente.

A palavra triagem é substituída por avaliação, uma vez que existem vários tipos de avaliação na escola.

A representação da entrevistada 4 sobre triagem é a de que é uma palavra que não deve ser usada no meio escolar porque apresenta uma certa tendência a ressaltar a patologia, e não observar o sujeito como um todo. Para ela, associar triagem à avaliação clínica, é como se o objetivo dessa atividade fosse identificar o “aluno problema” e excluí-lo do meio social.

Discordando desse sentido de “triagem”, ela sugere a palavra “avaliação”, já que na escola acontecem várias avaliações que são feitas por professores, por coordenadores, por psicólogos, e não somente por fonoaudiólogos. A finalidade de sua avaliação seria, então, identificar como evolui o desenvolvimento de cada criança para, posteriormente, intervir preventivamente. Embora ela não tenha conseguido explicar como é realizada, tentou esclarecer que essa avaliação não deve ser desvinculada do contexto social, econômico e emocional do aluno.

“... Eu acho importantíssimo, agora desde que não seja é..a questão da..de patologisar . Essa triagem deve ser feita pra que você tenha uma visão de como é que anda o desenvolvimento daquela.. ou daquela outra criança e você possa trabalhar preventivamente, é diferente porque a..a algumas pessoas confundem, triagem é clínica, associam muito a questão da avaliação clinica, não é. E eu acho que o fono dentro da escola ele precisa ter esse cuidado, até em relação aos profissionais que fazem parte da escola...”

Apesar de a fonoaudióloga identificar a avaliação como uma forma de detectar alguma dificuldade no aluno para, posteriormente, buscar soluções para que esse aluno saia do quadro patológico, sem necessariamente precisar de um acompanhamento fora da escola, já havia mencionado que, em sua prática diária, costuma entrar mais nas salas daqueles alunos que apresentam alguma dificuldade de comunicação.

Tal fato nos leva a pensar que a sua representação sobre triagem é bem mais direcionada ao patológico, pois ela está, freqüentemente, buscando problemas ou se dedicando apenas aos alunos que não estão indo bem na escola. Deixa, assim, uma lacuna em seu fazer, ao não realizar um trabalho de estimulação, por igual, em todas as turmas, bem como, facilita a nossa compreensão de que sua rerepresentação sobre este tema se remete ao início da história da Fonoaudiologia – Capítulo 2 - que retrata o objetivo da triagem como forma de diagnosticar e selecionar alunos de forma mais precisa na intenção de sanar, num tempo mais hábil, as eventuais patologias.

E) Postura do profissional diante de alunos com dificuldades de linguagem dentro de uma perspectiva inclusivista

Na fala dos fonoaudiólogos entrevistados, percebemos um certo desinteresse em desenvolver atividades que possam contribuir para o desenvolvimento e/ou superação, por parte dos alunos, das dificuldades ou maiores comprometimentos que apresentam, sejam eles: motor, auditivo ou visual.

Entrevistada 3

Conversar inicialmente com a família e, se for necessário, encaminhar o aluno para um profissional clínico, buscando manter contato com o mesmo.

Essa representação demonstra um distanciamento da atuação da entrevistada junto à pessoas com necessidades especiais. Nossa maneira de pensar e o que pensamos depende de nossas representações. Nesse sentido, a entrevistada 3 não chegou a mencionar que tipo de

trabalho ela poderia desenvolver para favorecer a inserção do aluno com dificuldades, comprovando a inexistência da presença de algum trabalho efetivo sobre o assunto tratado.

“...aquelas criança que apresenta uma dificuldade clínica, primeiro nós procuramos é.. chamar os pais, fazer uma orientação a eles, e se for o caso de já começar uma terapia, nós encaminhamos essa criança já pra uma terapia fonoaudiológica, clínica, e ficamos acompanhando essa criança junto com o terapeuta” .

Pode ser que suas representações necessitem de um conhecimento prévio sobre a forma de atuação de um fonoaudiólogo escolar numa perspectiva inclusivista. Parece que a entrevistada não possui esse conhecimento anterior, ou ele ainda se apresenta de forma bastante superficial, a ponto de limitar suas ações, a conversas com os pais dos alunos com dificuldades e a realizar encaminhamentos. É, de certa forma, precária sua visão, empobrecendo o seu trabalho, uma vez que diante da perspectiva inclusivista a ação de todos os profissionais é muito mais dinâmica e permanente. Até mesmo o contato com o profissional clínico é falho. Ocorre dentro de uma proposta multidisciplinar, porém, o interdisciplinar, fica estacionado num plano mais superficial.

Por conta disso, os professores parecem não receber informações sobre como lidar com o aluno em sala de aula, o que se acentua nos casos de crianças especiais, onde demonstra possuir uma visão ainda mais superficial. Não descreve nenhum tipo de apoio que poderia fornecer, dentro da escola, às crianças para que elas conseguissem minimizar suas dificuldades. Apenas lembrou que houve um caso, na escola, detectado por ela, de um deficiente auditivo, entretanto não estendeu seus comentários, abrindo a possibilidade de entendermos que, na realidade, não existem planos previamente elaborados, os quais pudessem criar alternativas que contribuíssem para o desenvolvimento desse aluno.

O registro de que na formação dos mesmos não houve possibilidade de discutir essa prática deve estar dificultando uma atuação clara, no tocante ao seu posicionamento tendo em vista a inclusão.

Após a abstração das representações dos cinco temas abordados nesta pesquisa, sentimos a necessidade de elucidar a representação da entrevistada 3 sobre como se está transmitindo o papel do fonoaudiólogo escolar nos cursos de graduação. A sua compreensão é a de que, mesmo com os progressos dessa ciência, a visão patológica, a imagem do fonoaudiólogo detector de problemas na escola, permanece acesa no discurso de muitos graduandos.

(E) Postura do profissional diante de alunos com dificuldades de linguagem dentro de uma perspectiva inclusivista

Entrevistada 4

Proposta de inclusão direcionada para crianças com alterações de linguagem.

A entrevistada 4, quando questionada sobre as possibilidades de atuação do fonoaudiólogo escolar numa perspectiva inclusivista, limitou-se a indicar as alterações de linguagem das crianças da Educação Infantil. Demonstrou preocupação com os rótulos, acrescentando que, na escola, é realizado todo um trabalho de inclusão dessas crianças para que elas não se sintam inferiores e diferentes de seus amigos. A própria professora fica ciente do que está acontecendo com seu aluno e recebe orientações que facilitam a sua relação com ele em sala de aula.

Parece existir uma relação interdisciplinar na qual o fonoaudiólogo escolar, os pais, a professora e o profissional clínico que acompanha o aluno estão juntos, trocando informações, a fim de que a pessoa com necessidades especiais supere suas dificuldades da melhor maneira possível.

No entanto, quando questionada em relação à sua conduta em casos de crianças especiais inseridas na escola, disse que isso não faz parte de sua realidade escolar, uma vez que a única criança especial que a escola possui é um deficiente auditivo e ele está muito bem incluído, porque sua deficiência não o impede de aprender e de se comunicar. Não chegou, portanto, a citar qual seu plano de ação caso existissem outros tipos de crianças especiais na escola.

Mesmo assim, não podemos negar que ela possui representações sobre uma proposta de inclusão, no entanto, podemos identificar que sua compreensão se situa num plano mais superficial. Ela possui a imagem simplista sobre a atuação do profissional da Fonoaudiologia, restringindo o seu papel na escola, à contribuições para aquelas crianças que apresentam dificuldades, sensoriais, intelectuais, condutas típicas, etc. Deixou transparecer também, não ter muito conhecimento a respeito dessa área, por isso não apresentou representações sobre o assunto, talvez por não terem existido muitas oportunidades de se apropriar desse conhecimento durante sua vida acadêmica ou nunca ter se interessado por Educação Especial.

O caráter das representações sociais, segundo Moscovici é revelado, especialmente, em tempos de crise e de insurreição, quando um grupo, ou suas imagens, estão passando por mudanças. As pessoas parecem estar mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais

vivas, as memórias coletivas são exercitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Refletindo sobre essas ponderações, podemos, no momento de analisar o contexto que estamos estudando, inferir que existem, provavelmente, problemas na formação acadêmica do fonoaudiólogo e que foi comentado durante a entrevista por alguns dos sujeitos (mas que não representa o foco do nosso trabalho).

5. 3 Análises e discussão dos dados obtidos dos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I

Das quatro professoras que participaram da pesquisa, duas lecionam na Educação Infantil e duas no Ensino Fundamental. As entrevistadas 5 e 6 não convivem com uma fonoaudióloga escolar; já as entrevistadas 7 e 8 trabalham em escolas onde há fonoaudiólogos escolares, (os mesmos que participaram desta pesquisa).

A) Representação do trabalho fonoaudiológico em escolas

Entrevistada 5
Realiza atividades de prevenção com os alunos.
Orienta os professores no âmbito da voz.
Parceiro no planejamento escolar.
Contribui nos casos de crianças especiais.
Contribui no âmbito da linguagem.

A entrevistada 5 leciona em turmas de 4^a e 7^a série. Inicialmente, disse não ter vivenciado nenhum tipo de trabalho com uma fonoaudióloga na escola, todavia, lembrou-se de apenas uma palestra que assistiu.

Mesmo não tendo presenciado nenhum tipo de trabalho desse profissional, construiu uma representação sobre as ações dele, direcionadas para um coletivo. Vejamos sua justificativa:

“Como você percebe o trabalho fonoaudiológico em escolas? Apesar de não vivenciar essa experiência, eu acredito que um trabalho de fono em escolas deve ser um trabalho preventivo.. é, coletivo, porque pela quantidade de alunos na escola fica um pouco difícil de ser um trabalho individual, então eu acredito que seja assim.”

Dessa forma, mesmo a entrevistada ressaltando a idéia de um trabalho preventivo, não quer dizer que priorize esse trabalho. Significa dizer que a professora não conseguiu imaginar o atendimento a cada criança devido ao número de alunos, entretanto pode ser que, se considerasse essa possibilidade, sua resposta seria outra (a de atendimento clínico na escola).

Logo, podemos concordar com Moscovici (2004) no que ele defende sobre o pensamento polifásico. Para ele, as pessoas são capazes, de fato, de usar diferentes modos de pensamento e diferentes representações, conforme o grupo específico ao qual pertencem e com o contexto em que estão no momento.

É evidente que as observações de nossa consciência e as representações são elaboradas durante nossas comunicações, como afirmou Moscovici, discutido no capítulo 1. Sendo assim, em seu dia-a-dia, podemos supor que a entrevistada ouve que o fonoaudiólogo é o profissional, da voz, o que faz ela tecer sua opinião, ampliando sua proposta para a voz do professor, já que acredita que esse especialista pode orientar quanto às questões de patologias vocais e às posturas que deve ter em sala de aula, para não prejudicar suas cordas vocais no decorrer dos anos de trabalho.

As relações estabelecidas entre os dois profissionais, instauradas historicamente, fazem com que a entrevistada 5 respeite o lugar do fonoaudiólogo e compreenda que seu conhecimento diferenciado sobre anatomofisiologia vocal e sobre patologias vocais permite a ele não só identificá-las mais facilmente, como orientar o professor quanto à forma de prevenção.

Sua representação referente ao planejamento escolar nos permite fazer uma analogia com as idéias de Bakhtin (2004) quando ele “fala do eu que se realiza no nós”, insistindo no caráter polifônico da relação exibida pela linguagem. Para a entrevistada, a sua relação com o fonoaudiólogo contribui para a realização de um trabalho, o qual, por meio das trocas de conhecimento, torna-se mais consistente e favorece a criação de atividades estimuladoras das linguagens oral e escrita do aluno em sala de aula.

Dessa forma, percebemos que a professora sente necessidade da presença do fonoaudiólogo e deixa transparecer que essa presença é bastante construtiva, talvez mais do que os próprios fonoaudiólogos que foram sujeitos dessa pesquisa sintam em relação ao seu papel. A entrevistada não busca esse profissional para o planejamento ou somente para ajudar aquelas crianças com dificuldades, mas sim para promover o desenvolvimento de todos os alunos. A

representação patológica do fazer fonoaudiológico parece emergir dos próprios profissionais da Fonoaudiologia, que parece não ter contaminado, em demasia, a representação da professora.

Ela apresenta uma visão mais abrangente acerca da contribuição do fonoaudiólogo para as crianças especiais, expondo sua opinião claramente. Diz que, em casos de crianças especiais, a escola, juntamente com um fonoaudiólogo, poderia contribuir de diversas formas e, dentre elas, favorecer a comunicação e a interação dessa criança no meio escolar, facilitando essa comunicação por meio da fala e da escrita.

Estão inseridas, em seu discurso, representações do trabalho do fonoaudiólogo, na escola, mais direcionadas a duas especialidades desse campo de estudo – voz e linguagem. Talvez, por não ter participado de conversações sobre a atuação desse profissional em outras áreas, não pode partilhar outras representações.

Um dado que também pode ter contribuído para essa visão diz respeito à incipiência da formação de pedagogos no tocante às questões de necessidades especiais detectadas nos alunos. Apesar disso, demonstra uma melhor consciência quanto à atuação frente a esses alunos comparada àquela apresentada pelos fonoaudiólogos quando também foram questionados sobre o assunto.

(A) Representação do trabalho fonoaudiológico em escolas

Entrevistada 6
Atendimento clínico dos alunos com dificuldades.
Trabalho em conjunto com o professor.
Contribuição no planejamento escolar.
Enfoque na fala e na aprendizagem.

A entrevistada 6 mencionou que o único contato que teve com um fonoaudiólogo aconteceu recentemente, pois ela assumiu uma turma onde há alunos trigêmeos, os quais fazem Fonoaudiologia. Eles estão na alfabetização e foi ela quem detectou as alterações de fala e os encaminhou para um fonoaudiólogo.

O contato que ela tem com o fonoaudiólogo acontece de forma indireta, através de bilhetes que a profissional envia para a professora, sugerindo atividades que favoreçam a comunicação dos alunos em foco, na sala de aula. Mencionou ser bastante importante esse contato para que ela se torne mais apta a lidar com eles.

Fez confusão ao descrever a proposta de um profissional que atua em consultórios e de outro que atua em escolas, mesmo assim, acredita ser importante a presença dele na escola, para que, juntos, possam contribuir, diretamente, para o desenvolvimento dessas crianças.

Diferencia esses dois papéis, explicando que a professora olha a criança como um todo e atua em sala de aula, já o fonoaudiólogo intervém clinicamente naquelas crianças que apresentam dificuldades, demonstrando, claramente, sua representação sobre o trabalho desse profissional.

“...Eu, como professora, trabalho no no todo, eu trabalho no geral, na sala de aula e a fono trabalha mais específico, com cada criança, com cada dificuldade apresentada...”

A ideologia do cotidiano é considerada como a que surge e é construída nos encontros casuais, pois, como Bakhtin defende, podemos inferir que possa ter sido desses encontros ou da vivência da entrevistada 6 com as crianças que estão sendo acompanhadas por um fonoaudiólogo clínico que ela foi constituindo sua representação sobre a prática do fonoaudiólogo na escola.

Mesmo que seja uma representação repleta de conteúdo ideológico, não podemos esquecer que a palavra, sendo o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia, retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam. De acordo com essa perspectiva, a realidade da professora é uma realidade que, provavelmente, originou-se do contato com uma fonoaudióloga clínica, não significando dizer que lhe passaram a proposta do fonoaudiólogo escolar de forma errônea, pois ela não teve nenhuma vivência na(s) escola(s) onde trabalha.

A entrevistada 6 percebe o trabalho do fonoaudiólogo mais como um detector de problemas, o qual, estando inserido na escola efetivamente, poderá intervir, diretamente, em cada aluno a fim de eliminar as dificuldades de linguagem. Chega a valorizar os encontros individuais do profissional com a criança para que ele possa perceber, com maior precisão, os problemas de cada aluno, fornecendo o devido diagnóstico, o que, verdadeiramente, demonstra seu conhecimento limitado sobre esse fazer na escola.

No entanto, consegue construir algumas representações acerca de um trabalho em conjunto entre o professor e o fonoaudiólogo no planejamento escolar. A entrevistada dá sua opinião dizendo que o fonoaudiólogo, principalmente na Educação Infantil, facilitaria o processo

de aprendizagem das crianças, não havendo explicação para o fato de ele ficar fora do planejamento, já que faz parte da equipe escolar.

‘a fono ela..ela tem que participar do planejamento, pra saber quais alunos poderia trabalhar e como desenvolver esse trabalho.. porque é importante esse papel, eu tô vendo agora na na nessa série o quanto é importante o trabalho da fono...’”

Essa professora, certamente, consegue ter uma representação positiva do fonoaudiólogo, numa perspectiva inclusivista, ao demonstrar que sente necessidade da contribuição dele no apoio a essas crianças, tanto no desenvolvimento da linguagem oral como também nas orientações fornecidas ao professorado quanto às estratégias que facilitam a evolução em sala de aula. Acreditamos que sua formação construiu conteúdos mais direcionados para a aprendizagem de crianças com problemas diversos, os quais transmitiram a importância da criação de estratégias de aprendizagem para que os alunos pudessem articular, melhor, seus conhecimentos. Talvez, essa formação também tenha deixado claro, a importância do acompanhamento das crianças por profissionais especializados.

Em todo seu discurso, no entanto, encontram-se vestígios de representações que ela possui relativas a uma atividade na escola, as quais se dirigem apenas à fala e à aprendizagem, esquecendo as outras especialidades da profissão e que devem estar inseridas na proposta de trabalho.

(A) Representação do trabalho fonoaudiológico em escolas

Entrevistada 7
Realiza avaliação e faz estimulação com as crianças.
Desenvolve um trabalho de linguagem junto ao professor.
Deixa lacunas sem a sua participação constante no planejamento escolar.
Contribui com avaliação e orientação para família em casos de crianças especiais.

A entrevistada 7 é professora da alfabetização e convive com uma fonoaudióloga escolar na instituição em que trabalha. Percebe o fonoaudiólogo, nesse ambiente, como uma pessoa que traz os conhecimentos específicos de sua área de estudos para desenvolver a linguagem das crianças e também contribuir para o trabalho do professor em sala de aula.

As representações sociais, diariamente e “espontaneamente”, tornam-se senso comum, enquanto representações do senso comum se transformam em representações científicas e autônomas. Essas considerações emanadas dos estudos de Moscovici nos ajudam a entender como esse conhecimento circula na sociedade e como ele é apropriado.

O senso comum, o conhecimento popular da entrevistada 7, oferece-nos acesso direto à sua representação do tema ora tratado. A professora compreende que o fonoaudiólogo tem como objetivo entrar em sala para avaliar e para estimular os alunos.

Entretanto, ela percebe que a fonoaudióloga da escola onde trabalha (entrevistada 4) foca suas atenções naquelas crianças que apresentam dificuldades de linguagem, realizando um trabalho de estimulação e orientando o professor sobre a realização do trabalho necessário em sala de aula.

“Agora.. assim, geralmente, por exemplo, esse primeiro semestre certo.. é como ela tá com o livro didático tá. .então ela entra só na alfabetização..certo. Aí nesse mês que ela tá na alfabetização, as outras salas, ela vai entrar se a professora solicitar, tá entendendo. Quando ela acaba o período, por exemplo, desse livro.. aí acontece ela vai pegar o livro do jardim dois, então ela só vai entrar na minha sala, agora, quando eu solicitar....Então, se acabou um livro, ela não deixa de vir mais na minha sala não. Eu faço.. “olhe, eu tô sentindo necessidade disso”, ela passa, ela avalia, ela estimula, ela pega caderno, ela vai.. e muitas vezes ela também tira de sala.”

Apesar de a fonoaudióloga ter a intenção de entrar em sala para fazer um trabalho de estimulação com todos os alunos, a proposta não fica bem distribuída e nem ocorre constantemente. Como consequência, essa ação pode chegar a transmitir para o interlocutor uma representação pouco clara de sua atuação porque ela não acompanha os alunos diariamente, mas sim em períodos estipulados.

Alem disto, também é surpreendente notar que o discurso da entrevistada 4 mostra uma intervenção que, talvez, não corresponda à sua prática, já que a entrevistada 7 revela que a fonoaudióloga da escola onde trabalha não atua no Ensino Fundamental I, contrapondo-se ao dizer da entrevistada 4 que deixa transparecer em sua narrativa um trabalho realizado por ela tanto na educação infantil quanto no Ensino Fundamental.

Assim, observamos uma contradição no dizer de ambos os profissionais que dificultam nossas interpretações. Quem sabe a entrevistada 4 tenha deixado transparecer um grande interesse em falar aquilo que achava que nós queríamos ouvir, mas que não condizia com a realidade?

Articulando seu discurso com o da entrevistada 7, percebemos essa afirmação como algo possível.

Esse trabalho de fonoaudiologia na escola vai até que série? Ela trabalha até a alfabetização onde ela dá esse suporte, as crianças que terminam a alfabetização e que vão para a primeira série né.. elas conversam com a professora, a professora é capacitada entre aspas para continuar esse trabalho, mas não existe a fono escolar a partir do fundamental I, ela fica só com a gente. A supervisora ela tem fonoaudiologia também, então ela tem uma visão disso, mas ela não atende aqui na escola como fonoaudióloga (recorte da entrevista com a entrevistada 7).

É evidente que a situação determina as questões que vamos formular e as respostas que elas vão fornecer, portanto, ao falar sobre uma proposta de trabalho para o Fundamental I, interpretamos as representações da entrevistada 4 conforme as idéias de Moscovici (2004, p. 213), quando ele diz que “todos nós aceitamos, sem duvidar, a idéia de que conteúdos e sentidos representados variam dentro da mesma sociedade, da mesma cultura, como acontece também com os meios de expressão lingüísticas”.

Quando a professora procura descrever a proposta de estimulação da linguagem realizada pela fonoaudióloga escolar com as crianças que apresentam dificuldades, demonstra uma representação social que está na base de sua produção discursiva sobre essa proposta de atuação. Vejamos o que diz:

“No caso, o grupinho que tem dificuldade? É, o grupinho que tem dificuldade. **Pra estimular mais?** É. Às vezes até pra avaliar entende..porque.. pra dar o respaldo pra essa família, então ela leva, faz avaliação com eles e às vezes estimulação também, mas, assim, tendo consciência que não é só o que ela faz aqui.”

A representação da professora é a de que a fonoaudióloga busca sanar as dificuldades na escola. Ela valoriza a presença desse profissional no ambiente ao retratar que as sugestões do fonoaudiólogo são necessárias para que ela esteja sempre trabalhando os exercícios fonoarticulatórios em sala de aula, assim como ressalta que a sua presença, em sala, favorece o desenvolvimento da linguagem das crianças em decorrência dos conhecimentos mais específicos de sua área.

“No momento, por exemplo, que ela tá contando uma história...ela inclui os exercícios fonoarticulatórios, ela faz expressão, ela dramatiza isso, entende.. ela estimula. ..então ela fala com o rosto, com o corpo, com as mãos sabe..os meninos se encantam..eu percebo que isso favorece a atenção deles..ela se mexe muito, ela arregala os olhos, ela

tem muita expressão...ai, Meu Deus! isso daí eu acho que já é direcionada pra área assim.”

Estando ciente da contribuição da profissional, a professora dá sua opinião sobre o planejamento escolar, relatando que a fonoaudióloga não está tão presente como ela gostaria. Justifica essa ausência dizendo que, na escola, existem muitas turmas. No entanto, acrescenta dizendo que seria interessante que o trabalho acontecesse sistematicamente, já que nem sempre os professores sabem a hora certa de realizar exercícios coerentes com a idade do grupo.

Ao final da entrevista, quando procuramos abstrair representações da professora sobre a proposta da fonoaudióloga para lidar com alunos especiais, ela não soube direcionar suas idéias de inclusão para esta profissional. Foi possível, então, compreender que ela pode não ter vivenciado algum tipo de trabalho da fonoaudióloga com tais crianças, o qual não estivesse somente envolvido com avaliação e orientação familiar, deixando transparecer que o trabalho da mesma direciona-se, especificamente, para o professor. A entrevistada 7 menciona que existe um trabalho de saúde vocal que acontece apenas no final do semestre.

Não revela ter conhecimento sobre qualquer intervenção dirigida para a perspectiva inclusivista. Inclusão é um modelo social que transforma a realidade da sociedade e, em especial, das instituições escolares, em um lugar de todos e, portanto, não pode deixar de ocorrer

(A) Representação do trabalho fonoaudiológico em escolas

Entrevistada 8
Percebe que, para se detectar as dificuldades, o seu trabalho é diferenciado e mais gratificante.
Faz um trabalho interdisciplinar.
Faz atendimento individual com as crianças que apresentam dificuldades assistemáticas, mas acredita que o tempo é curto para que isso aconteça com freqüência.
Contribui, em casos de crianças especiais, para o atendimento individualizado na escola.

A professora e entrevistada 8 leciona em turmas de 3^a e 4^a série e demonstrou muita satisfação ao falar do trabalho da fonoaudióloga da escola onde trabalha (entrevistada 3), expondo que ela realiza um trabalho diferenciado, não tendo como objetivo somente detectar dificuldades e encaminhar as crianças.

Ela diz que a fonoaudióloga trabalha com todas as áreas. Em algum momento, podemos pensar que ela esteja falando das especialidades da Fonoaudiologia, porém, logo em seguida, ela discorre sobre outros tipos de atividades que estão direcionadas mais especificamente para a oralidade e para a linguagem escrita.

“Eu acho o trabalho excelente porque todas as áreas são trabalhadas dentro de sala porque a gente trabalha com a música, com a poesia, com a dança, com o teatro, mas com o objetivo de trazer as dificuldades das crianças através da escrita, mas de forma diferente, não aquela coisa secamente pra se detectar problemas. **Mas você ou a fono?** A fonoaudióloga.”

As interrupções que destacam enunciados considerados verdadeiros e únicos parecem ter como objetivo avaliar o discurso do outro, conforme situa Bakhtin nos seus estudos. Mesmo com a representação de que a fonoaudióloga faz um trabalho de aprimoramento da linguagem, principalmente, da linguagem escrita com as crianças, a professora acredita que a finalidade dessa proposta é perceber as dificuldades das crianças, contradizendo o discurso da entrevistada 3, quando esta diz que seu objetivo, ao entrar em sala, é estimular as linguagens oral e escrita, e não detectar problemas nos alunos. Nesse caso, a profissional da Fonoaudiologia não conseguiu passar uma visão de trabalho que fundamente a elaboração de um pensamento consistente a respeito do seu verdadeiro papel.

Sobre o trabalho interdisciplinar da fonoaudióloga, diz que ela mantém contato com todos da equipe escolar, entretanto, com os professores, procura não só detectar as dificuldades dos alunos, como também auxiliar no planejamento escolar.

“Porque geralmente a gente tem um projeto do ano inteiro, então ela já começa a pensar como incluir as atividades dela, dentro do projeto que a gente vai desenvolver, que esse ano é “Aprendendo brincando”. E todos os dias ela sempre tá .. “e aí, idéias, eu trouxe e vocês o que têm”.

A entrevistada possui uma representação em comum com a da fonoaudióloga quando fala sobre o planejamento escolar, mas esquece que este profissional pode estender suas orientações para além dele, podendo incluir atividades de linguagem, de audição, de voz e de motricidade orofacial nos planejamentos semanais dos professores. Como isso não foi mencionado por nenhuma das entrevistadas, deixamos que o não dito se revele no dito para que possamos fazer nossas interpretações sobre essa ação.

Entretanto, podemos observar que, ao descrever as atividades que a fonoaudióloga realiza na escola, a professora diz que, algumas vezes, ela passa exercícios descontextualizados do meio educacional para as crianças que apresentam alteração no sistema motor orofacial. Essa atitude nos faz refletir sobre sua ação, já que se o Conselho Federal de Fonoaudiologia não permite que o fonoaudiólogo clique na escola, como a fonoaudióloga pode apresentar essa postura, conforme dito pela entrevistada 8.

“Inclusive eu tive alguns alunos que o período que ela chamou ela deu algumas dicas, alguns..meio..alguns tipos de exercícios que ele podia fazer, até mesmo em sala de aula, porque a gente tem muito menino com dificuldade na denteição, de boquinha aberta, porque é dentuço, usa aparelho, a própria linguagem e ela passou alguns exercícios que ele pudesse fazer em qualquer lugar que ele tivesse..”

Esse enunciado estando carregado de vozes e de lembranças de outros enunciados, demonstra a representação da entrevistada, em relação ao fazer da fonoaudióloga da escola que trabalha, relacionada a atendimentos individuais de crianças com dificuldades de linguagem. Ela ainda reforça que isso somente ocorre quando são dificuldades que não têm a patologia ainda instalada, pois quando isso realmente acontece, a família é convidada à comparecer à escola e o aluno é encaminhado para um atendimento clínico fora da escola.

“O atendimento individual. Ele é possível, mas depende da carga horária do profissional..é por isso que eu digo, o tempo é um rival danado... se se atende a todas as turmas, durante todos os dias, eu acho que nesses espaços, deve ter um horário pra que ele possa fazer esse atendimento individual, para essas dificuldades específicas. **Mas aqui faz esse atendimento individual?** Aqui, quando tem, tem geralmente um dia branco, aula vaga, aula branca, pelo menos tinha, até o ano passado, que a fono não pegava..eu acho que era Maternal ou então Jardim, aí tinha umas brechas nos horários em que ela fazia atendimento por conta desse horário que sobrava, com as crianças que têm uma dificuldade maior”

Mostrou, com acerto, que existe uma relação entre a maneira como nós concebemos algo para nós mesmos e a maneira como a descrevemos aos outros. Realizando um breve comentário sobre essa idéia de Moscovici, associando-a à Fonoaudiologia Escolar, nota-se que alguns fonoaudiólogos entram em contradição quanto ao *seu fazer na escola*, uma vez que falam da teoria e da prática esperada no meio educacional, mas a realizam diferentemente no dia-a-dia.

Para a entrevistada 8, a fonoaudióloga da escola onde trabalha (entrevistada 3) realiza a triagem com o objetivo de detectar dificuldades nos alunos para, a partir daí, se necessário, empreender um trabalho mais específico com eles. Vejamos o que ela diz:

“Na sua opinião, o fonoaudiólogo na escola deve atuar com os alunos de forma individual ou coletiva? Pelo que a gente vê pela proposta de trabalho, no coletivo, ela (a fonoaudióloga) vai detectando as dificuldades mais específicas e isso não impede que o profissional chame esse aluno, quando percebe algo diferente, que precisa ser mais cuidado, há acompanhamento fora de sala de aula, mas se a coisa é muito mais séria o profissional chama os pais pra que haja um acompanhamento fora, pra que possa melhorar essa condição do aluno.”

Dessa forma, deixou transparecer uma contradição no discurso de ambas. A entrevistada 3 relata não enfatizar essa prática no dia-a-dia da escola, transmitindo uma certa nebulosidade na hora de se abstrair as representações sociais da fonoaudióloga escolar 3 sobre a triagem.

Apesar de observadas contradições entre os discursos das duas profissionais, imaginamos que a opinião da entrevistada 3 sobre a triagem não se revela, em sua entrevista, de forma tão negativa como demonstra o discurso da professora. Um signo, na verdade, existe como parte de uma realidade, mas também é capaz de distorcê-la. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica, por exemplo, se é verdadeiro, falso, bom ou correto para um determinado sujeito. Portanto, o signo e o ideológico são correspondentes, pois onde se encontra o signo se encontra também o ideológico, assim, o que a entrevistada 8 observa como realidade pode não ser a mesma realidade para a entrevistada 3.

Em relação aos atendimentos individuais, a principal representação que conseguimos abstrair da narrativa da entrevistada foi a de que o fonoaudiólogo só não faz mais atendimentos individuais, para sanar as dificuldades assistemáticas dos alunos, por falta de tempo. Entretanto, essa representação se apresenta obscura porque sabemos que a fonoaudióloga, na escola, entra em sala uma vez por semana e poderia propor atividades, dentro de um coletivo, que facilitassem a superação das dificuldades de alguns alunos, ao mesmo tempo em que estivesse desenvolvendo outras habilidades com o restante do grupo.

Enquanto a sua opinião sobre como o fonoaudiólogo poderia auxiliar em casos de crianças especiais na escola, ela não soube responder, deixando subentendido que não vivenciou nenhum tipo de trabalho de inclusão com esta profissional.

Essa posição deixa transparecer uma pequena atenção voltada para as pessoas com necessidades especiais, as quais recebem pouco destaque no conjunto de ações que compõem a rotina dos profissionais que atuam na escola. Devemos deixar claro que o conceito de inclusão não está restrito apenas ao trabalho com pessoas que possuem problemas sensoriais, intelectuais

e/ou com condutas típicas e múltiplas deficiências. Ele deve abranger qualquer um que possua alguma dificuldade, mesmo que transitória.

Seguramente, a representação reducionista do conceito inclusivista pode representar a marca de um conhecimento incipiente de uma realidade que, cada vez mais, está presente no contexto escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática sobre a qual versou este trabalho teve como escopo contribuir para o fortalecimento da identidade do fonoaudiólogo escolar. Foi possível perceber que as opiniões expressas por fonoaudiólogos e por professores deixam ainda uma grande lacuna no delineamento do papel do fonoaudiólogo na escola.

Dessa forma, a partir das reflexões que permearam toda esta pesquisa, estudamos as representações que se encontram na base dos discursos produzidos por fonoaudiólogos e por professores sobre a atuação fonoaudiológica na escola, a fim de alcançar uma melhor compreensão acerca do que circula entre esses profissionais, esperando também poder contribuir para a consolidação dessa atividade no meio escolar.

Estamos cientes de que a Fonoaudiologia, desde os seus primórdios, esteve vinculada a escola. Por esse motivo, percebemos que as primeiras práticas fonoaudiológicas estiveram envolvidas com modelos mecanicistas e de suporte médico, recebendo a influência e a participação de outras áreas do conhecimento, as quais contribuíram de maneira significativa para o fortalecimento da Fonoaudiologia de hoje.

Uma vez que o percurso histórico dessa ciência é repleto de conhecimentos e de ações direcionadas ao ser patológico, não é estranho admitir que a Fonoaudiologia, na escola, teve início com a realização de atendimentos a pequenos grupos de crianças dentro da própria instituição.

Encontramos, neste nosso estudo, uma das respostas para o fato de que a Fonoaudiologia Escolar ainda permanece imersa numa visão reducionista no tocante à atividade desenvolvida pelo fonoaudiólogo na escola.

Para os fonoaudiólogos entrevistados, a **Fonoaudiologia Clínica** abrange o tratamento de pessoas com patologias já instaladas, diferindo do conceito de **Fonoaudiologia Escolar**, para o qual esses profissionais têm como representação a idéia de que a linguagem deve ser o foco do trabalho no meio educacional, devendo ser aprimorada por meio de ações propostas pelo fonoaudiólogo. No entanto, os entrevistados ofereceram outras interpretações que nos levam a pensar que também é priorizada a ação de detectar e de prevenir problemas fonoaudiológicos.

No tocante às representações sobre a diferença entre a função do Assessor Fonoaudiológico na escola e o Fonoaudiólogo Escolar. Por não conhecer o cotidiano em que os alunos vivem, a dinâmica da escola e o que circula entre os professores, esses assessores terminam elaborando um diagnóstico e oferecendo sugestões imprecisas, tornando essa atividade mais difícil de ser realizada com maior fidelidade. Entretanto, a escola para não contratar permanentemente um Fonoaudiólogo, o que redundaria em mais gastos, opta pela assessoria.

Na sua maioria, os sujeitos, quando expõem sua **opinião sobre o trabalho do fonoaudiólogo junto ao corpo docente**, conseguiram demonstrar uma imagem desse profissional como parceiro do professor, mas se distanciaram desse foco no momento em que refletiram sobre a contribuição dele quanto ao auxílio que poderia oferecer. Os entrevistados deixaram subentendido que a Fonoaudiologia Escolar não direciona muito suas ações para o planejamento, bem como esquecem a importância da transmissão dos conteúdos de linguagem, de voz, de audição e de motricidade orofacial de forma dinâmica e constante, a fim de fazer do meio educacional um ambiente promotor de saúde.

Podemos afirmar, ainda, que os professores transmitiram uma visão mais ampla que a do próprio fonoaudiólogo sobre o fazer fonoaudiológico na escola numa perspectiva inclusivista, pois eles possuem a representação de que, estando este profissional inserido no meio escolar, poderia ajudá-los a lidar com os alunos, especialmente com aqueles que apresentam dificuldades mais sérias, direcionadas à linguagem e à comunicação.

Em relação ao **papel da triagem na escola**, observamos a valorização dessa atividade, mesmo que a chamem de outra maneira ou digam que não é a função primordial do fonoaudiólogo. Foi possível perceber que a prática fonoaudiológica continua mantendo a representação de triagem como uma forma de perceber problemas nos alunos e, sendo assim, a mudança do nome poderia ajudar a minimizar a ideia de selecionar para excluir. Sugeriu-se, então, que “triagem” fosse alterada por “sondagem”, uma palavra mais leve, que faria seu signo ideológico se desligar da visão patológica e histórico-social, caminhando em direção a algo mais concreto e compatível com nossa realidade atual.

A triagem, na escola, deve verificar, em cada grupo de alunos, suas dificuldades mais frequentes para que a equipe escolar possa realizar um trabalho preventivo, dentro de um coletivo, na intenção de impedir que essas dificuldades se transformem em barreiras para o

desenvolvimento do aluno. Deve também contribuir para facilitar a forma do aluno se comunicar com o outro.

É indispensável que o próprio profissional conheça a abrangência da sua atuação na escola. Ele deve buscar a desvinculação do estigma de avaliar, de detectar e de encaminhar os alunos no meio escolar. Mesmo estando ciente de que essas ações são inevitáveis em alguns momentos da rotina escolar, a descoberta de diferenças nos alunos e os próprios encaminhamentos realizados pelos profissionais da escola não devem ser considerados como o alicerce do trabalho do fonoaudiólogo na instituição.

Essa representação reducionista, ainda impregnada nos discursos dos entrevistados sobre a triagem, termina por dificultar a inserção do fonoaudiólogo dentro da escola porque reduz, de forma considerável, o seu papel, que passa a ser secundário, uma vez que qualquer profissional da área pedagógica pode identificar alteração na linguagem da criança e encaminhá-la, sem ser preciso haver um fonoaudiólogo inserido na equipe.

Estudando as representações, percebemos que **os próprios fonoaudiólogos não se sentem capazes de atuar dentro de uma proposta inclusivista.** Diante da descrição de sua atuação na escola em relação a pessoas com dificuldades de aprendizagem ou a pessoas especiais, evidenciou-se que eles não sabem oferecer sua contribuição para o meio educacional, atribuindo a outros essa ação. Também não foram capazes de expor nenhum trabalho que envolvesse os pais das crianças, no intuito de compartilhar com eles a história de vida, as dificuldades, as facilidades etc. Os entrevistados parecem não perceber que nem todas as diferenças, necessariamente, inferiorizam as pessoas.

Como já mencionamos, foi possível identificar que todos têm a representação da ação do fonoaudiólogo na escola direcionada, mais especificamente, para uma especialidade da Fonaudiologia – a linguagem. No entanto, alguns mencionaram a contribuição no âmbito da voz, outros ensaiaram algo sobre motricidade orofacial e audição, porém nenhum apresentou conhecimentos consistentes para atuar frequentemente nessas outras especialidades. Dessa maneira, existem indicadores de que **o fonoaudiólogo escolar não está ciente e nem tem o conhecimento do que ele pode fazer dentro da escola, a fim de promover saúde por meio das quatro especialidades dessa ciência.**

Se formos elaborar um perfil comparativo entre os quatro grupos de profissionais participantes de nossa pesquisa, é possível afirmar que o primeiro grupo (composto por fonoaudiólogos clínicos) demonstra uma visão mais limitada a respeito da atuação desse profissional na escola. O segundo grupo (composto por fonoaudiólogos que atuam em escolas) consegue compreender um pouco melhor as necessidades de uma instituição educacional para desenvolver a aprendizagem e a comunicação dos alunos, o que era de se esperar, uma vez que é um grupo inserido no contexto escolar.

Já o terceiro e o quarto grupo, formado por professores, sobressaiu-se aos dois primeiros em termos de propostas inclusivistas, percebendo a necessidade da presença do fonoaudiólogo em sua equipe, a fim de que ele contribua, com seus conhecimentos específicos, para a atuação do professor em sala de aula. Contudo, eles permanecem com a percepção de que o fonoaudiólogo está na escola, para localizar mais precisamente, dificuldades nos alunos e ajudar a saná-las.

A presença do fonoaudiólogo na escola não revelou uma representação consistente para o professor que atua na mesma instituição. Na realidade, demonstrou que sua presença, naquele contexto, não é um diferencial para a escola em termos de qualidade de comunicação e até mesmo de ensino. Comparando os dados dos professores que possuem fonoaudiólogo na escola com os dos que não possuem, identificou-se que todos os professores apresentaram, de alguma maneira, a representação de alguém que tem a função de perceber problemas nos alunos, constatando que esses profissionais ainda se reportam à história inicial da Fonoaudiologia (referida no capítulo dois).

Evidentemente, sabemos que cada escola é uma realidade distinta, com dinâmica singular, e, por isso, não acreditamos que exista um modelo único de atuação, um planejamento padrão. No entanto, pensamos que, pelo menos, os fonoaudiólogos que queiram atuar em escolas devam ter como ponto de partida a proposta de promover saúde, prevenindo e orientando a equipe escolar quanto aos aspectos fonoaudiológicos adequados à melhoria do desempenho de todos.

Desta maneira, diante de uma escola inclusivista, os fonoaudiólogos, talvez, não reflitam sobre a necessidade de pessoas diferentes dividirem o mesmo espaço, a fim de possibilitar que todos cresçam adquirindo ganhos importantes e oferecendo oportunidades que promovam a igualdade, o desenvolvimento de habilidades na resolução dos problemas (através do trabalho em

grupo), a comunicação, o ajudar as pessoas e o aprender a superar os medos e as diferenças. Esses itens deveriam representar as grandes metas a serem perseguidas.

A inclusão, como consequência de um ensino de qualidade para todos os alunos, exige da escola brasileira, novos posicionamentos, sendo um motivo a mais para que o ensino se modernize, para que os professores e outros profissionais aperfeiçoem suas práticas. É uma inovação que implica um esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais da maioria de nossas escolas de nível básico.

O fonoaudiólogo escolar, presente em uma escola inclusivista, teria a função de “facilitador”, atuando como um auxiliar dos professores, mas sem assumir a responsabilidade do outro profissional para com os alunos, proporcionando apoio quando necessário e fornecendo informações específicas de sua área para que o aluno se desenvolvesse apesar de suas limitações, contribuindo para que houvesse mudanças, no ambiente, que favorecessem a convivência desses alunos na escola. Isso pode ser feito...

De fato, identificamos que nenhuma proposta nos levou a concluir que fonoaudiólogos se movimentam bem dentro dessa proposta, sendo atribuída esta dificuldade por alguns, à própria formação, cuja perspectiva dos currículos demonstra um afastamento das disciplinas de Psicologia da Aprendizagem, Psicologia do Desenvolvimento, Educação Especial, fato que termina prejudicando o desenvolvimento da Fonoaudiologia Escolar e de suas possibilidades de ação nesse âmbito.

Entretanto, não podemos deixar de perceber que houve, na última década, uma evolução no olhar da sociedade para a Fonoaudiologia Escolar. Acreditamos que a idéia do fonoaudiólogo desempenhar o papel de detector e relator de dificuldades passa por uma transformação que vai além da evidência de oferecer melhores formas para minimizar as possíveis alterações de comunicação que podem surgir no meio escolar. Podemos dizer que, hoje, já encontramos, entre os poucos fonoaudiólogos que atuam em escolas do Recife, a proposta de uma atuação na qual o profissional visa ser um catalisador para que a liberdade de expressão e de criação individual do falante surja de forma satisfatória.

Assim sendo, a relevância do trabalho do Fonoaudiólogo Escolar não se limita somente à possibilidade de contribuir para o aperfeiçoamento da linguagem, da voz, da audição, da motricidade orofacial ou, até mesmo, de evitar possíveis distúrbios da comunicação que possam surgir no processo educacional dos educandos. O trabalho desse profissional é bem mais

abrangente quando ele consegue perceber a escola como um meio de inclusão social onde devem ser incluídas todas as crianças que não estão conseguindo se alfabetizar ou que tenham outros problemas: crianças especiais sejam elas cegas, surdas, com paralisia cerebral, autistas, superdotadas e com outras necessidades, dentro do objetivo de construir uma “escola para todos”, por meio da inserção do fonoaudiólogo e de outros especialistas como mediadores na atenção às necessidades do grupo.

Foi possível perceber a diversidade das representações que estão presentes na base dos discursos produzidos por fonoaudiólogos e por professores sobre a atuação dos primeiros na escola, o que nos leva a uma reflexão em busca de modificações da imagem negativa ou, talvez, obscura, como mencionamos no início deste trabalho, sobre a efetiva contribuição da Fonoaudiologia para a escola.

Portanto, no momento em que procuramos estudar as conseqüências da atuação fonoaudiológica na escola, encontraremos resistência para modificar o que já está instalado há anos, ou seja, o fonoaudiólogo detector de problemas na escola, porém a própria resistência é um ingrediente necessário a toda mudança. Devemos, então, refletir sobre o que Henri Poincaré escreveu:

“Um acúmulo de fatos não constitui uma ciência, assim como um monte de pedras não se torna uma casa”. Nós temos as pedras, mas não construímos a casa. Se nós decidíssemos abandonar, por um tempo, a coleta de novos dados, nós poderíamos vê-los em perspectiva e refletir no que foi conseguido; poderíamos, então, definir melhor a natureza das questões que nós formulamos, o objetivo de nossa busca e o sentido de nossos achados (MOSCOVICI, 2004, p.145).

A Fonoaudiologia, talvez, precise parar de desbravar novos campos de atuação e repensar aqueles que já existem para que os profissionais possam exercer o seu papel com maior segurança e compreensão acerca do seu fazer.

Em virtude do processo sócio-histórico da Fonoaudiologia, a teia de relações produzidas por profissionais dessa ciência permanece ainda distante de uma visão mais ampla a respeito do que essa profissão pode oferecer à sociedade. Essa teia precisa ser tecida na busca permanente de uma melhor qualidade de vida para o ser humano, pensando-se nele como um ser que precisa estabelecer e aprimorar suas relações com o outro através de sua capacidade extraordinária e única de se comunicar.

Esperamos ter contribuído para que o leitor tenha uma visão mais clara de como o fonoaudiólogo se vê, bem como das representações do professor em relação a essa prática. Pensamos ainda que, a partir dos nossos posicionamentos, possamos reduzir os efeitos de alguns paradigmas que envolvem a Fonoaudiologia Escolar, já que a educação, no Brasil, necessita de profissionais comprometidos que sirvam de alavanca para as mudanças sociais.

Por fim, temos clareza quanto ao fato de que lacunas não puderam ser abordadas, seja pela permissão que o tempo nos proporcionou, seja pelo número reduzido de profissionais que, no momento, atuam em Fonoaudiologia Escolar na cidade do Recife.

Lacunas como, por exemplo, a compreensão do fonoaudiólogo, sobre sua própria formação, que de alguma forma ainda permanece imersa na história da Fonoaudiologia e que provavelmente vem se refletindo na formação dos próprios fonoaudiólogos, mesmo estando, nós, cientes que os profissionais entrevistados, por já terem alguns anos de conclusão do curso em Fonoaudiologia e por, talvez, não terem acompanhado as evoluções dessa ciência, não foram capazes de demonstrar, claramente, uma opinião mais atualizada sobre a atuação na escola.

Dessas constatações podemos destacar que, a idéia do fonoaudiólogo sobre sua própria formação, precisa ser atualizada permanentemente e para isto, não somente as universidades, mas também outras fontes produtoras de conhecimento sobre a Fonoaudiologia, especialmente as pós-graduações, necessitam rever suas propostas a fim de favorecer a aquisição de conhecimentos mais sólidos, para que o aluno ou profissional da área, seja capaz de se sentir seguro para atuar na escola.

Partindo deste pressuposto deixamos acesa no leitor/pesquisador a possibilidade de dar continuidade a esses estudos em outros contextos, possibilitando uma visão mais completa desse tema para, dessa maneira, contribuir para a consolidação da identidade do fonoaudiólogo escolar.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. R. F. **Fonoaudiologia Preventiva, Teoria e Vocabulário Técnico-Científico**. Série Especial em Fonoaudiologia. São Paulo: Lovise, 1996.
- BAKHTIN. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 10 ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- BERBERIAN, A. P. **Fonoaudiologia e Educação: um encontro histórico**. São Paulo: Plexus, 1995.
- BRAIT, B. (org) **Bakhtin: conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2005a.
- BRAIT, B. (org) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005b.
- BEFI, D. **Fonoaudiologia na atenção primária à saúde**. São Paulo: Lovise, 1997.
- BRANDÃO, H. **Introdução à análise do discurso**. 8 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.
- CARRASCO, M. C. O. **Fonoaudiologia Empresarial**. Perspectivas de consultoria, assessoria e treinamento. Manual teórico-prático. São Paulo: Lovise, 2001.
- CAVALCANTI, W. M. A. Las representaciones sociales que los profesores de educación especial de Recife/Pernambuco hacen de su formación. 2002. 434 f. Tese de doutorado. Universidad de Deusto. Bilbao, 2002.
- DIDIER, M. G. S. L. **Fonoaudiologia: sua história em Pernambuco**. 2001. 81f. Dissertação de Mestrado em Fonoaudiologia. PUC-SP/UNICAP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- DORÉ,R., WAGNER,S, BRUNET,J.P. (1996). **Conditions d'intégration à l'école secondaire - Déficience intellectuelle (título provisório)**. Em preparação.
- FERREIRA L. (org). **O fonoaudiólogo e a escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- GIROTO, C. (org). **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola**. São Paulo: Plexus, 1999.

VILAR DE MELO, M.F. CALDAS GOUVEIA, M. G. Considerações sobre a teoria das representações sociais. **Revista de Psicologia da UNICAP**. Recife, ano 1, n 1, p.40 – 51, janeiro-junho. 2001.

JODELET, D. **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2001.

LABOV, W. **Language in the Inner City**. Oxford: Brasil Balcwell, 1972.

LAGROTTA, A **Fonoaudiologia nas Instituições**. São Paulo: Lovise, 1997.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1994.

SOUZA, R. **Que palavra que te falta?** Linguística e educação: considerações epistemológicas a partir da surdez/ Regina Maria de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

STAINBACK, Susan e Satinback William. **Pedagogia da Inclusão**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VERRI, C. **A fonoaudiologia escolar e seus sentidos**. 1998. 125f. (Dissertação de Mestrado - Área de concentração: distúrbios da comunicação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, 1998.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Primeira etapa da entrevista

Entrevista com Fonoaudiólogo Clínico

Entrevistada 1

Formação acadêmica: Fonoaudióloga

1. Defina Fonoaudiologia Clínica e Fonoaudiologia Escolar.

Bom, fonoaudiologia clínica é uma área diferente né da escolar, porque na clínica nós tratamos as patologias, os distúrbios.. né, que possam .. é..acontecer dentro da escola. A escola encaminha pra o tratamento clínico, então existe essa diferença né, que na escola não existe o tratamento ele encaminha pra parte clínica. Certo.

2. Como deve ser o trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente?

Do fono escolar. Bom, no do fono escolar eu acho que tem que ser o seguinte né, ele tem que trabalhar com a prevenção, não é, orientando, prevenção e avaliação, né. Então dentro dessa prevenção e avaliação, ele vai orientar os professores e os pais.. né, todo o corpo docente.. ali, de como poderia detectar problemas fonoaudiológicos, como poderiam prevenir problemas fonoaudiológicos né. E ..é dentro disso aí ele não vai poder tratar ele vai encaminhar, orientar os pais, bom eu acho que é basicamente essa função. Do corpo docente não é isso? É isso. E até orientar os professores também, não é, orientar os professores quanto aos problemas de voz, não é, que também é um.. aspecto bem importante que acontece muito dentro da escola.

3. Apesar da Pedagogia e da Fonoaudiologia serem duas áreas distintas, ambas abrangem um ponto comum, a linguagem, como você vê o trabalho de ambos os profissionais no universo da educação?

O professor ele vai é.. de repente ele vai desconfiar de um certo tipo de problema que a criança possa ter e ele vai pedir um auxílio a fonoaudióloga, que é especialista na área de linguagem, pra poder orientá-lo, não é, e fazer uma avaliação, uma triagem, e realmente detectar se existe ou não algum tipo de problema, não é. Porque muitas vezes o professor fica na dúvida se se existe aquele problema, se a criança ainda vai superar, e o fonoaudiólogo vai ter, né, condição de dizer realmente se já está no tempo de encaminhar ou não.

4. O fonoaudiólogo na escola deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

Bom, eu acho que o trabalho em si, independe, mas não pode deixar de lado também a linha que a escola segue, não é, porque a gente tem que.. é analisar os casos, de repente você tem uma dificuldade e pode ser até pelo método usado na escola, né. Então você tem que levar em consideração isso, o método utilizado, você tem que conhecer o método da escola, não é, porque tem uns com o método construtivista, né, vários tipos de métodos que existem e que o fonoaudiólogo tem que tá conhecendo profundamente o método da escola pra poder trabalhar ali dentro. Não que seu trabalho vá mudar, não é, ou vai interferir aquele método no seu trabalho, mas você tem que tá conhecendo pra poder analisar cada caso.

5. Qual o valor que você atribui a triagem na prática do fonoaudiólogo na escola?

Eu acho muito importante. Eu acho que é essencial essa triagem, já que, como eu já falei né, os professores às vezes não conseguem detectar os problemas que acontecem né, então com a triagem fica mais fácil, né, da escola é..detectar essas dificuldades que acontecem.

6. Qual a sua postura diante de dificuldades clínicas de linguagem encontradas nos alunos dentro da perspectiva inclusivista?

Como é? repete essa. **Dentro de uma perspectiva inclusivista, qual seria a sua postura se encontrasse uma dificuldade de linguagem na criança?** Como fono escolar? **Como fono escolar.** Sim, então eu analisaria, faria uma avaliação mais minuciosa e encaminharia pro profissional clínico, não é, que realmente seria o especialista que iria tratar do problema. Não é, seria essa ..esse procedimento.

7. Qual a diferença do trabalho de assessoria fonoaudiológica e do fonoaudiólogo efetivo na escola?

Bom, é.. talvez eu não saiba exatamente porque eu não tô muito nessa área. Mas o que eu penso é que o que dá assessoria né, fonoaudiológica. Por exemplo, eu mesmo com a experiência que eu tenho de trabalhar com criança de muito tempo, problemas de fala, né, linguagem de um modo geral. Então as escolas às vezes me pede muito essa assessoria, esse apoio, como eu já fui dá várias palestras; já fui no Marista, Virgem Imaculada, São Bento. Então eles pedem esse apoio, é como uma assessoria, uma consultoria para poder ajudá-los porque eles não têm fono escolar, então eles precisam de uma orientação, eles ficam meio perdidos sem saber. **Mas Como é esse apoio? Palestras?** É Eu dou realmente palestras, não é, e marco reuniões, pra.. às vezes reuniões com a coordenadora, às vezes elas pedem pra eu ir lá e pedir essa orientação, elas, né, detalham que que elas querem e também através de palestras, tanto pros pais quanto pros professores. **Mas não faz avaliação com as crianças não?** Não, já cheguei a a assim.. propor isso, mas ainda não foi efetivado isso aí, certo, não chegou a fazer avaliação não. Só a nível de ..de informação mesmo. Bom, isso seria uma assessoria fonoaudiológica, né, e o fonoaudiólogo escolar, o efetivo mesmo, ele trabalharia dentro da escola, não é, já é é.. dando esse apoio, né, em todos momentos necessário ali, que a escola precisasse de uma investigação maior, de uma orientação, de uma prevenção, então ele estaria ali trabalhando dentro e essa assessoria não, seria um fonoaudiólogo de fora, não é, e que viesse dar esse apoio lá dentro. Sendo solicitado né.

8. Sabe-se que o fonoaudiólogo é um facilitador dos processos de desenvolvimento da linguagem, dessa forma, de que maneira ele pode desenvolver este trabalho na escola?

O trabalho de linguagem, do fono escolar né? **Hum hum** . é .. eu acho que ele pode desenvolver vários tipos de trabalho, né, da estimulação da linguagem, né, é.. em relação a prevenção de voz, em relação a aa desenvolvimento de modo geral da criança, tanto de vocabulário, como da parte de percepção auditiva, visual, é.. toda essa parte preparatória pra alfabetização, eu acho que o fono é muito importante nessa área, né, é é o.. é a parte principal pra criança se alfabetizar e tendo pré-escola, essa parte pré-escolar bem feita, não é, então é ele vai se suceder bem mais na frente, então o fono escolar ela tá bem capacitado pra isso, pra desenvolver trabalhos nessa área dentro da escola. Eu acho que isso é muito importante.

9. Na sua opinião o papel do fonoaudiólogo na escola está bem definido nos cursos de fonoaudiologia de sua região?

Na minha época né, que eu .. eu entrei na faculdade em 81, me formei em 85 porque, na verdade eu me formei em 84, mas voltei pra fazer aquela complementação que na minha época eram três anos e meio e depois a gente complementou com mais um semestre que formou quatro anos. Então, na minha época falava-se pouquíssimo, só que existia aquele fono escolar, mas que não é.. a gente não tinha informação, assim ..mais detalhada de como era a atuação desse fonoaudiólogo escolar. A gente não tinha, então que que a gente teve que fazer, ia investigando, procurando, pesquisando livro pra poder entender como seria realmente esse trabalho, que realmente é muito interessante, eu acho muito interessante. Eu gosto também dessa área, mas prefiro a clínica, mas é.. eu não tive conhecimentos assim que eu.. que eu me sentisse capacitada pra trabalhar dentro de uma escola. Eu até gostava, pesquisava muito nessa área, eu gostava dessa parte das dificuldades escolares, mas foi tudo que eu pesquisei depois, porque na época de faculdade, eu tive pouquíssimas informações, só aquelas coisas assim de conceito.. do que que era o fono escolar de um modo muito geral, muito superficial.

10. Que importância tem a Fonoaudiologia Escolar para a sociedade?

Eu acho que é uma importância muito grande pra sociedade, pena que realmente as escolas ainda não né, vejam, não.. vejam essa importância da fono escolar. Porque muitos casos deixam de ser detectados por professores e quando vêm pra gente no consultório na clínica, então já vêm com um estágio muito mais avançado, já com dificuldades de escrita, dificuldade da aprendizagem de um modo geral, né, então isso poderia ter sido resolvido no pré-escolar né, com a criança com três quatro anos. Muitos desvios fonológicos, né que isso aí a gente sabe que se não for corrigido logo vai transferir pra escrita, vai dificultar no seu desenvolvimento de modo geral, sua integração social, né, sua sociabilidade também vai ficar comprometida porque é uma criança que vai ter dificuldade de se comunicar, às vezes os coleguinhas vão, né, ficar mangando dele, falando, então isso vai deixá-lo também.. sua auto-estima, né, vai ficar baixa..pode prejudicar, que a gente vê muitos casos assim. Então o fono, o fonoaudiólogo dentro da escola ele vai evitar muitos problemas futuros, não é, que a

criança mais velha possa aparecer. Tem caso aqui de adultos, adultos com problemas, né, de fala que poderiam ter sido resolvidos quando criança. Então eu acho muito importante.

Entrevistado 2

Formação acadêmica: Fonoaudiólogo

1. Defina Fonoaudiologia Clínica e Fonoaudiologia Escolar.

Fonoaudiologia é aquela fonoaudiologia que trata do indivíduo no campo clínico, no campo.. que dá a relação terapeuta-paciente, que dá a relação é.. cliente-sujeito que atende também. E a fonoaudiologia escolar é um campo da fonoaudiologia, uma área, na verdade é um campo de atuação, não é uma especialidade que vai trabalhar o indivíduo no âmbito escolar. É no âmbito escolar é.. a fonoaudiologia ela tem multifacetada, a principal delas é ajudar no desenvolvimento da linguagem, escrita e oral também, e focalizar também outros aspectos; programa de saúde vocal do professor, programas de apoio à merenda escolar, na área de MO, e da saúde auditiva também na área de audiologia. Então, é um campo da fonoaudiologia que contempla as especialidades, embora a linguagem ela seja mais evidente. E eu acho que como nós não temos a especialidade em fonoaudiologia escolar, a gente tem.. o indicado seria que o fonoaudiólogo na escola fosse de linguagem como também a possibilidade de ação em outras áreas. Ainda a fonoaudiologia clínica, a grande diferença das duas, né, se tem que dar a diferença, é que a fonoaudiologia clínica existe um um..que a gente chama do tratamento fonoaudiológico, é a fonoterapia, o que difere na escolar é que, por lei, a gente não pode ter essa relação, e também o objetivo na verdade é outro.

2. Como deve ser o trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente?

Primeiro ele deve acompanhar o desenvolvimento da linguagem escrita e da linguagem oral e tendo esse subsídio do conhecimento desse desenvolvimento, desse período de aquisição, ele deve preocupar-se em propiciar o melhor desenvolvimento, o desenvolvimento mais agradável possível, e junto ao corpo docente, não só ao corpo docente, mas também com a equipe pedagógica da escola, com a coordenação pedagógica, com a direção pedagógica, ele deve atuar de forma de trocar conhecimentos com essa população. Porque o fonoaudiólogo escolar apesar de nessa área de atuação ele ter conhecimentos, que possam dizer conhecimentos da área pedagógica, ele não é o .. ele não tem tanta habilidade como teria o especialista, que é o pedagogo ou o professor, o docente. Então na verdade é um trabalho de parceria, nesse trabalho de parceria o conhecimento do fonoaudiólogo ele vai ser trocado com essa população e junto ao corpo docente é.. observar meios de prevenção, prevenção é uma palavra bem forte, mas de prevenção em relação aos distúrbios da comunicação, mas acima de tudo, eu volto à tecla de propiciar o desenvolvimento um mais agradável, tanto da linguagem escrita por conta do ambiente escolar mais específico, mas também como da linguagem oral. Então eu acho que o trabalho com o corpo docente é propiciar a esse docente uma melhor forma de de é..ajudar no desenvolvimento mais agradável da linguagem escrita e linguagem oral. É claro quando se fala, como você tem uma formação clínica, é claro que sempre a prevenção que remete a patologia, é sempre vista.. é sempre focada, mas eu acredito que o trabalho deveria ser maior nesse desenvolvimento.

3. Apesar da Pedagogia e da Fonoaudiologia serem duas áreas distintas, ambas abrangem um ponto comum, a linguagem, como você vê o trabalho de ambos os profissionais no universo da educação?

É eu acho que eu já falei um pouco, o trabalho do professor ele ele.. vai trabalhar com a **aquisição** não é, e o do fonoaudiólogo ele vai auxiliar, ele vai auxiliar nessa aquisição mais agradável, ele vai propiciar uma aquisição ..é é.. mais favorável dentro de toda essa linha. Então a linguagem para o pedagogo ela tem sempre o foco da aquisição não é, é.. que pode ter também um foco diferenciado para o psicopedagogo quem vem o foco da patologia, mas o fonoaudiólogo eu acho que é mais amplo ainda o trabalho dele porque ele ele tem como um um dos campos de trabalho a linguagem, e tendo esse ponto de linguagem, ele tem um **conhecimento mais global** e por ele ter esse conhecimento mais global ele tem possibilidade de uma atuação mais diferenciada, ou melhor, de propiciar uma atuação mais diferenciada do professor. Eu vejo ele como muito mais como um participante dessa aquisição, um auxiliar .. é uma palavra forte também, mais um **consultor**..a palavra é melhor.

4. O fonoaudiólogo na escola deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

Eu acho que ele não pode fugir da linha pedagógica né, a linha pedagógica tem um peso muito grande. Eu já fui estagiário de fonoaudiologia escolar de uma escola dita tradicional e de uma escola dita construtivista, ou de uma linha mais mais interacionista, se é esse nome que se dá hoje.. e a acho que o trabalho é sim diferenciado

porque a cobrança é diferente, a cobrança. Então eu acho que independente da linha, o trabalho é como eu já falei, de co-participante, mas a linha tem um peso muito grande, a linha ela vai definir **muito a área de atuação**. Então eu posso até acreditar enquanto teórico que independa, mas a realidade não é essa, a realidade é que a escola vai cobrar, por isso eu acho que tem que ser diferente.

5. Qual o valor que você atribui a triagem na prática do fonoaudiólogo na escola?

Eu não sei se a triagem deve ser um um aspecto que deva ser evidenciado, mas eu acho que a vivência é melhor, o campo da observação, o campo da da interação, ele deveria ser muito mais focado que uma própria triagem. Quando a gente fala de **triagem**, a palavra é forte porque a gente tá selecionando quem tem e quem não tem a patologia. Mas a gente fala antes que isso não é o campo principal e se na observação a dificuldade da aquisição aparece, a triagem é vivenciada e não um campo isolado. Então, eu acho que, eu acredito que a vivência na escola, o estar na escola e o participar desta aquisição é muito mais importante que um momentinho de triagem.

6. Qual a sua postura diante das dificuldades clínicas de linguagem encontradas nos alunos dentro da perspectiva inclusivista?

A..a minha atitude? Encaminhamento. Se eu fosse um fono escolar encaminhamento. Éh Essa.. eu encaminharia para uma avaliação mais específica.

7. Qual a diferença do trabalho de assessoria fonoaudiológica e do fonoaudiólogo efetivo na escola?

O fonoaudiólogo efetivo ele tem um campo muito mais direcionado, ele tem um planejamento muito mais específico, ele tem uma circulação muito maior na escola. O de assessoria ele teria um campo limitado, teria objetivos mais concretos e adequa..., não é concretos a palavra, mais objetivos mais direcionados porque ele teria um menor tempo. Eu acho que a diferença seria essa, o campo de trabalho é o mesmo, o objeto vai ser o mesmo, o ambiente vai ser o mesmo, só que o que vai pesar aí é o tempo e objetivo mais **direcionado**.

8. Sabe-se que o fonoaudiólogo é um facilitador dos processos de desenvolvimento da linguagem, dessa forma, de que maneira ele pode desenvolver este trabalho na escola?

Eu acho que eu já respondi essa, é favorecendo e propiciando uma uma.. um desenvolvimento mais adequado e **mais agradável pra essas crianças**.

9. Na sua opinião o papel do fonoaudiólogo na escola está bem definido nos cursos de fonoaudiologia de sua região?

Não, não está definido, existe universidades na minha região que não tem a disciplina nem o estágio de fono escolar, existem algumas que ensaia. Eu acho que existe uma preocupação, mesmo que não tenha a disciplina, como se tem em algumas, existe uma preocupação, isso é que é o mais importante, mas não tá definido não, não tá definido não. Bem definido é forte também.. não tá, mas existe a necessidade, existe em todos a proposta de que isso é um trabalho que tem que ser levado em frente. Mas não tá definido.

10. Que importância tem a Fonoaudiologia Escolar para a sociedade?

A importância é que, com a fonoaudiologia escolar a gente teria, talvez, uma sociedade que teria é ..uma..um desenvolvimento escolar mais adequado, até porque teria outro profissional que teria um olhar mais diferenciado também, pra esse desenvolvimento. E esse olhar diferenciado ele só..é.. tem um objetivo, que o objetivo é de auxiliar.. então se você tem mais um profissional que tem um conhecimento, que é um conhecimento que que diferencia do conhecimento padrão da escola, você já tem um grande ganho. Então, a gente teria um desenvolvimento de linguagem escrita muito mais adequado, de comunicação mais adequado.

Entrevista com Fonoaudiólogo Escolar

Entrevistada 3

Formação acadêmica: Fonoaudióloga

1. Defina Fonoaudiologia Clínica e Fonoaudiologia Escolar.

É o que eu poderia dizer é que a Fonoaudiologia é.. Clínica, é uma fonoaudiologia onde trabalha a patologia, a terapia. E a Fonoaudiologia Educacional né, escolar ela previne os distúrbios, estimula a linguagem oral e escrita.

2. Como deve ser o trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente?

É o fono escolar ele entra mais como uma parceria com os professores, entregada a uma equipe, não é, onde vai trabalhar a aprendizagem dos alunos, favorecendo essa aprendizagem.

3. Apesar da Pedagogia e da Fonoaudiologia serem duas áreas distintas, ambas abrangem um ponto comum, a linguagem, como você vê o trabalho de ambos os profissionais no universo da educação?

Os dois profissionais trabalhando a aprendizagem não é, ..é a linguagem tanto oral como escrita, mas com a.. com ponto de vista diferente, onde o professor ele vai ter uma linha pedagógica..é ..trabalhando não é, essa linguagem. Enquanto que o fono ele vai trabalhar mais em cima da criatividade, da escrita, da oralidade e prevenindo os distúrbios da linguagem oral e escrita.

4. Você concorda que deve participar no planejamento escolar? Justifique sua resposta.

Sim, não é, eu acho que o fono escolar ele precisa tá integrado a essa equipe, não é, participando dos planejamento, até mesmo pra poder interferir, ajudar na melhor aprendizagem dos alunos.

5. O fonoaudiólogo na escola deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

Eu acredito que ele deve conhecer a linha que a escola segue e trabalhar tentando acompanhá-la, sem é claro, fugir de sua proposta de desenvolver a linguagem de forma prazerosa e criativa.

6. Qual o valor que você atribui a triagem na prática do fonoaudiólogo na escola?

Veja bem, é.. o fono escolar, onde trabalho, ele realiza essa triagem. Eu acho que é importante, mas não é primordial, não é uma coisa que seja principal do nosso trabalho.. mas precisamos saber essa triagem exatamente porque precisamos ajudar aquelas crianças se apresentarem alguma patologia. Nesse sentido né..

7. Qual a sua postura diante das dificuldades clínicas de linguagem encontradas nos alunos dentro da perspectiva inclusivista?

Sim, aquelas criança que apresentam uma dificuldade clínica, primeiro nós procuramos é.. chamar os pais, fazer uma orientação a eles, e se for o caso de já começar uma terapia, nós encaminhamos essa criança já pra uma terapia fonoaudiológica, clínica, e ficamos acompanhando essa criança junto com o terapeuta.

8. Qual a diferença do trabalho de assessoria fonoaudiológica e do fonoaudiólogo efetivo na escola?

Ahhh aí é diferente. Quer dizer eu nunca vi uma ascensorista, não é.. assim.. fazendo um trabalho, mas eu acho que ele parte da seguinte forma, acho que ele orienta, né, os professores e encaminha, não sei. E o profissional dentro da escola ele tá interagindo junto com as criança, participando do planejamento, das atividades, conhecendo as crianças. Principalmente que ele, no caso da Carochinha, o fono ele entra dentro de sala, então, ele participa junto com a criança, no grupo, coletivo, nada individual. Então eu acho que fica um trabalho diferente, enquanto que aquele chega lá na escola, só faz .. eu não sei.. eu acho que é.. só faz a triagem e vai embora.. enquanto que aquele tá participando do dia-a-dia, e tá acompanhando o processo de desenvolvimento das crianças.

9. Sabe-se que o fonoaudiólogo é um facilitador dos processos de desenvolvimento da linguagem, dessa forma, de que maneira ele pode desenvolver este trabalho na escola?

Realmente, é um facilitador. Então..eu vou arruinar muito se eu for falar (risos). É estimulando.. né, as crianças desde o maternalzinho até quarta série, é um trabalho que a gente desenvolve, trabalhando sempre uma vivência com as crianças.. é.. levando a criança a pensar, a criar, a contar historinhas, a desenvolver textos do

jeito que eles podem criar, sem ter aquela cobrança, das regras, das formas, da escrita, da gramática, entrando em sala, participando com o grupo.. né, levando a criança a dramatizar, levando a criança a cantar, levando a criança a desenvolver textos livres, não é, e colocando ela pra participar da comunicação oral, discutindo, debatendo, colocando seu ponto de vista. É.. eu acho que é mais ou menos desta forma que o fono atua. Eu não acredito naquele fono .. aquele fono que ele tá na escola só fazendo a triagem, que aí já passa uma questão mais terapêutica. Eu acho que o fono na escola ele tem que ser uma parceria, ele tem que ser mais um profissional que tá interagindo com toda uma equipe, onde aquele profissional vai tá participando no dia-a-dia da criança. Então é ali que o fono, ele como profissional, onde ele.. ele trabalha com a linguagem, ele não pode tá fora dentro de uma instituição tipo uma escola, ele tem que tá participando. Ele tem que tá interagindo junto com as crianças.

10. Você concorda que o fonoaudiólogo escolar deva interagir coletivamente com os alunos, ou seja, entrando em sala de aula para realizar atividades?

Com certeza, esse fono ele tem que tá é dentro. Ele tem que tá com a criança, ele tem que tá participando, que no momento que ele tá com esse grupo, com essa turma, ele vai tá sentindo se tiver dificuldade é.. os problemas que a turma tá passando e vai tá podendo orientar melhor os profissionais, não é, e as próprias crianças estimulando essa criatividade. Então o fono ele tem que tá dentro de uma sala, aquele fono que fica fora, recebe só a informação do professor, é diferente. É diferente. Porque uma coisa é você sentir uma criança de perto, a resposta que ela dá, num momento de coletividade, num momento da coletividade, no momento que também você pode tá em **grupos menores**, mas eu acho que o fono ele tem que tá participando, ele tem que tá junto da criança.

11. Existe alguma diferença entre a prática fonoaudiológica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I?

É.. existe a diferença. Do maternalzinho até o jardim I, nós fazemos mais um trabalho de orientação, aos professores, às babás.. é também uma orientação em cima de uma leitura as crianças. Enquanto que de jardim II à quarta série, nós já entramos em sala de aula. Participamos uma vez na semana com atividades sistemáticas, aonde nós estimulamos essa linguagem, tanto oral como escrita.

12. Na sua opinião, o papel do fonoaudiólogo na escola está bem definido nos cursos de Fonoaudiologia de sua região?

Não.. é eu acho que o fono escolar é.. desde 1989, quando foi implantado o serviço no Centro Escolar Carochinha, a noção que se tinha de fono escolar ..que era um trabalho só de orientação e encaminhamento né, o fono ia pra escola pra encaminhar, pra orientar e pronto. E foi uma das dificuldades que nós sentimos na época, mas quando a direção da escola .. a direção da escola ficou sabendo exatamente qual era o papel né, do fono escolar, foi quando abriu as portas, posso dizer assim, para que a gente pudesse observar a metodologia da escola e pudesse fazer um projeto praquela escola, de fono escolar. É.. acredite que hoje né, tamos em 2005, tamos há 16 anos, daquela época pra hoje o avanço foi mínimo porque até hoje, a gente chega nas universidades, se fala de fono escolar e a impressão que você tem é que os alunos.. tem a impressão que o fono escolar é orientar e fazer triagem, encaminhar. Como a Carochinha é a pioneira neste trabalho diferenciado de fono escolar.. é.. hoje em dia é muito chamada nas faculdades, exatamente pra dar o perfil do fono escolar dentro da escola. Que hoje ainda é muito difícil nas universidades. A impressão que a gente tem é que, não é impressão.. é a realidade.. que a fonoaudiologia tem que crescer muito na área escolar, ainda, é tirar aquela impressão que se tem de ser terapêutica.. ô..encaminhar, ir pra clínica e orientar. Quando eu falo em pioneira é nesse tipo de trabalho sistemático em sala de aula, que desde aquela época em 89, as escolas que tinham fono, mais ou menos duas escolas aqui em Recife, não faziam esse tipo de trabalho que a gente realizava na Carochinha. Era mais um trabalho voltado pra orientação e encaminhamento, segundo o que se falava naquela época.. era um trabalho onde, muitas vezes, é.. trabalhava aquela motricidade oral, não é, na parte do espelho, levava a criança pra estimular né, toda a parte da musculatura facial e voltado também pra questão clínica.

13. Que importância tem a Fonoaudiologia Escolar para a sociedade?

Contribuir muito para essa escola onde ele trabalha. No caso da Carochinha, antes de ter o fonoaudiólogo, os professores não sabiam como lidar com certas dificuldades da comunicação e como passar isso para os pais. No momento que o fonoaudiólogo chegou aconteceram muitas mudanças no sentido da visão dos professores em relação a essa comunicação. Primeiro porque é, aquelas dificuldades que eles sentiam que achavam que era já patológico, que as crianças na fase da educação infantil, maternalzinho até jardim II, não é, quando eles apresentavam a gagueira, um desvio fonológico, não é, então eles achavam que aquela criança tinha que ser trabalhada terapeuticamente..no momento que o fonoaudiólogo chegou lá e começou a orientar essa questão do desenvolvimento da linguagem, eles começaram a compreender o que tava se passando naquela linguagem da

criança, naquela idade. Então hoje, eu acredito .. assim, que o fonoaudiólogo escolar ele tem dado uma grande contribuição nesse sentido não é, porque hoje..na Carochinha mesmo, são poucos os encaminhamentos que se faz porque o professor mesmo, ele..ele já sabe como lidar com isso, ele já orienta, ele já ..ele já percebe essa fala, ele próprio se tranqüiliza porque ele sabe que é uma fase natural da criança, que vai passar, é..no caso ele já tem como procurar o setor, procurar saber melhor como lidar com isso. Então.. eu acho que a fonoaudiologia escolar tem mais é que contribuir para a nossa sociedade que precisa evoluir tanto no âmbito da educação.

Entrevistada 4

Formação acadêmica: Fonoaudióloga

1. Defina Fonoaudiologia Clínica e Fonoaudiologia Escolar.

Bom, eu acho que fonoaudiologia clínica tá muito vinculada à patologia, não é, é tratamento, é cura daquilo que já é diagnosticado como uma patologia e fonoaudiologia escolar, ao meu ver, tá vinculado à prevenção, não é. Existe uma rixa muito grande aí em relação ao que é prevenção, prevenção é um termo meramente médico, é.. de origem médica, mas eu acho que a prevenção na fonoaudiologia escolar tá muito vinculada à estimulação. Nesse caso, prevenção é sinônimo de estimulação, eu acho que a estimulação é a base da fonoaudiologia escolar, cê não tá lidando com o patológico, e sim com o aprimoramento, com o aperfeiçoamento, o que que aquela criança pode dar de melhor, pode dar mais, como é que essa família pode agir de uma maneira diferente, então, você tá ali pra orientar, .. o professor.. a postura do professor em benefício próprio e em benefício do aluno, então fonoaudiologia escolar pra mim é isso.

2. Como deve ser o trabalho do fonoaudiólogo escolar junto ao corpo docente?

Tem que caminhar lado a lado, né, você tem que ser sempre aquela pessoa que dá o respaldo, que ..é importante não estabelecer, eu acho que dentro da escola é importante não estabelecer barreiras, o..fono de repente é aquele profissional que chega da área de saúde, intruso na escola, é preciso que isso aí seja dissipado, né, ele.. tem que tá na escola como um agente favorecedor, que esteja lá estimulando, enxergando determinadas coisas que o professor não enxerga, por falta de conhecimento específico; então eu acho que tem que ser um aliado, um trabalho de parceria, você também aprende muita coisa com o professor, né, e você ensina muita coisa. Então eu acredito muito nessa parceria.

3. Apesar da pedagogia e da fonoaudiologia serem duas áreas distintas, ambas abrangem um ponto comum, a linguagem, como você vê o trabalho de ambos os profissionais no universo da educação?

É o que mais ou menos eu falei na na.. pergunta anterior, que o fono é aquele profissional dentro da escola que ele enxerga a linguagem de uma maneira diferenciada, né, não só a troca de fonemas, a articulação que não é extremamente precisa, mas a linguagem como um todo, né, e os vários tipos de linguagem, a linguagem corporal, a linguagem escrita, a verbal, então ele .. ele é aquela pessoa que dá esses toques ao professor. Que muitas vezes fica vinculado à parte conteudista, então são assim, os erros ortográficos em primeiro lugar, é tal palavra que ele não diz com S, diz com T, sim, lógicos que são coisas importantes, mas eu acho que o fono ele vê e tem uma visão mais abrangente do que seja linguagem e.. ele tá na escola exatamente pra passar essa visão abrangente para o professor, né, eu sinto que hoje.. hoje as meninas.. o professorado né ele tem uma, lá na escola onde eu trabalho, ele tem uma visão diferenciada, é tão interessante porque elas vão se tornando mais sensíveis né, é muito legal isso.. e eu acho que o papel do fono é esse.

4. Você concorda que deve participar no planejamento escolar? Justifique sua resposta.

Com certeza, eu acho muito rica a participação do fonoaudiólogo escolar no.. no planejamento porque..exatamente porque esse conhecimento específico ele pode dar sugestões de determinadas atividades que não eram empregadas, que não faziam parte da escola, ou então assim até faziam, mas esporadicamente, não faziam parte do planejamento não é. Por exemplo, que atividades seriam estas, assim, com os pequenos, não é, os bem pequenos, que tão em plena aquisição, você.. você percebe que você poderia trabalhar as músicas, diversificando e trabalhando a língua.. a música na língua do lá, na língua do ló, na língua do lu, na língua do K, na língua do pó ..é uma coisa lúdica, gostosa e é preventiva. E o professor ele não tem essas coisas assim, ele.. ele.. é seria cantar as músicas tradicionais, as músicas conhecidas, mais vinculado ao CD, a letra que tem no CD, é diferente, então você é um profissional que você tem essa capacidade de introduzir, ou de aproveitar atividades que já são realizadas e transformá-las em estimuladoras da linguagem.

5. O fonoaudiólogo na escola deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

Eu acho que tem que haver uma sintonia sim, você tem que, não só trabalhar na linha da escola, mas ter assim.. amplo conhecimento sobre ela, não é, pra que você não misture as coisas, você tem que ser um um facilitador, um favorecedor do processo de ensino-aprendizagem, junto ao professorado. Então se você não acredita naquela linha pedagógica, como é que você vai poder interferir, não é. Então eu acho que tem que.. trabalhar em sintonia.

6. Qual o valor que você atribui a triagem na prática do fonoaudiólogo na escola?

Eu acho importantíssimo, agora desde que não seja ..a questão da..de patologisar. Essa triagem deve ser feita pra que você tenha uma visão de como é que anda o desenvolvimento daquela.. ou daquela outra criança e você possa trabalhar preventivamente, é diferente porque a..a algumas pessoas confundem, triagem é clínica, associam muito à questão da avaliação clínica, não é. E eu acho que o fono dentro da escola ele precisa ter esse cuidado, até em relação aos profissionais que fazem parte da escola, até eu acho que essa nomenclatura “triagem” é muito clínica. E ela.. se você não tiver cuidado ela adquire um peso muito grande dentro da escola, não é. Eu acho que.. talvez até avaliação seja mais leve porque existe vários tipos de avaliação dentro da escola, né. Mas uma coisa assim, informal, uma coisa assim global, não é, você não pode desvincular a criança.. a boca da criança à articulação fonêmica da criança. Você não vai arrancar a boca, é ver como é que a língua tá funcionando, você tem que ver a criança como um todo.

7. Qual a sua postura diante das dificuldades clínicas de linguagem encontradas nos alunos dentro da perspectiva inclusivista?

Não, é..eu.. as professoras e o grupo em geral é orientado.. bom, primeiro a faixa etária que eu trabalho, eles só começam a se tornar muito críticos a partir de um jardim II, antes disso eles não percebem as alterações de linguagem uns dos outros né, no jardim II, no jardim III, eles começam a perceber. Mas isso é encarado de uma forma muito natural, porque eles começam a.. é uma criticidade muito espontânea, e eles começam a dizer assim, que fulano fala inglês, que fulano não fala tal palavra, que fulano não sabe falar, mas aí o que é que a gente utiliza, que as pessoas são diferentes entre si, não é, e que são essas diferenças que fazem a riqueza do todo. Isso em relação aos professores também, o cuidado com o rótulo, para que não exista dentro de sala de aula, né, mesmo que a compreensão seja muito difícil em relação à linguagem oral de determinada criança, mas eu digo muito “você não está entendendo, mas o contexto favorece”, então ele tá falando com você, sempre em relação ao livrinho, é contando alguma coisa de casa, é mostrando a bolsa, é o lanche, então assim..o contexto favorece, dá pra você interpretar e não rotular e não bater em cima da tecla.. exatamente das dificuldades. Eu acho de o trabalho de inclusão que é feito tem surtido efeito porque a gente não tem tido problemas assim, é uma criança que é escanteada, isolada, por conta de uma alteração na linguagem. De jeito nenhum!

8. Qual a diferença do trabalho de assessoria fonoaudiológica e do fonoaudiólogo efetivo na escola?

É.. é preciso ter muito cuidado pra ver até que ponto essa assessoria fonoaudiológica funciona né.. porque realmente é uma coisa assim que tende a se tornar esporádica, é rápida, é uma coisa superficial porque geralmente o tempo é restrito e você não.. você não pode se aprofundar, você não tem condições, não é o profissional, sim ainda tem esse detalhe, não é o profissional que não é competente, é a questão de tempo, é a questão de quantidade.. que interfere na competência do profissional, então de repente até o nome desse profissional fica meio que nebuloso aí, no sentido de “fulano não tá fazendo bem o trabalho dela”, mas ela não tem condições porque ela não está no dia-a-dia com as crianças, ela não tem o conhecimento global, ela não tem sobre aquela criança, aquela e aquela e aquela outra, ela sabe que na sala tem 26 alunos, mas ela não sabe que os 26 são: João, Antônio, Luíza, Helena, ela não conhece a mãe de João, de Antônio.. ela não tem esse tempo, esse contato, ela não sabe de quem veio João, se foi de Tia Ana, se foi de Tia Lúcia, então quer dizer são detalhes que fazem a diferença. Linguagem é uma coisa que ela é ..é..adquirida desde o ventre, então é preciso que você tenha um conhecimento acerca daquele indivíduo pra você poder estabelecer, assim, que estímulos eu posso ajudar, eu posso favorecer, eu posso combinar com a professora, dar umas dicas, eu não conheço bem Antônio, então.. eu to chegando, eu até vejo Antônio, sei que ele é loirinho do olho azul, mas eu eu..não acompanho nada em relação à história prévia de Antônio, a história anterior. Então eu não acredito muito nessa questão de assessoria, eu acho que você precisa realmente fazer parte, sim, sem contar com o seu relacionamento, o relacionamento do profissional, do assessor com os outros integrantes da escola, que eu acredito se torne também superficial porque você vai esporadicamente, você vai duas vezes por semana ou uma uma vez por semana e você.. como é que você conhece a

supervisora e sei lá..uma..já pensou você ir de quinze e quinze dias numa escola? Eu acho que é.. você fazer de conta que está sendo assessor fonoaudiológico daquela escola.

9. Sabe-se que o fonoaudiólogo é um facilitador dos processos de desenvolvimento da linguagem, dessa forma, de que maneira ele pode desenvolver este trabalho na escola?

Bom, o trabalho.. é muito abrangente né, é voltado a vários públicos dentro da escola. As crianças na parte de estimulação, aos professores também com estimulação sobre o que fazer, sensibilizar, é... em benefício deles mesmos, aí vem a questão da postura, até de alimentação e tal.. então quer dizer, é um trabalho que ele é ..ele é voltado aos pequenos, aos grandes, professores, pais e demais serviços da escola né. Então eu tô nas salas de aula, participando do processo pedagógico, não é, e não deixa de ser um processo avaliativo, contínuo, que a avaliação você não faz num dia, nem dois, nem três, é um processo contínuo, então eu tô a par das atividades pedagógicas que eles estão vivenciando e estou sempre procurando contribuir no planejamento, junto às professoras, não é.. com atividades que eu acho que são pertinentes e que vão favorecer a linguagem, não é, lógico, já existia algum determinado texto que ira fazer parte daquela aula, naquele dia, ora se você ..aí eu procuro saber qual é a visão do professor em relação a esse texto, como é que ele vai trabalhar esse texto e aí ele diz: “não, eu tô pensando em ler e depois eles vão.. é uma poesia .. e depois eles vão recitar” e tal e tal..Então eu procuro, dentro dessa visão do professor, como se fosse assim.. é..sinalizar, não existiria uma outra maneira de você trabalhar enfatizando a linguagem em tais e tais aspectos, lógico. ele..os meninos vão fazer a mesma coisa, vão ler e depois vão se apropriar do texto, vão recitar, mas além disso o que a gente poderia enfatizar em relação à linguagem, então essa.. esse.. Intercâmbio com o professor é feito né com os meninos, existe toda a parte de contato mesmo aa é.. em sala de aula, deu participar, de cantar, de sentar, de vivenciar as tarefas que eles estão e eu também.. não é. E com os pais são os atendimentos, tanto individuais como também a gente apresenta trabalhos específicos aos pais de acordo com as necessidades de cada série, de cada sala, não é. E.. com os profissionais afins, né, a equipe multidisciplinar a gente tá junto, estudando os casos, vendo qual seria o melhor encaminhamento, é basicamente isso que se faz.

10. Você concorda com que o fonoaudiólogo escolar deva interagir coletivamente com os alunos, ou seja, entrando em sala de aula para realizar atividades?

Já respondi na pergunta anterior, concordo plenamente (risos).

11. Existe alguma diferença entre a prática fonoaudiológica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I?

Eu acho que tenha é..a questão assim..é.. o resgate porque, no ensino fundamental I, as crianças elas já chegam com um.. no caso da primeira à quarta série, elas chegam com algumas coisas já instaladas e na educação infantil elas estão em processo de, por exemplo, não é patologia não, que eu tô me referindo. É.. a falta de prazer pela leitura, numa primeira série, numa segunda, numa terceira, numa quarta, os meninos chegam carregando esse peso, essa falta de prazer pela leitura e aí cabe ao fono interferir e resgatar esse prazer pela leitura. No caso da educação infantil, não, você deve é conquistar o leitor não é, porque ele ainda não tem, nem a falta de prazer nem o prazer, então depende do estímulo que você dê que aí ele vai desenvolver, não é, desenvolver ou não esse prazer. Então, eu acho que é muito nessa, eu dei o exemplo da leitura do prazer da leitura, mas eu acho que tem..essa relação que a gente faz entre a educação infantil e o ensino fundamental. Eu acho o fono escolar é *super* necessário, tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental, acho que as pessoas se enganam quando dizem “não, no ensino fundamental as professoras resolvem as questões ortográficas” e o fonoaudiólogo escolar se se..restringe só a alterações ortográficas, o trabalho, pelo amor de Deus.. é falta de conhecimento né, uma pessoa que que.. tece uma opinião desse tipo é falta de conhecimento, então.. é como eu disse no início é muito amplo o trabalho e no ensino fundamental também, a quantidade de pais e mães perdidos no ensino fundamental quando as crianças chegam, que a gente sente a diferença, quando as crianças chegam de uma escola onde eles não tiveram nenhum tipo, os pais nem as crianças, tiveram nenhum tipo de respaldo, como eles chegam angustiados, perdidos, achando que aqueles., que os erros ortográficos são ..são tudo, é o valor, a escrita se resume naquilo, quando ele não tem essa orientação prévia, e quem é que dá essa orientação prévia, é o fono escolar, que já passa pra os professores, que já passa pra equipe pedagógica.

12. Na sua opinião, o papel do fonoaudiólogo na escola está bem definido nos cursos de Fonoaudiologia de sua região?

Eu acho que existe uma carência muito grande de conhecimento em relação à fonoaudiologia escolar porque a bibliografia é restrita e os professores que tão trabalhando essa disciplina na.. nas universidades eles.. também eu acho que se sentem, pelo menos é o que tem passado, se sentem carentes em relação ao que abordar, porque eu acho que a prática é muito importante e a teoria sem a prática ela não se sustenta.. então.. e .. a

vivência em fonoaudiologia escolar é muito restrita.. então daí a carência porque as pessoas não vivem e estão falando sobre como? É só teorizando, então isso é uma coisa que tem que se pensar um bocadinho né e não é minha prática né, eu não tô no dia-a-dia, como eu disse a você, nas salas de aula das universidades, mas o que eu sinto é uma grande carência em termos de ..desse conhecimento. Por isso assim, eu tô sempre conversando com pessoas.. assim.. os professores estão sempre enviando e tal..essa necessidade de de.. é fale sobre sua prática! É exatamente essa carência que eu sinto. Bom, na minha época quando eu tava fazendo, cursando fonoaudiologia, eu acho que houve um empenho muito grande.. nós fomos uma turma que tivemos sorte também, porque várias pessoas se interessaram pela área de educação e a gente tinha Gracita ..não é.. que dava as disciplinas afins né..sempre tava falando sobre linguagem, educação e tal e tal.. e nós percebemos toda essa..essas informações, esse novo, esse conhecimento diferenciado que ela trazia, que ela servia de elo, não é. Servia muito entre a Federal e a Católica já naquela época..também não faz tanto tempo assim! (risos). É.. a gente enxergou isso e a gente começou a solicitar dela, mais, mais e ela se dispôs a ser a supervisora de um estágio escolar não é..em fono escolar, era um estágio porque a gente tinha carga horária, que a gente tinha que cumprir, tinha um horário específico para que nós nos encontrássemos com ela e trouxéssemos as coisas, tudo que tá sendo vivenciado na escola pra ela, pra discutir, pra ver se tava realmente dentro da linha de trabalho que a gente queria e então.. foi muito interessante e já foi o primeiro passo. Eu não sei se houve continuidade, parece que não.. não é.. não sei porque não houve esse estágio, em outras turmas, nas turmas posteriores, mas na minha houve e foi o que realmente me introduziu na escola e que partiu do curso de fono porque já existia também todo um laço afetivo com a escola, que antecede o curso de fonoaudiologia, então já existia o magistério, já existe é.. toda uma afinidade, toda uma parceria, um envolvimento com a escola que até antecede o curso de fonoaudiologia.. que eu tenho é. No caso, que parte de mim né.

13. Que importância tem a Fonoaudiologia Escolar para a sociedade?

Eu acho que a sociedade tá começando a despertar para essa importância da fonoaudiologia escolar porque os pais, cada vez mais carentes em relação a como estimular a linguagem dos filhos, e é através do fonoaudiólogo escolar que eles recebem essas primeiras informações porque o fonoaudiólogo clínico ele só tem contato a partir de algum tipo de alteração e na escola você tem o contato inicial com o pai e ele já começa a receber as orientações específicas e favorecedoras da linguagem. Então agora eu acho que muitos pais estão começando a valorizar.. não é.. porque eles buscam e aí eles recebem as informações e passam, divulgam isso. Então eu acho que estão acordando..não é, porque a importância é enorme, a abrangência é enorme não é, mas o desconhecimento era grande também. Felizmente esse esse.. perfil está mudando e eu espero que as pessoas tenham essa sensibilidade pra enxergar cada vez mais a importância do fono na escola que as escolas contratam fonoaudiólogos, já que eles são assim peças-chaves no processo de desenvolvimento escolar das crianças.

2ª etapa da entrevista com os fonoaudiólogos

Entrevistada 1

Por que você falou que esse trabalho independe? Como seria então esse trabalho do fono na escola com a linha pedagógica diferente ou com a que você esteja de acordo?

É, não porque o método de ensino da escola vai interferir na sua linha de tratamento, no caso não é nem tratamento..no caso aí é fono escolar, da sua avaliação, do seu diagnóstico ali pra poder orientar ou encaminhar, mas sim é. É.. a questão do caso né. Você avaliar e analisar o caso de acordo com o método de ensino na escola, mas isso não vai interferir na sua maneira de trabalhar, e sim vai lhe ajudar a avaliar cada caso. Pra saber se realmente é uma dificuldade específica pra fono né, se vai precisar um encaminhamento ou só uma orientação ao professor ou aos pais. Eu acho que é por aí.

Me fala como seria essa avaliação minuciosa dentro da escola, como você faria?

É .. avaliação das dificuldades de linguagem, né isso. É. Bom, você fala na parte do infantil. Então eu faria uma avaliação específica assim.. na parte oral, na parte de de toda parte de conceitos básicos de percepção.. é isso que você tá querendo saber? **Um hum, é!** Assim de percepção visual, auditiva, investigaria toda essa parte preparatória pra escrita não é. **Mas aí o que você utilizaria e faria? Levaria-o para uma sala e levaria jogos?** Ah, tá ..eu acho que teria que ser uma avaliação individual não é, numa sala separada pra poder você ter um acesso mais

direto à criança né, e ali você poder avaliar de diversas maneiras, até ele de uma maneira espontânea, sozinho com você, falando espontâneo, falando é de uma maneira que você pede pra repetir. Então diversas situações aonde você iria poder. Poderia **usar jogos**. Usar jogos, com certeza, jogos, atividades diferentes não é, de acordo com o que você quer realmente avaliar, mas eu acho que teria que ser de uma maneira individual, fora da sala de aula. **E essa avaliação poderia ser só uma vez? Ele viria, a gente faria a avaliação e já escreveria alguma coisa? Ou teria que voltar?** Dependendo do caso, tá entendendo, porque tem crianças que num primeiro contato a gente já consegue perceber rapidamente as dificuldades ou se não tem dificuldades né, e tem outras não, que você avaliou o tempo não deu e você tinha que avaliar detalhes maiores e não deu tempo, então você teria que combinar um outro horário pra repetir. **Seria essa a avaliação minuciosa não é, quando requer um olhar maior? É. E os pais, o que você faria com os pais?** Bom, eu acho que os pais eles têm que estar cientes né, de tudo que você tá fazendo ali com a criança, por exemplo, você avaliou aquela criança e você tem que dar um retorno prus pais né.. ó foi avaliada em relação à parte fonoaudiológica e eu senti isso, isso e isso, achei que ele tava assim, assim e assim, de acordo com seu diagnóstico, seu laudo não é.. a a parte dos pais é isso aí. Se precisar de uma orientação, sentar com os dois, dá essa orientação não é, os pais, se precisar de algum exame eu acho que.. também a fono deve solicitar um exame né, se houver necessidade ..pra ter alguma certeza de um diagnóstico mais preciso. Pronto, só isso né. **É. Em algumas escolas, elas já pedem o exame audiológico e, quando tem fono, ela já fica sabendo qual criança tem uma dificuldade de audição, como o oftalmológico, nem sempre chega pra quem tem a competência pra analisar. Bom, mas como ficaria a criança na escola após essa avaliação?** Você diz assim.. em relação a qual, o procedimento? **É, você como fono escolar?** Seria, justamente, se houver algum distúrbio, alguma dificuldade que exista a necessidade do tratamento né, encaminhá-la para um fonoaudiólogo clínico pra poder superar ali aquela dificuldade pra não atrapalhar na sua aprendizagem, no seu desenvolvimento. Se precisar também de uma orientação prus professores, também a mesma coisa não é. **Certo, mas ela já está fazendo a fonoterapia, eu, como fono escolar, o que posso fazer com ela na escola?** Ahh tá. Eu acho que o fono clínico deve entrar em contato com a escola né e a partir daí, eu acho que isso é muito importante.. coisa que eu gosto de fazer porque eu acho que é primordial esse contato com a escola porque é a escola, é onde ele tá né, um bom tempo. Então, você ter esse contato do fono escolar com o fono clínico e se você puder ficar observado, você que tem né, a capacidade pra isso, de ficar observando como é que o aluno tá desenvolvendo, evoluindo ali no tratamento e passar esse retorno pro fono clínico. **E para o professor?** A mesma coisa né, eu acho que o fonoaudiólogo escolar ele tem o contato ali com o professor e pode pegar maiores dados, maiores informações ali com o professor. Perguntar de acordo com o que tá querendo saber. **Dar orientações**. Com certeza. **E se fosse uma criança especial? Na escola de ensino regular? O que o fono poderia fazer?** Neste caso, eu nunca tive uma vivência nesse aspecto né.. é.. apesar que tive, até que tive, era uma adolescente que estudou numa escola de ensino regular e o meu contato era assim, nessa escola não tinha fono escolar, e eu sempre ia dar algumas orientações para os professores, porque aí.. botar ela sempre na frente, os professores falarem de frente pra ela pra fazer a leitura labial e diversas orientações que a gente pode passar pra o professor e que vai ajudar o aluno. Agora tendo fono escolar, ele mesmo pode fazer isso junto com os professores, dar uma orientação que é pra facilitar a aprendizagem daquele aluno, não é. **Os com Síndrome de Dawn também, tem autismo**. Isso.

Você saberia dizer como seria desenvolver esse trabalho a que você se referiu? Como você imagina que seria trabalhar com a linguagem?

É, eu vou te falar pelo que eu já li e pelas idéias que já passaram assim pela minha cabeça, eu vou passar para você. Então é.. por exemplo, no caso de prevenção nos problemas vocais, com crianças, fazer campanhas assim..dentro da escola né pra evitar os abusos vocais, colocar cartazes com figuras, falando justamente sobre isso, colocar isso em sala de aula né, então eu acho que tem diversas maneiras de você em atividades com brincadeiras você mostrar quais são esses abusos vocais e o que isso acarretaria né, mais na frente se ela não tivesse esse cuidado com a voz, com a prega vocal não é. Então com os professores seria mais assim a nível de uma palestras, juntar os professores, passar essas orientações também de higiene vocal pra facilitar. **E com a linguagem?** E com a linguagem eu acho que o fono teria que participar também do planejamento da escola não é, orientando os professores nesses aspectos importantes né, que a gente trabalha muito com isso né, que isso é muito importante pra alfabetização, pra desenvolvimento da criança e é..eu acho que estimular o máximo né, por exemplo, ir pra sala de aula, ter um tempinho pra você desenvolver algum trabalho, tipo de história, de leitura que fazem as crianças contarem aquilo que você falou. Eu acho que tem muita coisa que a gente pode trabalhar estimulando né, neste caso, a criança de linguagem né, dela botar pra fora, dela entender, interpretar melhor. **Então você acredita nessa relação do fono trabalhando direto com o aluno?** Isso, eu acho que ele não pode ficar dentro da salinha dele lá só pra avaliar não. Eu acho que tem que ser um trabalho né.. integrado, com os professores, ter aquele tempinho para você, pra você puder estimular e prevenir, a finalidade é essa. E prevenir problemas futuros né, então se você não trabalha ali com

aluno que tá sem problemas, então você não vai tá fazendo prevenção, se você só for pegar o aluno que o professor chega e diz. “Ó, ele tá com problema!”.

No seu tempo, não existia estágio de fono escolar?

Estágio? Obrigatório? Não tinha. **Tinha a cadeira, mas não tinha o estágio?** Na época a gente só tinha aquele estágio obrigatório na clínica. Somente, estágio que a gente fizesse era porque a gente queria fazer ou que conseguia, mas nada obrigatório. **Então não teve nenhuma vivência assim de vocês ..dentro de uma escola pra fazer um trabalho?** Não, nós fomos com a professora fazer um trabalho numa escola lá em Brasília Teimosa, mas assim uma pesquisa que ela tava fazendo, nada relacionado à atuação do fono escolar. **E nada de vocês agindo dentro de uma escola pra ver como era o trabalho, sendo estagiária mesmo?** Não! **Hoje em dia você acha que o papel do fono escolar está claro para os alunos do curso? Acredito que nenhuma faculdade de Recife ofereça mais a disciplina de fono escolar. Você acha que está claro o papel do fono escolar?** Claro que não, agora é que não está mesmo, se na época da gente tinha uma cadeira disso e eles não conseguiram passar ..assim.. detalhes da atuação, de como seria, e agora que não existe mais nenhuma cadeira, existe apenas uma cadeira geral que vai apenas pincelar, a tendência é a fono escolar acabar..não é..que é um absurdo! que deveria ser justamente ao contrário, se a tendência, hoje em dia das profissões, é de se especializar cada vez mais, porque não, na escola não existir uma fono.

Para a nossa sociedade, quais os benéficos de ter uma fono efetiva dentro das escolas, seja ela pública ou particular? Então, quando eu falo em sociedade vai ser amplo, o que melhoraria se todas as escolas tivessem fono?

É, eu acho que o que vai melhorar, como eu falei antes, havendo a necessidade de um tratamento em si, havendo a necessidade de um tratamento, vai ser um tratamento mais rápido não é, um tratamento mais fácil de ser realizado porque vai ser um tratamento que vai ser detectado precocemente e vai facilitar, pra família no caso, porque vai ser resolvido mais cedo. Facilitar a comunicação de um modo geral, que eu acho que hoje em dia é importante saber se comunicar, saber se expressar, com essa competição hoje em dia, não é..de emprego e isso é um dos requisitos básicos pra pessoa conseguir um emprego, você se expressar bem, você falar bem, porque hoje em dia você vê adultos procurando fono?.. porque não consegue arrumar emprego, porque não consegue falar direito, porque tem uma dificuldade.. porque foi.. é ..deixou de conseguir um emprego. Advogados procurando fono. É, a oratória então isso já facilitaria porque isso seria detectado dentro da escola, enquanto a criança tá amadurecendo, tá aprendendo e ali já seria sanada essas dificuldades, pra poder lá na frente, serem adultos mais.. **Seriam sanadas na escola?** Detectadas né, detectadas e havendo necessidade seriam encaminhadas já para serem resolvidas né, eu acho que seria mais ou menos isso.

Entrevistado 2

Você falou do trabalho do fono auxiliando no período de aquisição da linguagem, então o trabalho desse profissional estaria situado apenas na Educação Infantil, por você ter falado na parte de aquisição?

Não, eu acho que não só foi aquisição, aquisição foi .. é.. o psicopedagogo ele tá ligado também na aquisição.. na. que quando a gente fala de aquisição, a aquisição da linguagem oral e linguagem escrita. Então não na primeira fase de linguagem oral, mas também na fase de aquisição da linguagem escrita. **Dando continuidade ao desenvolvimento.** Dando continuidade a esse desenvolvimento, certo. Eu acredito que não é só na pré-escola, eu acredito que também.. **que pode se estender?** É, eu acredito que pode se estender, assim como o psicopedagogo também, se estende pra um trabalho mais amplo, mas quando eu falo de aquisição eu falo de uma forma mais ampla, não só no primeiro período. **Seria então o desenvolvimento?** Seria o desenvolvimento.

Você também se referiu a um conhecimento mais global da linguagem que supostamente o fono teria. Como seria esse desenvolvimento mais global? Porque o professor, não sei se na formação dele ele teve tanto conhecimento de linguagem quanto a gente, mas deveria ter.. né.. já que iria ser um professor. Aí você disse que o conhecimento da gente é mais global, como seria esse conhecimento mais global?

Pegando o que você falou, continuando o que você falou, me parece que embora o conhecimento do professor tenha.. deveria ter o conhecimento de linguagem, isso não existe. Como o fonoaudiólogo tem na sua própria formação essa questão de tá ligado ao objeto, o objeto linguagem, o objeto como uma forma e é.. aquisição,

de desenvolvimento, de patofisiologia, de patologia, de alterações e de reabilitação, ele tem um conhecimento mais global porque vai desde o conhecimento da aquisição ao desenvolvimento. Da normalidade? da normalidade até as possíveis alterações, o diagnóstico. Pegando só o foco, aquisição e desenvolvimento, ele ainda pode pegar sem ser o foco ele seria também um conhecimento diferenciado porque ele seria mais global, eu não digo a maior ou menor, eu digo mais global, do que é.. do pedagogo, do psicopedagogo ou o do professor. Veja só, se eu tenho na minha própria formação pra reabilitar um indivíduo, que faz parte da fonoaudiologia, eu tenho que estudar, aquisição, desenvolvimento, eu tenho que estudar a normalidade; eu tenho que estudar possíveis alterações de desenvolvimento na aquisição, é.. possíveis patologias é.. quando essa essa linguagem já está adquirida e formas de avaliar essa linguagem, não é.. eu avalio. E quando eu avalio eu penso também em normalidade, no que é normal pra mim e depois quando eu proponho uma intervenção, eu proponho uma intervenção baseada do que eu considero que é normal e em que etapa aquele indivíduo ele está. Então eu sempre reporto para a normalidade, como na área clínica eu sempre estou reportando pra isso, então meu conhecimento quando eu falo global, é que é um conhecimento mais aprofundado, é uma busca de conhecer muito mais isso porque isso vai ajudar. Então aí quando eu vou pra escola, e aí eu não vou tratar tanto das patologias, eu vou tratar .. o que eu vejo, eu vejo, e quando eu vejo que eu posso ajudar aquele indivíduo, eu posso ajudar o aluno, eu posso ajudar a dinâmica da escola.. é pensando primeiro, de como eu vou desenvolver subsídios para que eles entendam melhor a questão da aquisição, subsídios para a questão da prevenção e acima de tudo é.. entender que o que eu trago é por eu entender um pouco mais sobre isso.

Por que o trabalho do fono é mais de consultor, você falou de consultor.. aí eu pensei assim, tá, consultor é mais de consultar, é mais de perceber as dificuldades.

É..consultor é.. uma vez que o consultor ele não vai.. eu acho que é proteção de não intervir, de ficar na beirada. Ele é consultor e quando você vai atrás de um consultor, numa empresa por exemplo, para desenvolver uma estratégia de mercado, isso na área administrativa, o consultor não é o que vai fazer, não é o que vai realizar. O consultor é o que vai, dentro das suas idéias, ele vai desenvolver a melhor forma de desenvolver suas idéias. Vamos colocar isso numa escola behaviorista e numa escola construtivista, nos dois campos ele é consultor, porque primeiro ele tem que respeitar a linha pedagógica da escola.. mesmo que, ele acredite que numa linha ou outra é mais favorável, mas se ele é contratado e for numa escola de uma linha tradicional, ele primeiro não vai ter que mudar a linha não, ele vai ser consultor pra de acordo com a proposta para o desenvolvimento ele vai facilitar isso, eu acho que não é também a questão de adaptação não, é a questão dele estar lá para, da forma que a escola acredita que vai ser o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, ele atuar com o conhecimento fonoaudiológico.. é direcionar a melhor forma desse desenvolvimento ocorrer. Assim como numa escola construtivista, não sei se um trabalho é mais fácil que o outro não. **Então você acha que meu trabalho na escola não modificaria por causa da filosofia? Você tem que tem que respeitar a filosofia. Mas modificaria a minha forma de atuação? A sua forma de atuação?** Claro. Claro, se você tiver numa escola muito mais tradicional, talvez essa escola ela possa te requerer algumas funções que ..seja diferente de uma escola construtivista. É eu penso que a escola tradicional ela pode exigir mais, uma sondagem fonoaudiológica com maior frequência que uma construtivista. É exato, mas nas duas você é um consultor porque embora você vai intervir de algum modo, fazer oficinas de facilitação, você não deixa de ser consultor, você sempre .. vão lhe reportar pra você ou por problemas ou.. mas você não deixa de ser consultor independente da ..

Você falou que a triagem é uma palavra forte, você sugere outra denominação para essa palavra dentro da fonoaudiologia escolar? Porque eu também concordo que triagem seja é.. uma palavra forte, tanto que quando eu trabalho, eu coloco sondagem fonoaudiológica, eu tento modificar de alguma forma essa denominação pra que o pessoal ... não, eu tô triando pra tá selecionando e tá olhando só essas pessoas que eu percebi que têm dificuldade, que, na verdade, é pra trabalho com um todo. Aí eu fiquei pensando: como é que eu vou sugerir outra denominação dentro de fonoaudiologia escolar pra triagem, já que é uma palavra forte como você falou?

É .. é só você usar a palavra diagnóstico ou diagnose, você pode usar a palavra diagnóstico ou diagnose, o pedagogo faz um diagnóstico também não é, agora o diagnóstico você reporta mais pra área clínica. Quem acredita numa linha mais, numa fonoaudiologia mais de linguagem..pode usar diagnóstico, eu acho que a gente tem que assumir que pode falar diagnóstico, diagnóstico é uma coisa e é menos forte que triagem, triagem eu estou selecionando. Quando eu dou um diagnóstico fonoaudiológico, diagnóstico não está ligado à área clínica, a gente tem que acabar com isso. Quando eu digo que triagem é uma palavra forte é porque triagem eu estou selecionando, se você for para um dicionário triar é também selecionar, é sinônimo de selecionar. Agora diagnóstico ou diagnose, como algumas pessoas usam, não necessariamente é uma palavra clínica, a gente tem que quebrar isso pra quebrar

também o ato médico. **Porque tem professores que falam também..ah eu faço diagnóstico.** Não, É o diagnóstico, eu estou aqui pra com a fonoaudióloga fazendo o diagnóstico escolar. Eu acho que tem que assumir que tem que fazer um diagnóstico escolar porque diagnóstico, não necessariamente, está ligado à área clínica.. é isso que os médicos querem por isso que estão aí com o ato médico. Então enquanto a gente não assumir palavras, então enquanto a gente fugir da clínica.. a fonoaudiologia surgiu da clínica e da escola também, da educação, mas o que acontece é que existe uma linha na fonoaudiologia que rejeita essa questão, essa questão da origem médica, mas porque ..eu acho que por rejeitar eu acho que fortalece um movimento que é o ato médico. Então eu faço diagnóstico fonoaudiológico na clínica, mas eu posso fazer diagnóstico na escola porque o pedagogo faz um diagnóstico, o professor diagnostica o diagnóstico, ele não necessariamente tem que tá na área clínica. Então eu usaria diagnóstico.

E depois de feita essa triagem ou diagnóstico ou diagnose, agora, qual a sua conduta? Então, no caso, eu encaminhei uma criança que realmente ela tava precisando de uma fonoterapia, mas ela continua sendo aluna da escola. E aí, o que que a gente pode fazer? Como fono escolar? É

Ah, eu não tenho a experiência de um fono escolar. O que poderia ser feito? Eu acho que um acompanhamento pro fonoaudiólogo, assim como se tem.. um acompanhamento direto pro fonoaudiólogo, reportar esse fonoaudiólogo, respeitar a linha de trabalho dele, como tem com um professor de reforço. **Então ter um contato, no caso de escrita, se fosse pedagógico, ter um contato com o professor de reforço, ter um contato com essa fono clínica.** É, ter um contato, não é jogar a criança lá ou e ..não manter um retorno.

Qual seria então a proposta do assessor porque a gente tava falando de assessoria fonoaudiológica e do fono efetivo na escola.

O assessor é a questão do contrato temporário. O assessor ele tem esse contrato temporário. Vê só, uma diagnose ou um diagnóstico você tem um conforto maior de tempo pra ter um diagnóstico geral, não falo nem em patologia, um diagnóstico de como estão as turmas, de como a gente pode tá atuando para melhorar esse desenvolvimento. É mais superficial. Não, o fono escolar. **O Fono Escolar?** O fono escolar, você contratada, você tem um tempo maior pra circular nesse meio, pra ter outros retornos. No caso da assessoria, ele chega lá e diz..olhe o tempo que eu tenho pra fazer essa mesmo diagnóstico são dois meses porque eu tenho que ter o primeiro encontro, porque eu tenho que ter isso, eu tenho que ter aquilo, certo, então são dois meses pra eu fazer isso. O tempo que eu tenho pra fazer essa diagnose, o diagnóstico da voz, do perfil vocal do professor é esse. O tempo que eu tenho pra observação das crianças no lanche para atuação e orientação das mães é esse. Então ele vai definir, porque é um plano de negócio.. é um plano de negócio. Deveria ser assim. Você tem que ter um plano de negócio pra dar um respaldo, e não concordo que esse plano de negócio envolva, futuramente se esses alunos ou esses professores precisarem, vão pra nossa clínica. Eu também acho que tem que ser estudado e eu acho também que o conselho não permite, certo. Mas a principal diferença é essa, que eu tenho um plano de negócio para oferecer aquela escola com um tempo limitado, então a função é a mesma, só que ele vai trabalhar com um limite de tempo, que o fonoaudiólogo na escola ele pode trabalhar também, ele pode estabelecer nas reuniões assim.. meu tempo vai ser esse, ele tem que dar um cronograma para o diretor da escola. Eu acredito nisso. **Então você acredita que mesmo o assessor, com tempo limitado, ele tem que respeitar esse tempo pra ele ter a certeza de qual é a criança que realmente tem uma patologia ou não.** Se ele for um profissional experiente, sim, ele nem vai enganar a escola dizendo que vai precisar de um tempo maior e também não vai enganar dizendo.. ahh, eu faço num tempo menor. Vai depender também do perfil profissional. **Porque a preocupação é assim, eu olho essa criança hoje, num contexto ou até individualmente, e ela hoje precisa ser encaminhada, mas esse fono observou a criança em poucos momentos, e se depois de uma semana essa criança deu um estalo e houve uma evolução e esse assessor já não estava mais na escola.** É. E o clima era diferente, ou seja, numa aula de educação artística. **É, e aí o assessor não tava mais, e aí? É essa a minha preocupação com o assessor, a eficácia do trabalho, sabe.** Mas eu acho que o objetivo pode ser diferente também. **Pode atingir só os professores ou dar uma orientação.** Ele pode atingir também as crianças, mas ele vai também respeitar essa própria limitação dele .

Como fono escolar, como você chegaria a esse desenvolvimento mais agradável, proporcionar esse desenvolvimento de linguagem mais agradável para as crianças?

É.. Através de reuniões com os professores pra observar a necessidade, realizar uma escuta com esses professores. A questão da escuta do professor é muito importante, antes de propor qualquer coisa é..fazer essa escuta do professor, através de oficinas com as crianças, oficinas hora hora da linguagem, hora do recreio, hora da contação de história.

Se existe a preocupação, você saberia responder por que não há a disciplina de fono escolar é.. e seu estágio, nos cursos de fono das faculdades de Recife? Então tá, existe a preocupação, talvez exista a preocupação, de todas as faculdades, mas e aí? Por que eles não falam sobre?

Porque a gente tem uma história de uma universidade que todos os fonoaudiólogos que hoje es.. 90% dos fonoaudiólogos que hoje estão na faculdade é.. nas faculdades. O professor? É, o professor. Eles não tiveram uma linha de pesquisa direcionada à fonoaudiologia escolar, então quando se propõe um curriculum se propõem no que primeiro o MEC propõe. Quando você supera essa questão do MEC, que o currículo mínimo que o MEC diz pra o curso de fonoaudiologia funcionar, você vai para outra história .. o que qui o curso vai direcionar, então vão ter cursos que vão ser mais direcionados à área de audiolgia, nós temos cursos mais direcionados à área de linguagem e dois cursos que distribui mais as áreas da fono, tanto as áreas das especialidades como a área de atuação, como a hospitalar, a escolar, que são dois grandes exemplos. Só que acontece é que nós não temos históricos de pesquisadores na área de fono escolar. Então a partir do momento que a gente vá ter esse histórico, mesmo tendo duas disciplinas importantes nós.. é nessa universidade, que todos viemos da Universidade Católica, mesmo tendo isso nós não temos históricos de pesquisa, os grandes pesquisadores da Fonoaudiologia em Pernambuco, eles não direcionaram sua aptidão à fonoaudiologia escolar porque isso não foi uma área que foi tão fortalecida. Eu acho que não só em Pernambuco, mas isso é um panorama no Brasil. A fonoaudiologia escolar não é tão forte enquanto pesquisa. **Enquanto pesquisa.** É ..você pode tá vendo isso na sua na sua discussão, você vai sentir uma necessidade muito grande.. **é de bibliografia.** Porque você não tem uma referência bibliográfica tão forte, porque isso é reflexo de um campo da fonoaudiologia que não evoluiu tanto, em pesquisa, como os outros. A evolução está na forma de atuação, não é. Então existe algumas áreas que não evoluíram enquanto pesquisa e isso reflete a falta de pesquisadores.. quando a gente vai formar um cursos, a gente forma um curso dentro de uma perspectiva .. é do MEC e depois da perspectiva do que as pessoas acreditam. Então existem cursos na região que tem estágio de audiolgia educacional, mas se você for ver os profissionais que estão dentro, eles acreditam em audiolgia educacional que seja forte, e eles são pesquisadores na área de audiolgia educacional.. é assim que se forma um curso. Não se engane, é assim que se forma um curso. Então não é porque as pessoas não acham importante, elas acham. **Mas não pesquisam sobre, não é.** Mas elas acreditam que a fonoaudiologia educacional ela está inserida na linguagem, nas disciplinas de linguagem. Então, é.. houve um grande aumento das especialidades da fonoaudiologia e as áreas de atuação, como hospitalar e escolar, elas não foram contempladas enquanto especialidade. Então isso, pra você ver..pra você estudar depois é um ponto histórico. Como foi que surgiu as especialidades da fono? Surgiu com a pesquisa que o conselho fez diante das áreas de atuação do fonoaudiólogo, dentro dessas as áreas estavam a hospitalar e a escolar? Estavam, mas elas estão agregadas ou a M.O ou estão agregadas à linguagem, não é. Então existem pesquisadores que são especialistas em linguagem que pesquisam sobre fonoaudiologia escolar, e essas pesquisas de fonoaudiologia escolar o que é que vão reportar? Vão reportar em um grupo pequeno e este grupo pequeno e que vão chegar lá enquanto mestres e doutores nas faculdades. Até que eles cheguem e mude os currículos isso demora. **Isso demora.** Não é, isso demora. Então, se a gente não tinha tanto pesquisador, a gente tá tendo. Inclusive você vai ter uma dificuldade muito grande. A resposta está aí, não houve nenhum incentivo na área ou eu vou dizer melhor, não houve um interesse em incentivar isso. Não é, a gente tem as disciplinas que incentivaram, mas a proposta dos cursos, dos cursos mais antigos, não incentivaram isso porque incentivaram a área clínica, por isso que a área clínica cresceu e por isso que o questionamento da área clínica cresceu também. A gente chega a ter pesquisa hoje questionando a clínica fonoaudiologia, mas a gente não tem pesquisa questionando a fonoaudiologia no âmbito escolar.

Entrevistada 3

Na pergunta em que foi pedida a definição de fono escolar e clínica, você não comentou, na parte de fono escolar, sobre motricidade oral, voz e audição. Então, esses 3 não são trabalhados pela fono na escola?

Não, acho que as 3 é.. são também trabalhadas não é. Não no mesmo potencial como é trabalhada a linguagem oral e escrita, mas sempre se voltando também pra elas na questão da orientação, da prevenção, trabalhando também em cima de histórias, não é. Motivando as crianças, tendo uma maior conscientização da importância não é, na questão da voz.. de usar bem, tanto da voz como da audição e a questão da motricidade. **Orientando, no caso, os professores?** A gente faz uma orientação tanto aos professores, como faz orientação à família e às crianças.. há um trabalho constante em relação a isso. Na Carochinha existem trabalhos .. eu acho que.. semanalmente a gente tá sempre voltando porque no momento que você entra na sala de aula, eu tô sempre

chamando atenção na questão do barulho, a questão do uso da voz não é., faz uma estimulação constantemente. **E como é essa estimulação em relação à motricidade oral?** Motricidade oral, mesma forma, na questão na hora do lanche a gente tá orientando a babá, a professora certo, as próprias crianças, nas palestras que a gente também é..da na escola, a gente tá orientando a família na questão da alimentação, da mastigação, questão dos hábitos alimentares né, na questão da chupeta, mamadeira.. todas essas questão é trabalhada.

No caso, fonoaudiólogo na escola, ele vai trabalhar a linguagem de forma criativa e tentando prevenir esses distúrbios não é, da linguagem oral e escrita como você havia falado. E o professor, ele também não pode fazer isso? Ele faz ou ele não pode fazer esse tipo de trabalho com a linguagem como o seu?

Com certeza ele faz e pode fazer, agora de uma forma diferente.. não é. Ele trabalha a criatividade.. mas, o que eu quero dizer é que o fono e o professor eles se completam, cada um dos dois com uma visão diferente enriquecendo da sua forma. Então se completam, mas que ele também faz esse trabalho criativo dentro das possibilidades deles, agora não é uma prioridade deles por conta do conteúdo que eles tem que dar. **Então nós, enquanto fonoaudiólogos trabalhando numa escola, nós iremos somar, já que a gente complemente e contribui para o trabalho desse professor né?** Com certeza. Até a gente volta na questão de não ser obrigatório mas ser importante, é mais uma contribuição. Eu acredito e como você tem uma visão mais ampla na questão da linguagem aí você enriquece com o seu ponto de vista e completa com o do professor, é a questão pedagógica. **Como seria essa visão mais ampla?** Eu acho que o próprio assim.. a questão do desenvolvimento da linguagem que o fonoaudiólogo né .. se especializa nessa questão..da linguagem sim. Que os professores muitas vezes não sabe, então ele eles muitas vezes rotulam a criança por não saber que aquela criança ainda tá na fase do desenvolvimento, acha que é já uma criança que tá com problema, que já é patológico e no momento que o fono tá dentro da escola ele pode contribuir. **Ele consegue diferenciar essa questão do normal e do patológico mais facilmente.** É, mais facilmente.

Eu havia feito uma pergunta antes para saber se você concordava ou não com o fono participar do planejamento escolar. Você disse que sim e que iria interferir para ajudar numa melhor aprendizagem dos alunos. Então como acontece essa tua intervenção?

É.. nós participamos das reuniões, principalmente a reunião de fechamento em dezembro onde se faz um planejamento geral, o anual, e dentro desse planejamento, sempre que é possível, em relação à linguagem, a gente contribui junto aos professores nos assuntos que eles vão trabalhar durante o ano. É.. por exemplo, se eles vão trabalhar a questão da campanha da fraternidade, então eles sempre solicitam da gente que a gente trabalhe a produção textual, essa produção textual visa mais à questão de focar essa linguagem, de enriquecer mais essa linguagem e trabalhar a questão é.. da criatividade. E nesse sentido a gente procura sempre através, ou seja, de uma dramatização, algum teatro, através de uma música..é focar essa linguagem e chegar até a sua produção que é o texto.

É.. falando ainda do planejamento escolar, que o fono deve participar do planejamento escolar é.. eu gostaria de saber como acontece sua intervenção no planejamento escolar?

O fonoaudiólogo né, no caso da Carochinha, ele sempre participando desse planejamento não é.. contribuindo na questão da linguagem e..

Como acontece essa intervenção no sentido assim.. você chega pro professor e você vai ajudar como? Em que tipo de trabalho?

No planejamento, nessas reuniões que acontecem anualmente.. exatamente em dezembro, no planejamento geral é.. nós participamos dentro dos temas que eles né..realizam e eles sempre solicitam do serviço a sua contribuição. Por exemplo, se eles fazem um trabalho sobre a campanha da fraternidade eles solicitam da gente que eles trabalhem mais a dramatização, a questão da música.. pra soltar essa linguagem mais criativa, pra que facilite num próprio trabalho do professor, na questão dos textos interpretativos. **E no planejamento diário do professor, quando ele prepara, o que vai fazer numa segunda, numa terça-feira é.. em que o fono pode ajudar?** sempre.. mais uma vez, ele solicita da gente mais um trabalho que a gente possa facilitar o que ele tá fazendo, o que ele tá trabalhando, mas sempre em volta da questão da linguagem, nunca a questão pedagógica não é.. eles saber separar bem essa questão, em que o fono pode fazer, contribuir nesse sentido. **Ele consegue separar a língua da linguagem?** A questão da forma. A questão gramatical da questão da linguagem. O que eu falo da linguagem é a

questão da criatividade, do pensamento ..aí eles conseguem. Levar as crianças a desenvolverem mais esse potencial que eles têm, que é a produção textual.

Como é realizada essa triagem?

Bem, essa triagem em geral é realizada no início do ano onde a gente faz uma triagem desde os maternalzinhos até a de linguagem oral, até jardim II. **E de linguagem escrita? De linguagem escrita vai até 4º série. Mas faz a triagem?** Também faz porque aí é em cima da produção textual deles, a gente tá observado sempre, certo. Essa linguagem oral dos pequeninhos sempre é feita em sala de aula não é. A gente vê.. é observa as crianças coletivamente e quando, a partir do jardim I, essas crianças são vistas tanto coletivamente. **Que idade mais ou menos?** A partir dos 4 anos, tanto coletivamente como também numa oportunidade que a gente tem com as crianças, individual, de observar essas falas delas e aí são registrados exatamente o que elas apresentam nessa faixa, exatamente jardim I, jardim II são onde eles estão adquirindo já quase todos os sons.. não é, e que a gente faz toda uma orientação em cima disso. Agora essa sondagem, eu num digo avaliação, o que feito e que isso é passado pra família e pra escola, que é uma sondagem porque se a gente observa que aquela criança já está apresentando, já deveria ter adquirido aquele som e ainda não adquiriu, a gente pede uma avaliação fora.. aí ela vai fazer com uma fonoaudiologia clínica, tá certo. Mas se não, aquela criança é orientada na própria escola, pelo fono escolar, e pela família e pelos professores.

Quando você usa o termo sondagem é porque você acha que triagem, é avaliação é um termo muito forte, muito clínico pra ser usado?

É mais sutil a sondagem, quando você entra numa triagem, numa avaliação, já fica mais terapêutico. Então eu faço um registro.. e exatamente existe uma fichinha.. que a escola isso .. é determinado, tanto o serviço de fono como a de psicologia, e pelos professores, que essas crianças levam no final de cada unidade.. a sondagem registrada, a sondagem que a gente faz da linguagem. **Então, você faz em cada aluno seu?** Eu tenho de cada aluno.. eu tenho todo registro, entendeu. Eu tenho um quadro que eu vejo a fala.. certo. a linguagem, a compreensão eu vejo audição, eu vejo a voz e vejo a questão da gagueira ..aí vejo de uma forma geral, mas só a nível de sondagem. **E como é essa audição? Como você percebe essa audição na sondagem?** Também na questão coletiva, de sala de aula e que o professor passa pra gente.

Certo, agora vamos para aquele fono que não trabalha diretamente com os alunos, entrando em sala de aula, como você faz né.. é.. elabora atividades e coloca em prática junto com seus alunos, ele chega aos seus objetivos né. Aquele que não trabalha entrando em sala, fazendo atividades como você faz, você acredita que ele chega aos mesmos objetivos que você?

Ahh sim, é..depende assim.. quando você diz “aos meus” realmente eu acho que fica a desejar ele, lógico, ele interagindo com as crianças ele vai contribuir melhor porque ele vai conhecer não é, o contexto que criança tá vivendo ali dentro da escola. Então ele pode realmente ajudar mais.. né.. nesse sentido, que eu tô dizendo, no trabalho que eu desenvolvo. Seria diferente é.. daquele fonoaudiólogo que, ele pode pegar a criança num momento individual ou ele pode entrar eventualmente numa sala pra fazer atividades com essas crianças, mas ele não é sistemático não é isso? É! eu acho que perde muito. Eu acho que a questão de ser sistemático, de você tá convivendo, participando do dia-a-dia do aluno, isso é que é importante, isso é que enriquece e é aí que você pode fazer realmente esse trabalho de parceria junto aos professores. Tanto você vai conhecer os alunos como a dinâmica dos professores e como você como fono pode ajudar. **Até porque você não vai apenas direcionar o olhar para a criança que apresentou um problema, você vai olhar num coletivo.** Exatamente.

Você acha que o fono deve ser obrigatório nas escolas? Por quê?

Com certeza. Esse fono tem que tá participando. Obrigatório? Obrigatório (risos) porque o fono ele é um profissional que ele conhece a linguagem, ele pode ajudar muito.. e como ajuda nessas escolas que já tem esse profissional. **Sim, e esse professor que é preparado? Que tem especialização, que tem mestrado?** Mas ele não tem especialização na questão da fonoaudiologia, da questão específica da linguagem. Ele tem um conhecimento, lógico não é, da linguagem que eu falo. **Você acha que esse conhecimento específico da fonoaudiologia seria justamente diferenciar o que é normal do patológico, que talvez o professor não tenha essa visão?** É, com certeza, essa parte ele não tem essa visão é..relatando mais a minha questão né, quando eu entrei na Carochinha que os professores não tinha essa visão e rotulava muito essas crianças. Quando via que essa criança tava com problema

de escrita, trocando, ou seja na fala, ou apresentando uma gagueira.. é já achavam que aquela criança já era questão patológica. Não via aquilo como desenvolvimento, faz parte do desenvolvimento da linguagem. No momento em que o fono entra e que mostra essa fase, como acontece, como eles vão adquirir .. aí já torna uma parceria do professor e do fono contribuindo para uma melhor aprendizagem do aluno. **Por que seria obrigatório?** Seria obrigatório.. não digo..seria.. não sei se o termo seria obrigatório, mas que seria importante seria, que todas as escolas tivessem fonoaudiólogo. Eu acho que enriquece muito a escola. Pela experiência que eu tenho, de 16 anos na Carochinha, a evolução que a gente tem nesse sentido.. é grande. A questão da minha experiência.

Entrevistada 4

Na pergunta 3, você falou em ensinar, o que você ensina pra o professor?

Eu acho que o que você aprende a partir do fonoaudióloga na escola é exatamente a abrir, a ampliar o conceito que ele tem sobre linguagem. Antes do fono o professor se restringia muito, pelo menos é isso que eu percebo, linguagem como fala, ele associava a isso e achava que a atuação do fono dizia respeito só a isso, só a essa fala não é. E.. não prestava atenção, não tinha essa sensibilidade porque também não tinha o conhecimento específico, em relação aos outros tipos de linguagem, então, eu acho que a leitura do professor em relação ao aluno era restrita e após a entrada do fono na escola, essa leitura do professor em relação ao aluno se ampliou.

Certo, então, na questão posterior, você falou que o fono tem uma visão mais abrangente do que seja linguagem. Aí eu pergunto: justifique por que você acha que o fono tem uma visão mais abrangente, de linguagem, do que o professor? Por que parte do pressuposto que o professor ele aprende alguma coisa na faculdade sobre linguagem.

Primeiro esse aprendizado é muito falho.. é assim.. é incompleto, é superficial não é, não que o fono também saia assim.. da faculdade um “expert” não, a gente sabe que a graduação é um início, ela coloca pulgas atrás da orelha. Então, cabe ao profissional ir atrás e buscar mais e mais. Mas o professor ele não tem acesso, nem a essas informações que o fono tem na graduação.

Como é esse trabalho preventivo com as crianças?

É todo um trabalho de estimulação, então em qualquer ambiente que a criança esteja cabe ao profissional estar junto estimulando. Então o que a gente utiliza são os materiais que os professores também utilizam, o que vai variar é a forma como você utiliza o material, então são histórias, são músicas, são parlendas, são adivinhações, são livros paradidáticos que eles fazem parte do cronograma, então em cada série você atua.. trabalha com determinado livro. Agora o foco, você varia de acordo com a faixa etária e com a necessidade da turma, então se é uma turma de repente de jardim II, que você sente que é muito barulhenta, e os meninos falam muito alto e gritam o tempo todo, então por que não trabalhar “Rita não Grita” que é um livro muito apropriado, a professora também pode trabalhar , mas você vai dar um enfoque voltado à voz, ao controle vocal, a saúde que está dentro da escola. E você como agente de saúde nas escolas.. então o trabalho é muito..esse tipo de trabalho..de estimular, e o foco dentro da necessidade dos alunos.

Quando você falou em atribuir um peso muito grande à triagem, a que você estava se referendo?

É que o resultado dessa triagem não sirva com um resultado maior e isso venha gerar rótulos na criança. Por exemplo, um criança com trocas fonêmicas, se ela está bem inserida no grupo, as trocas precisam ser identificadas mas elas não são mais importante. Você tem que investigar a criança como um todo, então se ela conversa, se ela canta, apesar das trocas fonêmicas, ela participa do grupo, então ótimo! Não precisa colocar um peso tão grande nisso aí.

É.. em caso de crianças especiais na escola, como você pode ajudá-las?

Incluindo né, bom.. na escola não existe essa realidade assim.. é.. nós só temos duas crianças que são especiais, mas elas são incluídas totalmente, elas participam das atividades. Sinceramente a gente não percebe essa diferença porque elas fazem parte de tudo, então a deficiência auditiva não impede que ela dance, ela cante, ela absorva o conteúdo porque os meninos não rotulam, os professores são orientados a não rotularem. São duas pessoas totalmente incluída no contexto. **E quando você encaminha uma criança, seja qualquer dificuldade, linguagem**

ou de motricidade oral ou voz, qual a sua conduta depois, ela continua na escola, então o que você pode fazer?

Os professores recebem toda uma orientação sobre como agir com aquela criança não é, ficam cientes de que ela foi encaminhada e a gente procura estabelecer o intercâmbio com o profissional clínico, não é. Tanto o professor vai é.. adquirir informações através do profissional clínico que vem à escola, como o profissional clínico através do professor.

Você falou de sua estimulação com a leitura junto às crianças, mas tem dias certos pra você entrar em sala? Com os meninos desde a educação infantil?

Não, quem estabelece o horário sou eu né. De acordo com o primeiro dia na escola, eu organizo o horário. Tem determinados dias eu dou preferência ao prédio I, onde existem as turmas de maternal I, maternal I e jardim I. No outro dia eu vou pra jardim II que é o prédio separado e no outro dia eu dou ênfase ao jardim III, que já é outro prédio. Então são 3 prédios: prédio I, prédio II e prédio III e eu divido dessa maneira. Agora isso não impede que nesse meio termo tenha os atendimentos de pais né, que eles procuram e que a gente também manda chamar e assim.. qualquer atividade na escola o profissional da fonoaudiologia está inserido. **Não certo, mas a pergunta é a seguinte. Se você tá lá na segunda, então segunda você tá com o prédio I e entra nessas turmas sistematicamente, todas às segundas-feiras?** É, como são muitas turmas não dá às vezes tempo de entrar em todas, mas assim.. eu estou no prédio I porque às vezes a necessidade de uma turma é maior do que a outra, então a professora tem vários retornos pra me dar em relação ao que a gente conversou anteriormente sobre determinadas crianças, então ela tem mais necessidade de tá lá, ou então ela fez descobertas novas em relação ao grupo, então eu vou me deter mais naquela turma. **Naquela turma com o professor ou com os alunos?** Com os professores e alunos. Porque assim..ela tá me colocando as descobertas e eu vou investigar assim.. vê se confirmo, se concordo com o que ela tá colocando, então eu também preciso tá observando mais aquelas crianças. Eu não fico preocupada em ficar segunda-feira, eu tenho que verificar todas as turmas do prédio I, não! Porque pode ser que o maternal I esteja exigindo mais, haja uma necessidade maior, então eu vou me dedicar mais, naquele dia, ao maternal II, entendeu? Agora elas sabem onde eu estou, estou no prédio I, então qualquer necessidade até de um prédio II, de um prédio III elas vão lá. E acontece, às vezes eu tô no maternal II, aí lá vem uma professora de jardim II, eu queria que você visse porque a mãe solicitou e tal e tal. **Então não tem dia marcado, como tal dia eu vou fazer essa atividade com jardim I, II e III.** Esses dias específicos têm o trabalho com o livro paradidático. Que assim.. tem um horário x ..de 9:00 às 9:45 eu vou tá na turma do maternal 2^A. **Mas não é semanalmente, tem o dia certo do mês?** Exatamente, é mensal esse trabalho do livro paradidático.

Então como ocorre essa orientação prévia sobre linguagem, no início do ano letivo ou só para aqueles pais de alunos novatos?

Não, pode ser no início, em todos os encontros que você tiver que o profissional de fonoaudiologia tiver com os pais. Na entrega de relatórios por exemplo, então antes da entrega há o momento com o profissional, com o fono. Então, é exatamente o momento pra orientar, pra esclarecer, pra falar sobre leitura escrita. Isso no fundamental.. a necessidade das crianças, então os pais recebem informações que eles não tinham antes, mas isso também pode ser feito nos atendimentos individuais, você pode chamar os pais especificamente de Felipe pra conversar sobre isso, se você acha, se você percebe que Felipe tá com dificuldades, sem prazer, não quer vir à escola.. uma série de coisas e você chama especificamente esses pais.

Você acha que a sociedade está mesmo começando a despertar para a fonoaudiologia escolar ou só a escola que você trabalha?

Não, certamente a escola em que eu trabalho, por já ter um respaldo, não é assim.. a questão do retorno, não é.. um retorno positivo, valoriza, o conhecimento já existe, tanto por parte dos profissionais como os pais. Então há realmente uma valorização. E a sociedade eu acho, eu continuo achando que ela tá começando né, ou seja, no início muito inicial sabe, mas eu acho que a visão das pessoas em relação ao fono escolar mudou. Agora isso não é sinônimo de contratação de fonos escolares, eu acho que a visão mudou, eu tô repetindo, mas isso não fez com que as escolas contratassem a mais profissionais, mas eu acredito que ela não tem mais uma visão que é um profissional supérfluo. Não é supérfluo, é um a mais, só que esse a mais é necessário, mas como eu não tenho condições de manter bem nem a equipe básica, que é a pedagógica, então eu como dono de escola, eu não posso contratar esse profissional, que é a mais é necessário, mas a escola pode caminhar sem ele aos trancos e barrancos, mas os pais necessariamente não precisam saber que a escola está .. assim com essa limitação porque os pais também não têm esse conhecimento específico. Então, eu tento tapar o sol meio com a peneira, eu dono de escola, então eu acho.. mas não é mais por falta de conhecimento de quem é o fonoaudiólogo escolar; hoje em dia é uma questão.. se usa muito o

termo, contenção de despesas, então de repente você não contrata aquele profissional, mas não que você não considere. **Mas será que ele sabe o que o fono faz na escola?** Não, o conhecimento assim.. específico não existe. **Ele sabe talvez o que o fonoaudiólogo no geral faz, mas daí a um fono na escola ele confunde e associa a mesma coisa.** É, eles têm a dúvida achando talvez que seja a clínica na escola e não é. Por isso que eu acho que a inserção de fonos na escola é uma coisa assim.. prioritária e quanto mais se divulgar e quanto mais é.. acontecerem palestras em relação ao assunto eu acho que vai favorecer né.. a entrada desse profissional na escola. Mas que a visão não de quando eu sai da faculdade, não é mesmo. Porque quando eu iniciei o trabalho..MEU DEUS DO CÉU! eu só conhecia 3 escolas com a que eu estava entrando, eu sei que hoje não existe tantas outras, mas não são só 3. Existe algumas que eu não acho muito legal, essa questão de assessoria, mas que tem! De qualquer jeito o profissional tá na escola, não é a maneira que eu acho que é eficaz, mas pelo menos existe o profissional na escola, que antes nem se falava em assessoria de fono escolar.. nem se falava nisso. Então, não só as 3 escolas a nível de Recife, o interior também cresceu em relação a isso, a existência do fono escolar..a ..o conhecimento do fono escolar porque antes só existia o fonoaudiólogo clínico. Hoje em dia Caruaru é um interior que tem acesso a isso a...o fono na escola. Então.. já está começando, não tô satisfeita não, achando que o profissional tá muito valorizado socialmente, eu tô satisfeita dentro do meu contexto escolar, que eu acho que o profissional de fonoaudiologia é reconhecido sim, mas na sociedade de um modo geral ainda tem muito o que se fazer. Fono escolar em escola pública é praticamente inexistente, não é? Agora diante da situação que a gente tá vivendo m relação ao serviço público do país como um todo, a situação é precária em todos os serviços... saúde, educação, então a gente tá vivendo um mar de lama, não é. Então como é que a gente pode esperar alguma coisa com a equipe que a gente tem atualmente, eu tô falando em relação à política mesmo. Então a educação não anda, a saúde não anda, a economia não anda, nada anda.. então a gente vai esperar que fonoaudiologia ande no serviço público quando nada anda.. é difícil.

Entrevista com os professores.

Entrevista com os professores

Professores que atuam sem a presença do fonoaudiólogo na escola

Entrevistada 5

Formação acadêmica: Pedagogia

1. Em quantos turnos você leciona e em quais turmas?

Os dois turnos, sendo que 4ª série no turno da manhã e a 7ª série, que é o Fundamental II, no turno da tarde.

2. Já vivenciou algum trabalho com uma fonoaudióloga em sua escola? Em caso positivo, conte como foi essa experiência.

Não, na escola que eu leciono não temos essa experiência de um trabalho de fono. Apenas algumas palestras foram dadas por profissionais de fora e que eu participei de uma.

3. Como você percebe o trabalho fonoaudiológico em escolas?

Apesar de não vivenciar essa experiência eu acredito que um trabalho de fono em escolas deve ser um trabalho preventivo.. é coletivo porque pela quantidade de alunos na escola fica um pouco difícil de ser um trabalho individual, então eu acredito que seja assim.

4. Este trabalho pode trazer benefícios para você e para a escola? Quais?

Acredito que sim, para mim como professora um trabalho preventivo nesse sentido seria excelente e também para os alunos.

5. Como você vê o trabalho desse profissional junto ao corpo docente?

É.. Seria de fundamental importância porque para nós professores é.. saberíamos melhor lidar com a voz e com as doenças que poderão ocorrer ao longo dos anos. É.. até a questão da respiração, de como colocar a voz, do tom da voz realmente na prática todos os dias em sala de aula. Acredito que seria muito bom se tivéssemos um profissional dessa área em nossa escola.

6. Na sua opinião, o fonoaudiólogo, na escola, deve atuar com os alunos de forma individual ou coletiva?

Creio que de uma forma coletiva.. porque um profissional apenas, com o quantitativo de alunos que se tem nas escolas, seria praticamente impossível. Então seria um trabalho mais preventivo também com os alunos, coletivamente.

7. Você percebe diferenças no trabalho com a linguagem de um professor e de um fonoaudiólogo que atue em escola?

Sim, pois o fonoaudiólogo, ele tem a formação para isso..ele tem..ele ele estudou todos os problemas da.. da voz e o professor não. Então eu.. acredito que o fono ele atue muito mais com detalhes, ele percebe realmente os problemas nessa área do que um professor, que até então seria leigo no assunto.

8. Você acha que o fono deve participar do planejamento escolar? Justifique sua resposta.

Seria muito importante porque poderia fazer uma parceria com o professor de sala nas atividades de oralidade, de escrita.. é..cada um desempenhando o seu papel, juntos eu acho que ficaria um trabalho bem melhor e bem mais eficaz, principalmente nas series iniciais.

9. O fonoaudiólogo, na escola, deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

Acredito que deva trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola porque o fono ele vem acrescentar, somar para um melhor desenvolvimento da criança, e se ele for trabalhar numa linha totalmente diferente da linha da escola, o trabalho pode.. a criança pode se perder e.. o fono não alcançar o objetivo que ele pretende.

10. Qual a sua conduta diante de um aluno que apresente dificuldade de aprendizagem?

Bom, se a dificuldade for bem acentuada e estiver fora do meu alcance de resolvê-la em sala de aula, eu encaminho ao setor psicopedagógico da escola pra sabermos em que direção vamos ..vamos encaminhá-lo, ao psicólogo, a um médico, a um a um fono. Basicamente seria isso.

11. Em que o fono pode contribuir para aquelas crianças especiais que estudam em escolas de ensino regular?

Ele pode contribuir..é ajudando aquela criança a falar melhor e se fazer entender também pelas outras crianças ditas normais. Que ele possa interagir melhor através da fala e da escrita.

12. Na sua opinião, o que você gostaria de saber sobre fonoaudiologia escolar?

Na verdade eu gostaria de saber.. de tudo, pois apesar de 17 anos em sala de aula, nunca trabalhei em nenhuma escola que tivesse um fonoaudiólogo, então não tenho ..experiências com..esse profissional. Então, eu gostaria de saber pelo menos as coisas fundamentais, que até me ajudassem a trabalhar com meus alunos e identificar de uma forma assim..mais hábil, mais rápida algum problema e poder encaminhá-lo para um profissional dessa área.

Entrevistada 6

Formação acadêmica: Pedagogia

1. Em quantos turnos você leciona e em quais turmas?

Dois turnos ..é.. turma da tarde no infantil e ensino médio, magistério. Eu ensino a alfabetização, 1º, 2º, 3º e 4º normal médio, 1º ensino médio A e B.

2. Já vivenciou algum trabalho com uma fonoaudióloga em sua escola? Em caso positivo, conte como foi essa experiência.

Já.. é atualmente tô vivenciando porque eu tenho trigêmeas na sala de aula e elas necessitam de um acompanhamento desse.. porque .. já no começo eu.. eu senti a necessidade de de encaminhar pra pra elas. Pra a fonoaudióloga porque tava apresentando problemas de de fala mesmo e dificuldade de aprendizagem e agora elas já tão bem melhor, as trigêmeas, todos três tem problema. Eles têm acompanhamento tanto psicológico como fonoaudiológico,.. tudo.

3. Como você percebe o trabalho fonoaudiológico em escolas?

Tem que ter também a participação com a professora, pra saber como é que tá o rendimento, que que ela tá necessitando na sala de aula e também...assim, o trabalho em conjunto da..das duas profissionais.

4. Esse trabalho pode trazer benefícios para você e para a escola? Quais?

Traz sim benefício, é.. no rendimento escolar mesmo, chega no fim do ano eles já estão bem ..é desenvolvidos e principalmente na educação infantil que a gente tem que ter um cuidado .. maior com esses problemas de.. de aprendizagem, de dificuldade de aprendizagem.

5. Como você vê o trabalho desse profissional junto ao corpo docente?

Bom, a fono ela..ela tem que participar do planejamento, pra saber quais alunos poderia trabalhar e como desenvolver esse trabalho.. porque é importante esse papel, eu tô vendo agora na na nessa série o quanto é importante o trabalho da fono porque a gente já tá em maio e elas já desenvolveram muito bem, as trigêmeas no

caso, já desenvolveram muito bem é .. esse problema, que agora não é mais um problema, porque agora já ..já tá praticamente solucionado. E aí eu não tenho a participação direta com essa fono, mas aí os recadinhos..os recadinho é.. faz com que a gente.. faz com que a gente melhore mais esse.. essas dificuldade, agora se tivesse esse acompanhamento seria muito melhor, se tivesse esse contato direto na escola, seria melhor. Como a psicóloga também, que a gente um contato mais direto e a gente vê que é..99% de aprovação desse desses alunos, dessas crianças.

6. Na sua opinião, o fonoaudiólogo, na escola, deve atuar com os alunos de forma individual ou coletiva?

Individual.. porque é.. ela tem mais percepção do do problema de cada criança e aí sabe diagnosticar exatamente a a disfunção de cada criança.

7. Você percebe diferenças no trabalho com a linguagem de um professor e de um fonoaudiólogo que atue em escola?

Tem diferenças. Eu como professora trabalho no no todo, eu trabalho no geral na sala de aula e a fono trabalha mais específico, com cada criança, com cada dificuldade apresentada.

8. Você acha que o fono deve participar do planejamento escolar? Justifique sua resposta.

Como já havia falado na na questão anterior, deve sim, participar do planejamento escolar porque se a escola trabalha em conjunto, então porque não ela também fazer parte desse planejamento.

9. O fonoaudiólogo, na escola, deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

É, todo profissional quando tá entrando num ..numa escola, ela tem que seguir a linha pedagógica da da escola. Primeiro se eu era de uma escola tradicional e entro na escola totalmente construtivista é..no início vou ficar um pouquinho fora da realidade, mas aos poucos eu tenho que.. é é.. me encaixar.. procurando saber a o método, a linha, o o que seja, mas eu tenho que me adequar à realidade de cada colégio, de cada escola.

10. Qual a sua conduta diante de um aluno que apresente dificuldade de aprendizagem?

É.. já no começo do ano é difícil ..é..diagnosticar cada dificuldade não é, de cada criança, mas quando a gente vai conhecendo aquela criança, a gente vai já fazendo é..parecer, diagnóstico e aí a gente encaminha pra cada setor, ou seja, de psicologia ou fonoaudiologia.

11. Em que o fono pode contribuir para aquelas crianças especiais que estudam em escolas de ensino regular?

É..é interessante esse trabalho que o fono vai desenvolver porque ela não tá só ajudando a criança, e sim o professor. Direta e indiretamente ela vai tá orientando aquela criança, aquele professor que tá passando dificuldade e uma das contribuições mai maior..assim que ela pode contribuir é no desenvolvimento da fala.

12. Na sua opinião, o que você gostaria de saber sobre fonoaudiologia escolar?

Gostaria de saber o papel que o fono desenvolve em cada escola e o que poderia acrescentar para, no caso, o professor. Como trabalhar em sala de aula também.

Professores que atuam com fonoaudiólogo na escola

Entrevistada 7

Formação acadêmica: Pedagogia

1. Em quantos turnos você leciona e em quais turmas?

Este ano de 2006 estou lecionando um turno, pela manhã, na sala da alfabetização.

2. Já vivenciou algum trabalho com uma fonoaudióloga em sua escola? Em caso positivo, conte como foi essa experiência.

Já vivenciei, eu tô nessa empresa há 11 anos e tem 11 anos que eu trabalho com uma fonoaudióloga escolar, onde ela dá um suporte pra gente a nível de avaliação, estimulação..certo, com as crianças. E a nível de professor também, certo, que a gente tem um trabalho paralelo com ela né, onde ela também transforma a gente em ferramenta pra desenvolver esse trabalho de linguagem né, de linguagem oral e também de linguagem escrita. Principalmente aqui na alfabetização, embora aqui já tenha desde o maternal. Esse trabalho realmente existe.

3. Como você percebe o trabalho fonoaudiológico em escolas?

Bom, aqui na escola, assim é.. na alfabetização ela faz o seguinte, na alfabetização especificamente, ela entra em.. 4 vezes no início do semestre com um livro, certo, é um livre que já vem falar de alguma atividade de linguagem, um livro para-didático..uma historinha. A partir daí ela tá trabalhando, já com a linguagem de forma formal com a criança e fora isso, ela continua entrando..certo, sistematicamente, para avaliar e estimular essas crianças. Então, ela diagnosticou, por exemplo, uma criança que tem uma troca ou alguma omissão ou então algum problema de articulação do pensamento, se aquela criança..se a oralidade dela ainda vai se desenvolver...então ela tanto entra em sala pra estimular a história desse livro como, também, assim.. trabalha comigo. Eu faço “fulana, tô aperriada com x porque ele não tá conseguindo articular o pensamento dele, ele não tá respondendo coerente com o que diz”. Aí ela faz, Brenda faz assim assim assim, vamos tentar fazer isso, vamo tentar trazer esse lúdico pra cá, é..chamar a família, a gente trabalha com essa parceria, com essa família. Tem momentos que ela atende só, essa família, acho que no início né, pra diagnóstico, depois ela também me chama e a gente atende junto. Eu faço a minha parte, falando o que eu percebo em sala e o porquê de ter encaminhado, e ela, por sua vez, também, é ..faz isso. O que ela trabalha na sala de aula com a gente e na salinha dela. **Agora esse sistemático, ela entra toda semana?** Toda semana. Agora.. assim, geralmente, por exemplo, esse primeiro semestre certo.. é como ela tá como livro didático tá.. então ela entra só na alfabetização..certo. Aí nesse mês que ela tá na alfabetização, as outras salas, ela vai entrar se a professora solicitar, tá entendendo. Quando ela acaba o período, por exemplo, desse livro.. aí acontece ela vai pegar o livro do jardim dois, então ela só vai entrar na minha sala, agora, quando eu solicitar. Ela faz um trabalho e ela dá uma pausa, no primeiro semestre. No segundo semestre ela volta novamente e passa mais um período lá. Na verdade ela vai tá sempre em uma sala, mas não necessariamente só na minha. Então, se acabou um livro, ela não deixa de vir mais na minha sala não. Eu faço.. “olhe, eu tô sentindo necessidade disso”, ela passa, ela avalia, ela estimula, ela pega caderno, ela vai.. e muitas vezes ela também tira de sala. Porque às vezes tumultua muito, chega uma pessoa estranha na sala e então eles ficam querendo saber o que é..então a gente faz um grupinho e leva pra sala dela, pra acontecer esse trabalho. **No caso, o grupinho que tem dificuldade? É o grupinho que tem dificuldade? Pra estimular mais?** É. às vezes até pra avaliar entende..porque.. pra dar o respaldo pra essa família, então ela leva, faz avaliação com eles e às vezes estimulação também, mas, assim, tendo consciência que não é só o que ela faz aqui não, ela também indica porque não dá pra fazer isso aqui também e a gente faz isso com a família também, porque a família ..a tendência é essa, que como tem a fono escolar..a gente se acomoda um pouco, ah tem um fono já tá sendo assistido e o trabalho é totalmente diferente né. A gente tem o diagnóstico, essa estimulação que a gente chama de prevenção, mas o próprio tratamento a gente não pode fazer.

4. Este trabalho pode trazer benefícios para você e para a escola? Quais?

Com certeza, com toda certeza, só traz benefícios. Pra mim como educador, eu falando como uma professora realmente assim.. a gente trabalha é..voz, respiração, relaxamento, a água ..olha a minha aqui ó..para beber. Tudo isso foi através dela, desse serviço que o colégio oferece. E pras crianças certo, nem se fala, uma vez que eu tenho consciência do que eu tô tendo desenvolvido né.. a nível das crianças né uma linguagem, você já fica com um sexto sentido digamos assim.. então poxa, isso aqui eu não to dando bem, então eu chamo ela pro suporte, então a gente previne antes, do que esperar que realmente que a criança tenha uma coisa mais estalada, por exemplo, uma gagueira não sei..então a gente já tem aquele termômetro né, antes, de prevenção e a gente percebe e encaminha pra ela, ela, por sua vez, conversa com a família e encaminha prum fono fora do colégio. **Agora esse trabalho de voz é sistemático?** Não, olha isso foi feito é..geralmente nas férias de julho quando a gente fica sem criança, tem um momento com a fono e ela fala alguma coisa e em janeiro, que é o período que a gente tá sem criança certo. Então ou ela dá texto que a gente trabalha..isso ao longo dos anos né... **Não tem só um ano não, né?** Não, sempre tem. Esse ano ainda nem teve certo..e se por exemplo, se a fonoaudióloga perceber que um grupo determinado tá precisando, a gente tem, uma vez por semana, orientação pedagógica, é uma hora que o colégio paga, que a gente fica com uma supervisora. Então, nesse momento, nessa hora, ela entra também nesse momento e trabalha com a gente, também. Ela trabalha assim, muito com a gente, construção de história, então, nesse momento que a gente chama de OP, ela vem e a gente articula o pensamento, tem a dramatização, tem esse momento com ela. Agora pra gente, professor, só no final do semestre.

5. Como você vê o trabalho deste profissional junto ao corpo docente?

Falar dela, especificamente, é muito bom, ela assim.. trás uma leveza desse serviço.. pra gente e até um esclarecimento porque infelizmente eu já trabalhei em outras empresas que a gente não tem esse serviço e eu levo muito do que eu aprendi. Pela pessoa dela, dessa fonoaudióloga para outra escola certo.. porque ela acredita no que faz, ela prova..ela diz assim “vamos ver.. vamos fazer o teste..faz assim assim assaado e vamo ver o que

acontece?” então você assim..contesta e vai é..se depara com a verdade realmente. então, foi a partir dela que eu comecei a procurar um profissional por causa dos meus calos, então, essa relação dela é muito estreita com a gente e ela acredita muito no que faz, sabe.. aí passa essa verdade pra gente entende. Ela sempre tá inovando..a nível de aluno, ela faz uma fichinha pra gente, que pergunta o que você tem feito por essa criança que tá com dificuldade né.. e todo mês ela entrega essa fichinha pra gente e isso amarra, porque a tendência do professor, principalmente na alfá, é ficar envolvido nas outras coisas e esquecer os exercícios fonoarticulatórios e aquela fichinha eu tenho que responder pra entregar a ela..então eu vou responder sem fazer? não vou. Então a gente já encaixa no planejamento, então naquele momento que eu tô contextualizando aquele exercício eu tô percebendo aquela criança..então eu vou lá e anoto pra ela. Então eu noto que a fono fica sempre muito atenta, amarrando isso, pra que a gente não deixe isso escapar, então o que ela pode fazer ela tá fazendo.

6. Na sua opinião, o fonoaudiólogo, na escola, deve atuar com os alunos de forma individual ou coletiva?

Olha, Carol, eu vejo assim..eu acho que as duas formas sabe... eu acho que ela tem que pegar aquela criança dentro de um contexto, desse coletivo, ela fica mais como ouvinte, observando .. se a criança se coloca.. se a criança é realmente assim.. é .. se defende, até conversando realmente e depois, fazer um trabalho mais específico assim..de avaliação, individual.. entende.. vamos pegar essa criança isolada, ver o que ela responde pra mim e ela dentro de um contexto. Porque se ela tá na escola, ela tá inserida dentro de um meio né.. eu não posso também tirar ela e acabar e esquecer o meio que ela está. **Mais o individual é para avaliação?** É. Porque já que o trabalho ela não vai resolver..o fono escolar ...o papel não é. **Mas ela faz estimulação também.** Ela faz estimulação, não individual, a estimulação é feita no geral.entende, no momento que ela chega que ela tá articulando esse pensamento..é uma estimulação. No momento, por exemplo, que ela tá contando uma história.. eu posso até te mostrar o livrinho que ela tá trabalhando, é “Ninguém é perfeito”, ela inclui os exercícios fonoarticulatórios, ela faz expressão, ela dramatiza isso entende.. ela estimula.

7. Você percebe diferenças no trabalho com a linguagem de um professor e de um fonoaudiólogo que atue em escola?

Eu percebo. Com certeza, veja..eu noto ela indo muito direto nos aspectos entende.. é ..agora a gente termina convivendo tanto que termina pegando né.. como eu tô dizendo, na outra escola que eu trabalhava, eu levava as coisas que eu aprendi..entende, então assim..eu tinha sensibilidade já pra isso e então eu tava fazendo gargarejo ou era pegando o canudo e soprando, então, dentro da minha sala eu fazia isso. Agora eu percebo ela trabalhando mais linguagem que outros conteúdos, outros aspectos entende..ela já vem direcionada para aquilo, ela já vem com instrumentos que às vezes a gente nem conhece, apesar dela já ter dado pra gente uma relação.. de canudo, de bolinha de sabão, até o próprio bocejar, mas ela já vem direcionada e ela já usa isso. Uma coisa que eu percebo nela é que ela articula muito bem as palavras né e às vezes eu digo pra ela “eu queria pegar isso seu” e ela me diz “você não imagina como é bom também para a nossa voz”, então ela fala com o rosto, com o corpo, com as mãos sabe.. os meninos se encantam..eu percebo que isso favorece a atenção deles..ela se mexe muito, ela arregala os olhos, ela tem muita expressão...ai Meu Deus! isso daí eu acho que já é direcionada pra área assim.

8. Você acha que o fono deve participar do planejamento escolar? Justifique sua resposta.

É, com certeza. E que ela já faz, faz pouco, até eu confesso a você que faz pouco porque ela faz quando a gente solicita, mas também o universo é enorme, não é nem porque ela não queira, ela até diz “me cobrem”, mas eu acho que tem tudo a ver. Inclusive às vezes a gente por já tá tão metida a fazer isso que às vezes a gente quer colocar exercícios que não tá nem tão compatível com a faixa etária né.. aí ela dá uns puxavões e diz “não, minha gente, calma”.. porque eu já ensinei jardim I. Ela diz “assim já tá demais eles ainda estão na fase de adquirir outros fonemas”. Então eu acho que a gente tem que ter esse suporte realmente com ela.. que a gente começa a andar e às vezes começa a andar muito e ela tem que dar essa freiadazinha. **Nesse planejamento escolar, onde ela não pode fornecer esse atendimento a todos, mas ela dá até que série? Esse trabalho de fonoaudiologia na escola vai até que série?** Ela trabalha até a alfabetização onde ela dá esse suporte, as crianças que terminam a alfabetização e que vão para a primeira série né.. elas conversam com a professora, a professora é capacitada entre aspas para continuar esse trabalho, mas não existe a fono escolar a partir do fundamental I, ela fica só com a gente. A supervisora ela tem fonoaudiologia também, então ela tem uma visão disso, mas ela não atende aqui na escola como fonoaudióloga.

9. O fonoaudiólogo, na escola, deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

Não, acho que tem que trabalhar não..veja, tudo é um meio termo e um bom senso pra ser usado aí. Se é uma escola que favorece esse desenvolvimento, essa oralidade, já vem tudo trabalhando por aí, lógico que ele vai tá trabalhando com isso, agora, se uma escola que não valoriza isso entende..uma escola tradicional, digamos assim, que a oralidade tem que ser deixada de lado que a criança tem que tá calada..muito certinha.. aí com certeza, ele não tem que seguir essa linha.

10. Qual a sua conduta diante de um aluno que apresente dificuldade de aprendizagem?

Veja, aqui, a gente trabalha muito em parceria. A gente tem supervisor, que ela atende e cuida dessa parte pedagógica, tem o coordenador que é a parte de disciplina, tem a psicologia.. a psicologia que é a parte emocional e a fono. Então, a gente trabalha muito em parceria, geralmente é o professor que diagnostica. Hoje mesmo, eu percebi uma criança que não consegue fazer translação do quadro, uma por brincadeira, e outra, porque realmente não consegue. Então eu já começo a ver... poxa, será que é visão, será que é uma criança que não conhece as letras, então, a partir do momento que eu faço a minha sondagem certo.. aí eu começo a pegar essa criança mais próximo e eu vou vendo o que é..não é uma dificuldade anterior, ele ainda não tá conseguido reconhecer as letras, aí eu chamo a parte pedagógica da escola e, a mesma, a supervisora, chama a família e indica um trabalho a ser feito paralelo a gente certo. Se eu percebo que a família já chegou pra mim ..uma parte emocional eu vou para a psicóloga..então eu trabalho muito em equipe muito em parceria. Agora uma coisa que eu acho que é o diferencial daqui é que a gente tem um profissional em cada turma.. certo, então a partir do que é feito a partir da minha sondagem, a estagiária, ela começa a trabalhar com as crianças que já estão bem certo.. a partir da minha orientação, então eu dou a tarefa e continuo encaminhando essa tarefa..ela fica com esse grupo todo e eu fico com as crianças que estão com dificuldade, a nível de estimulação, então eu trago tarefa diferenciada, material diferenciado...seja sensório-motor, visual, qualquer coisa que eu possa prender essa criança.

11. Em que o fono pode contribuir para aquelas crianças especiais que estudam em escolas de ensino regular?

Eu já tive uma criança na alfabetização também, que ela tinha uma síndrome que não foi identificada essa síndrome. Ela tinha uma idade cronológica, um ano atrasada, ela tinha sete anos, mas respondia como uma criança de 6 anos, isso foi o que a família trouxe para mim. Mas visivelmente você percebia que essa criança era diferente certo..ela era assim mionzinha, tinha uma perna maior que a outra, tinha manchas pela pele, o cabelo bem ralinho e você via o coro cabeludo..então os olhos afastados de síndrome realmente ... o fono entrou com certeza...a linguagem bem nasalizada, a voz. Então nesse momento todo o serviço entrou, inclusive o fono né..uma para a aceitação do grupo porque a nível do colégio assim..são poucos, então a criança realmente chocou um pouco, mas assim, o trabalho que a gente trabalhou com literatura, aí entra né.. tudo, o diferente..então a gente tentou e a gente conseguiu, no final do ano, incluir essa criança em sala de aula. É.. alguns pais questionam ..eles acham assim.. que como a criança é assim, vai puxar o filho para que o filho não desenvolva, não percebendo o contrário, que o filho favorece essa criança a se desenvolver. E tem uma troca porque ninguém tá completo, né.. eu posso saber na área de matemática e linguagem.. então essa criança era extremamente organizada e juntava junto de crianças que não eram, então, a gente percebia um trocando com o outro. E o que é mais sério nessa criança era que ela fazia xixi, ainda, na roupa, ela não controlava né.. então ela ficava com vergonha e as crianças da sala começaram a ajudar e chamava o nome dessa criança e ajudava, perguntava se ela queria fazer xixi e iam com ela e então essa criança foi desenvolvendo uma autonomia e ainda continua na escola e controla esse xixi ..é acredito que o fono tem um papel especial. **Mas em que o fono contribuiria né, em qual ponto que ele teria que contribuir para essa criança especial?** É.. tanto ele como os outros serviços, nessa aceitação, nesse trabalho de família, você trabalhar com a criança é muito bom, o que vai dificultar mais são os adultos que estão nessa jogada né certo, porque eles chegam pra gente, criticam, questionam e se você não tá muito seguro do que você tá fazendo você termina colocando seu trabalho em jogo..então assim, o fono, como os outros serviços, entram nesse trabalho, então, também de avaliação..então eu vou procurar o serviço para ver onde vou atuar.

12. Na sua opinião, o que você gostaria de saber sobre fonoaudiologia escolar?

Eu nunca parei para pensar nessa pergunta, foi até bom. Eu não sei essa cultura que ainda permeia em nossa sociedade de que o fonoaudiólogo é supérfluo, porque eu já trabalhei em outras escolas e não tem. A escola ainda acha supérfluo, acham que o professor sozinho pode encaminhar, pode resolver e que muitas coisas desse trabalho você não tem do retorno. E outra coisa que me despertou agora também, entra nessa questão de cultura, cultura da família, porque o trabalho do fono, não o escolar, é constante e assim um longo tempo e as famílias

ficam achando ruim. “Já vou voltar novamente, nunca tenho alta”, então eles ficam forçando muito essa criança..se você conseguir falar essa letrinha, mainha lhe dá um prêmio. Então a criança fica naquela angústia pra querer, mas não depende só disso, tem um tempo pra se fazer tudo isso, então, diferente se é trabalhado isso, pra gente trabalhar essas famílias, a nível entende ..de esclarecimento sobre o que é fonoaudiologia, do que é que se trata em fonoaudiologia, quais são os ganhos que se tem oferecendo esse serviço.

Entrevistada 8

Formação acadêmica: Pedagogia

1. Em quantos turnos você leciona e em quais turmas?

Dois turnos.. é terceira e quarta série.

2. Já vivenciou algum trabalho com uma fonoaudióloga em sua escola? Em caso positivo, conte como foi essa experiência.

Já! Todos os dias (risos). Não, eu acho o seguinte é..hoje eu acho assim, bem diferente o trabalho do fono porque antes ficava, em outros locais que eu trabalhei, o fono chegava detectava problemas na fala, na escrita né.. e tentava fazer um trabalho de encaminhamento, e nessa aqui, é diferente porque pra se detectar as dificuldades das crianças .. o trabalho tem algo a mais. Eu acho o trabalho excelente porque todas as áreas são trabalhadas dentro de sala porque a gente trabalha com a música, com a poesia, com a dança, com o teatro, mas com o objetivo de trazer as dificuldades das crianças através da escrita, mas de forma diferente, não aquela coisa secamente pra se detectar problemas. **Mas você ou a fono?** A fonoaudióloga, não é..e a gente participa do trabalho em sala vivenciando com ela é..o trabalho que ela faz com os meninos. Mas eu acho assim o trabalho nota 10 porque eu acho é o seguinte nota 10 porque quem chega e vê, sente que tem algo a mais porque os meninos gostam dela e desde a ..como se dirigir, a falar, o tom de voz, todos esses cuidados que tem que se ter, até com a própria voz, que ela tem cuidado com isso, mas o trabalho em si, é interdisciplinaridade do fono hoje ela é muito grande..com a gente na sala de aula porque a gente trabalha tudo que a gente pode e detecta dificuldade, juntos, e vai ajudando muito o trabalho da gente através do trabalho da fonoaudióloga. Eu acho que é uma coisa especial porque o menino faz poesia, ele vai aprimorando a escrita de uma forma muito boa, que a gente teve aluno saindo de uma terceira série com uma escrita excelente e foi detectando as suas dificuldades e sanando..agora, aquilo que é mais, eu acho que.. não sei a linguagem mais adequada.. quando o menino tem uma troca que é persistente, há um acompanhamento maior e é indicado também pra que um outro profissional possa fazer um acompanhamento, se for necessário, extra escola... que às vezes é necessário, mas a nível de escola eu acho o trabalho muito bom.

3. Como você percebe o trabalho fonoaudiológico em escolas?

Eu acho que há uma integração muito grande dos profissionais com o professor em sala de aula, uma escola como um todo. Então, eu acho que o ponto básico aí é a integração do profissional com o professor. **Você falou que, quando uma criança tem dificuldade, há uma atenção maior. Como é essa atenção maior?** Porque como não é a minha especialidade se a gente percebe trocas ou erros de seguimentação ou alguma coisa que a gente vá percebendo, do que eu vejo, mostrando pra o serviço de fono, ela vai ver o que é sistemático e o que é assistemático porque às vezes é só uma questão de atenção. Se é persistente, então, vai se ter uma atenção maior em cima disso, mas o trabalho é pra todo mundo, mas não descuidando da percepção que se teve de determinado aluno pa detectar esse problema. Então eu acho que a integração do serviço, com o professor, é altamente importante porque um vai auxiliando o outro, no trabalho, de uma forma mais clara...vai esclarecendo dúvidas.

4. Esse trabalho pode trazer benefícios para você e para a escola? Quais?

Eu acho que só traz crescimento, pra mim que não sou da área, mas tô envolvida na área pelo trabalho que é feito em sala de aula. E a escola cresce tendo um serviço desse porte dentro da escola que tem uma linha de trabalho diferente das demais. Eu acho que isso não é comum, eu acho que né todo profissional que trabalha uma linha dessa dentro da escola..eu acho que há trabalho mais direcionado, sem muito incentivo e acaba se tornando uma coisa chata que você faz aquilo pra tá com uma preocupação maior de detectar isso..aquilo. Os meninos às vezes faz..ahh a gente vai ter que escrever..no começo, eles não gostam muito de tá forçando a escrita, mas depois a gente vê que o fruto é muito bom..é gratificante.

5. Como você vê o trabalho desse profissional junto ao corpo docente?

É um trabalho de integração muito grande porque há uma integração porque há uma preocupação sempre..quando desenvolve projetos que a gente tem traçado pro ano, o fonoaudiólogo, não tá de fora. Ele tá inserido no mesmo projeto, trazendo idéias, buscando sempre, a gente tá trabalhando junto né.. com a maioria dos docentes. Todo muito é muito próximo do fono e é devido a essa proximidade muito grande que o resultado tem sido muito bom.

6. Na sua opinião, o fonoaudiólogo na escola deve atuar com os alunos de forma individual ou coletiva?

Pelo que a gente vê pela proposta de trabalho, no coletivo, ela vai detectando as dificuldades mais específicas e isso não impede que o profissional chame esse aluno, quando percebe algo diferente, que precisa ser mais cuidado, há acompanhamento fora de sala de aula, mas se a coisa é muito mais séria o profissional chama os pais pra que haja um acompanhamento fora, pra que possa melhorar essa condição do aluno. É feito na escola aquilo que é possível ser feito, aquilo que dá para o profissional fazer porque tem uma questão de fator tempo, porque se atende a todas as séries da escola inclusive a educação infantil e a necessidade maior, se aconselha os pais, a colocar por fora. **Mas como você vê esse atendimento individual com a criança? Da fono com a criança?** Eu acho que é satisfatório porque ela detecta, chama, e vai conversando com o aluno e vai fazendo algumas atividades que vai sanando esse tipo de problema. Eu acho satisfatório, só que tempo seria melhor ainda.

7. Você percebe diferenças no trabalho com a linguagem de um professor e de um fonoaudiólogo que atue em escola?

Eu acho o seguinte, no nosso caso, é..o que faz a diferença é o seguinte.. as atividades que são dadas são muito diversificadas. O tipo que é trabalhado o professor também trabalha, mas o professor tem aquele horário mais apertado pra trabalhar de uma forma que você possa tá diversificando sempre..a música, o teatro, a dança..alguma coisa que você vai movimentando muito em sala de aula.. a expressão corporal, então, o professor por mais que ele tente fazer alguma coisa diferente no dia, mas o tempo vai correndo e você tá sempre tentando vencer e indo de encontro ao tempo, pa poder ..que esse planejamento, o conteúdo ser dado. Então o profissional de fono, quando chega, ele tem o espaço dele, uma aula inteira, então aquele horário é especificamente para aquilo, então, os meninos eles já está preparado para que aquilo aconteça na aula de fono. Há uma expectativa porque hoje é a sombrinha, amanhã já é uma história, então, o que tem de diferente é nisso porque vai se associando as artes plásticas, a modelagem, tudo numa mesma aula e vai por ali transcorrendo direitinho naquela aula de fono e a gente vai..se a gente for fazer.. eles relaxam um pouco porque sabem que você está direto com eles, então ultrapassa os horários e aí você não consegue vencer totalmente aquela atividade. E com o serviço de fono, não, porque elas chegam deixam até pra outra aula, para continuar, e aí vai se tornando uma coisa mais movimentada e bem mais agradável.

8. Você acha que o fono deve participar do planejamento escolar? Justifique sua resposta.

Ela participa também e já vai montando o projeto do ano todo, pelo o que a gente conversa em reunião. Porque geralmente a gente tem um projeto do ano inteiro, então ela já começa a pensar como incluir as atividades dela, dentro do projeto que a gente vai desenvolver, que esse ano é “Aprendendo brincando”. E todos os dias ela sempre tá .. “e aí, idéias, eu trouxe e vocês o que têm?”. Ela sempre traz idéias pra gente e a gente pra ela. Carnaval agora foi assim, aí ela trouxe a sombrinha..olha vamos fazer as sobrinhas, com os meninos e depois a parte escrita, vem todo o contexto da criatividade, a idéia, a oralidade e a escrita, partindo do lúdico mesmo. **Agora aqui tem aula de artes?** Tem artes também.

9. O fonoaudiólogo, na escola, deve trabalhar de acordo com a linha pedagógica da escola ou seu trabalho independe dela?

Eu acho o seguinte que pelo menos..é porque a gente dança conforme a música, seja lá qual for a filosofia de trabalho do profissional, ele tem que tentar atender à filosofia da escola que ele tá trabalhando né. Necessariamente cada um tem uma linha própria..querendo ou não, você não foge às suas tendências e vai.. essa é mais viável e essa que eu vou trabalhar, mas ela tem uma linha de trabalho né que tenta associar à escola o máximo que pode, mas de uma certa forma ela vai tentando pôr em prática, dentro de suas idéias, o máximo que ela pode mesmo que não esteja tão voltado pra essa filosofia da escola, mas a gente tenta mostrar o que há de bom na quilo que a gente pode aplicar. Então, a fono tem muito assim, ela não mete a cara sozinha, vou peitar e

vou fazer, todo corpo docente e administrativo tem conhecimento do trabalho dela e de como ela vai executar esse trabalho.

10. Qual a sua conduta diante de um aluno que apresente dificuldade de aprendizagem?

Aquilo que eu percebo, que eu vejo que é sistemático, eu vou discutir com a fono, se é o que eu estou pensando realmente, se é um problema que deve ser tratado através dos serviço de fonoaudiologia ou se é uma coisa assistemática e eu tô me precipitando. Então, a gente vai ver através de algumas atividades, o que eu posso fazer pra que a gente detecte aquilo, mas eu recorro sempre ao serviço de fono para que ela me oriente..o que que podemos fazer juntos, que a gente detecte se o problema é ou não o que a gente pensou ser porque ela tem uma visão realmente maior. **E quando o problema é maior?** Quando tem.. aí ela diz “ ó, é isso aqui, vamos ver se a gente consegue resolver por esse lado, se a gente não conseguir, a gente chama os pais para orientar para um trabalho extra escola”, mas a princípio, a gente tenta de todas as formas..como a escola pode ir trilhando..nós em sala de aula e a fono chamando o aluno, partindo do que o professor mostra pra ela e o que ela percebe porque, às vezes, eu percebo e muitas vezes ela não percebeu, no material escrito dela..então, vamos observar mais, até porque o tom de voz dela é outro e ela vive policiando a gente.

11. Em que o fono pode contribuir para aquelas crianças especiais que estudam em escolas de ensino regular?

Eu acho que todo trabalho levado com seriedade, porque tem profissional e profissionais, você tem que abraçar a causa. Então eu acho que ele pode ajudar muito, se ele tem já algum especial pra ser cuidado, com a maior intenção, eu acho que na sala, pelo menos na maioria dos casos, o tempo é o maior rival, ele pode ajudar? ... pode. Mas se ele precisa de uma atenção dobrada, nem sempre é possível. **O atendimento individual? O atendimento individual.** Ele é possível, mas depende da carga horária do profissional..é por isso que eu digo, o tempo é o um rival danado... se se atende a todas as turmas, durante todos os dias, eu acho que nesses espaços, deve ter um horário pra que ele possa fazer esse atendimento individual, para essas dificuldades específicas. **Mas aqui faz esse atendimento individual?** Aqui, quando tem, tem geralmente um dia branco, aula vaga, aula branca, pelo menos tinha, até o ano passado, que a fono não pegava..eu acho que era maternal ou então jardim, aí tinha umas brechas nos horários em que ela fazia atendimento por conta desse horário que sobrava, com as crianças que tem uma dificuldade maior, e quando geralmente tem, se chama os pais. **Nesse atendimento individual, em que ela poderia contribuir... se fosse, por exemplo, um deficiente auditivo?** Eu acho que ela tem meios pelo conhecimento que tem, de ajudar em alguma coisa. Não sei assim especificamente, o que o fonoaudiólogo pode fazer com um surdo, com uma criança com dificuldades de linguagem, mas eu acredito que ..ela tendo um espaço pra que isso aconteça, ela pode trazer contribuições...olhe, eu já fiz alguns exercícios na linguagem, aqueles exercícios que ela mandava para melhorar minha garganta..eu achava uma graça. Inclusive eu tive alguns alunos que o período que ela chamou ela deu algumas dicas, alguns..meio..alguns tipos de exercícios que ele podia fazer, até mesmo em sala de aula, porque a gente tem muito menino com dificuldade na denteção, de boquinha aberta, porque é dentuço, usa aparelho, a própria linguagem e ela passou alguns exercícios que ele pudesse fazer em qualquer lugar que ele tivesse. Então eu acho que algumas deficiências que são mais leves, alguma coisa mais..mesmo sendo numa criança especial, tem algumas coisas que o fono pode indicar que ele faça, mesmo com o curto período que ela tem. Acho que se ela tem tempo, isso pode acontecer, não é uma coisa que vai sair..um tratamento de uma hora, como se tem num consultório extra.

12. Na sua opinião o que você gostaria de saber sobre fonoaudiologia escolar?

Eu acho muito bom como é feito, mas eu acho que são poucas as pessoas que fazem assim. Eu acho, pelo o que eu já vi do que que o fono.. como trabalha em sala de aula assim..porque eu acho que é uma coisa muito da criatividade do profissional, da linha que o fonoaudiólogo resolveu trabalhar, a forma como ele achou melhor de fazer o trabalho dele. Aí, ao pé da letra, para que se definisse ao pé da letra..eu gostaria de saber assim..os demais profissionais, em outras escolas, como é que ele vem trabalhando isso? Eu realmente gostaria de ver isso mais de perto porque eu trabalho em outra realidade, tem uma psicopedagoga, mas não tem o setor de fono e qualquer coisa a gente pede pra ser encaminhado, extra escola. Mas eu gostaria até de saber como é que o fono trabalha na escola.